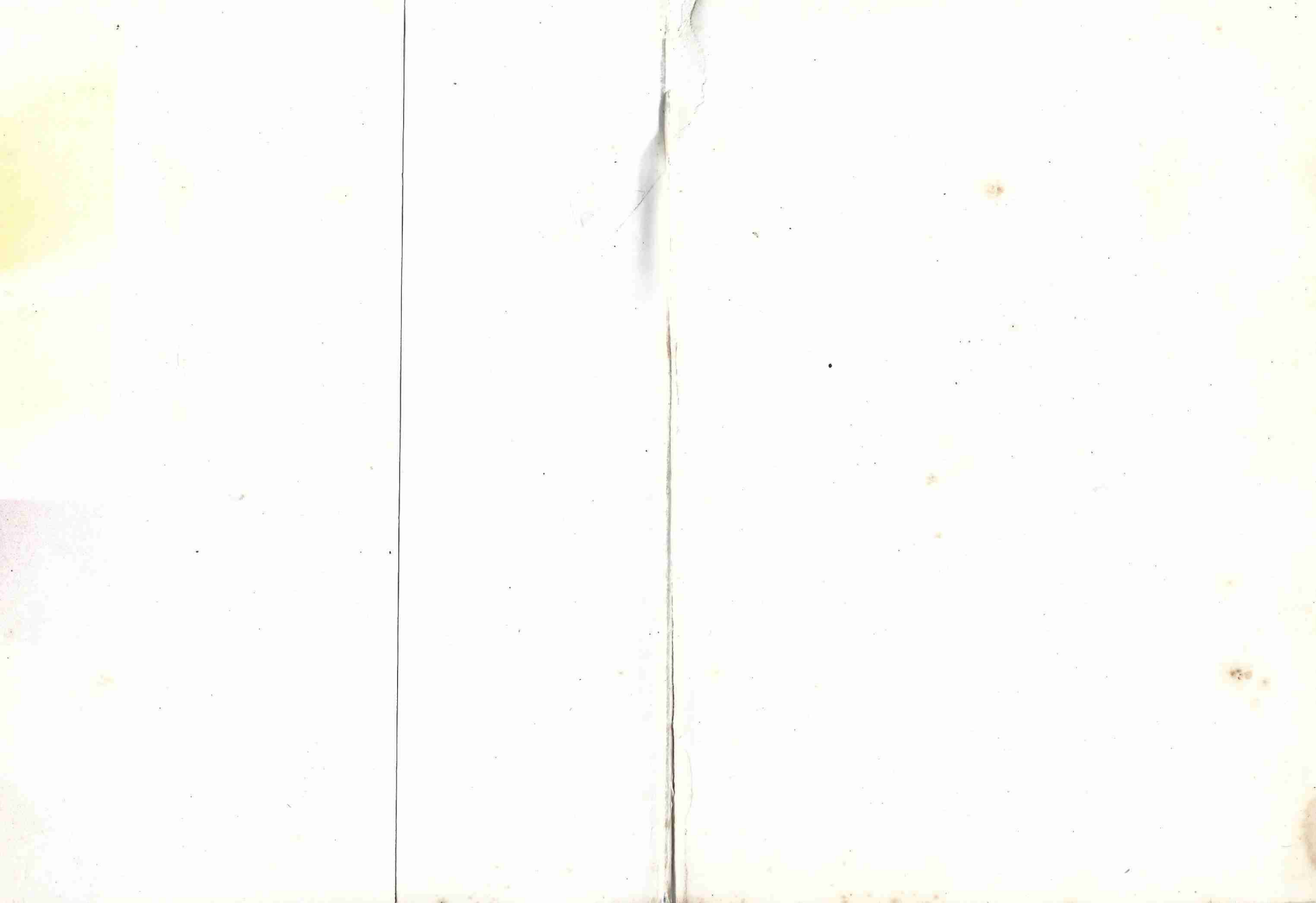


ESTAMOS NO ALÉM



FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
ESPÍRITOS DIVERSOS - HÉRCIO MARCOS C. ARANTES



**ESTAMOS
NO ALÉM**

Diagramação: Vivaldo da Cunha Borges
Capa: Cláudio de Oliveira Santos

1a. edição - 1983 - 15.000 exemplares

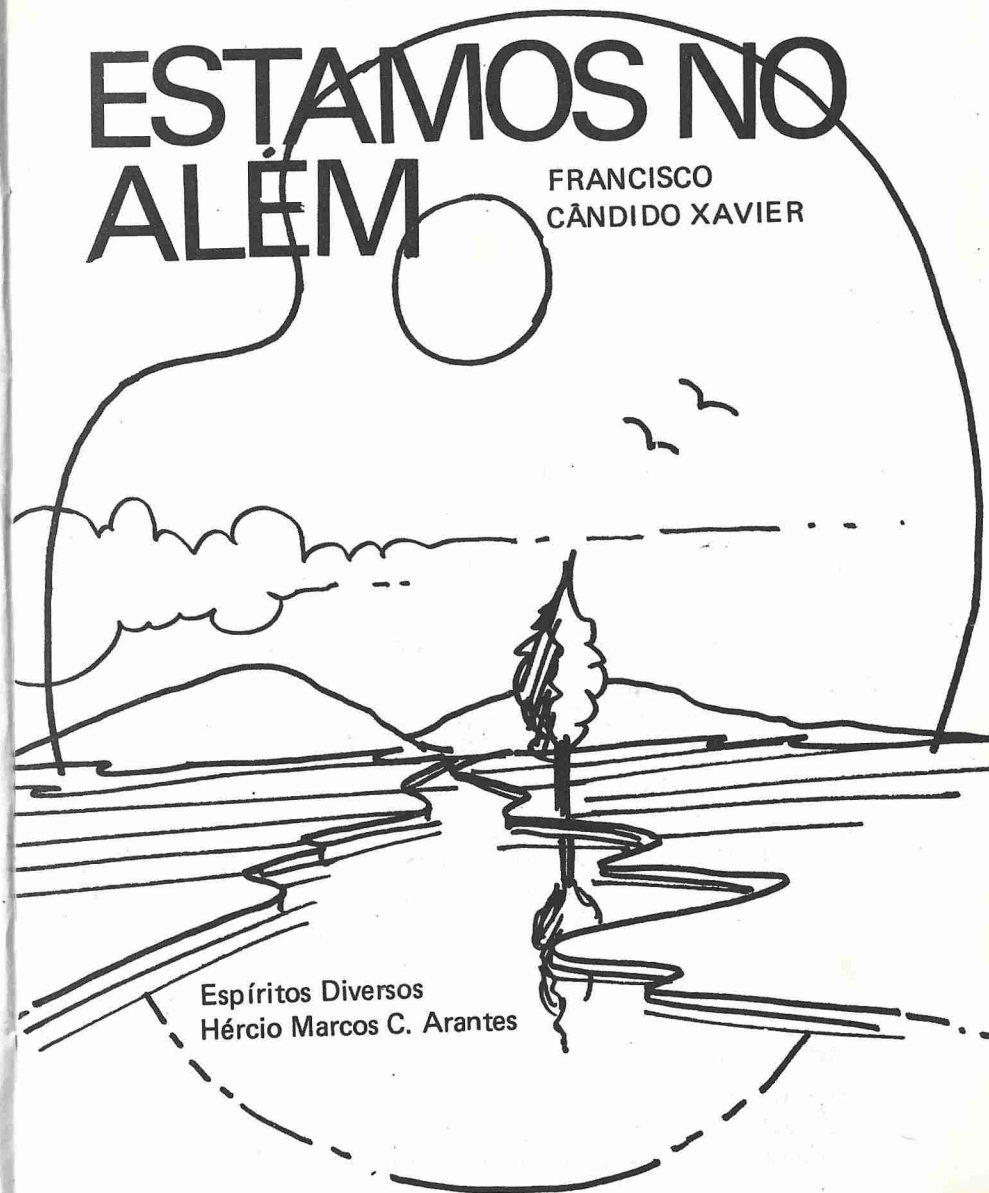


INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Rua Emílio Ferreira, 123 - Caixa Postal 110
13.600 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil

C.G.C. 44.220.101/0001-43
Inscrição Estadual 182.010.405

ESTAMOS NO ALÉM

FRANCISCO
CÂNDIDO XAVIER



Espíritos Diversos
Hércio Marcos C. Arantes

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

X19e Xavier, Francisco Cândido, 1910 –
Estamos no Além / Francisco Cândido
Xavier, Espíritos Diversos, Hércio Marcos
Cintra Arantes. Araras, SP, IDE, 1983.
184 p.: 25 il.
1. Espiritismo 2. Psicografia I. Espíritos
Diversos. II. Arantes, Hércio Marcos Cintra,
1937 – III. Título.

CDD-133.9
-133.91
-133.901 3

Índices para catálogo sistemático:

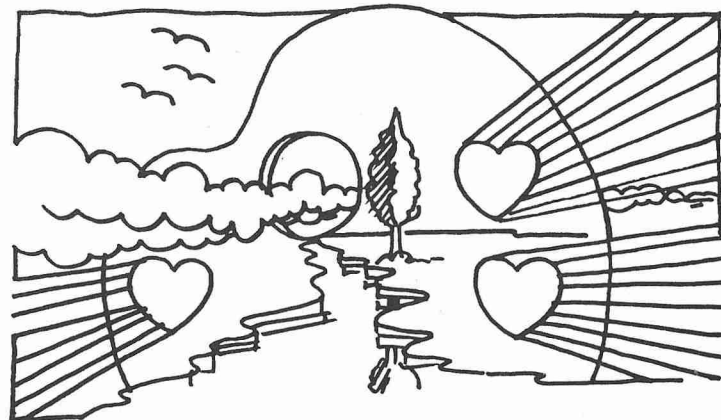
1. Espiritismo 133.9
2. Psicografia: Mensagens: Espiritismo 133.91
3. Vida depois da morte: Espiritismo 133.901 3

ÍNDICE

<i>Estamos no Além</i> , Emmanuel	11
1 - Unindo corações	13
2 - "Saiba também que cresci"	49
3 - Médico em novos campos de ação	55
4 - Claras e abençoadas premonições	65
5 - Voando mais alto	73
6 - Campeão de basquete faz a grande jogada da esperança	81
7 - Bênçãos em família	85
8 - Despedida na serra	91
9 - Cartas curativas	97
10 - Mãos unidas em testemunho de amor	105
11 - Um encontro marcado	111
12 - Provação no Norte	117
13 - Claridade no caminho	123
14 - Dissipando dúvida	127
15 - Tempo de lágrimas, tempo de compreensão ...	135
16 - "Estamos unidos pelo coração e pelo pensamento"	141
17 - Violência e perdão	155
18 - Pequena grande mensagem em nova madrugada	161
19 - "Querida mamãe, estou vivo"	165
20 - Carinho paternal	171
<i>Índice das Ilustrações</i>	181

AUTORES ESPIRITUAIS

Alberto Davoli (Mogi Mirim, SP).....	85
Ângelo Luizari Filho (Presidente Prudente, SP).....	123
Antônio Jabur Neto (Jardinópolis, SP).....	127
Carlos Alberto dos Santos Costa (Rio de Janeiro, RJ)	112
Carlos César Pereira Basílio (Goiânia, GO).....	97
Fernanda Goghi Cruaães (Limeira, SP).....	105
Francisco Corrêa de Figueiredo (Três Pontas, MG) ..	171
Gerard Patrick Castelnaud (Rio de Janeiro, RJ)	65
Humberto Furlan (Ribeirão Preto, SP).....	165
José Eduardo Jorge (Ribeirão Preto, SP).....	155
José Murillo Netto (Juiz de Fora, MG).....	55
Júlio Fernando Leite de Sant'Anna (Goiânia, GO) ..	135
Mônica Martins Bizarro (Leopoldo de Bulhões, GO) .	161
Paulo Marcelo Reis Azevedo (Ribeirão Preto, SP) ...	141
Pedro Luiz de Carvalho Costa (São Paulo, SP).....	117
Reginaldo Ramalho (Santos, SP).....	91
René Oliva Strang (Ribeirão Preto, SP).....	13
Roberto de Salas (São Paulo, SP).....	81
Rui Vagner Garcia (Tupã, SP).....	73
Sandra Regina Camargo (Goiânia, GO).....	49



ESTAMOS NO ALÉM

Reunidos em agradável diálogo, comentávamos alguns temas de elevação, com a maioria dos comunicantes amigos, cujas páginas formam este livro, quando foi abordada a questão do título para nomeá-lo.

— É preciso encontrar uma anotação simples, — dissemos.

— Que apresente o conjunto de nossas mensagens? — perguntou um companheiro.

— Sim, — confirmamos.

— Por que semelhante preocupação?

Outro amigo aditou:

— Acaso, não compreendes?

E à frente do interlocutor encabulado, rematou:

— Ante os amigos do Plano Físico, estamos no Além.

A frase nos atingiu, de tal modo, que o título surgiu: “estamos no Além”.

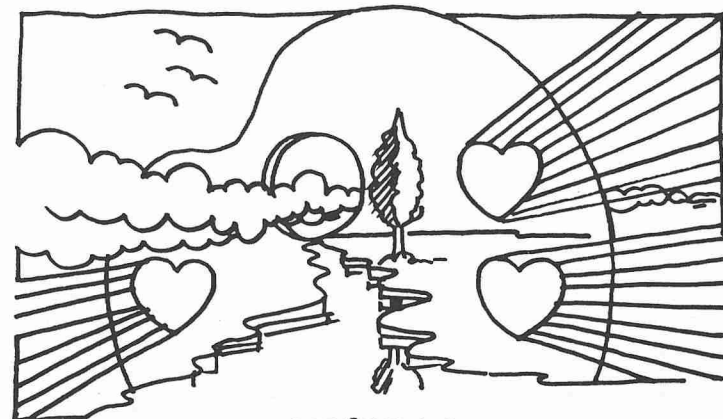
E aqui tens, leitor amigo, o livro despretenso que te ofertamos à leitura e à meditação.

O

Que estas páginas de amor e consolação, reencontro e reconforto consigam auxiliar-te na renovação íntima, que todos aspiramos a alcançar, sob o amparo de Jesus, são os nossos votos.

Emmanuel

Uberaba, 2 de janeiro de 1983.



CAPÍTULO 1

UNINDO CORAÇÕES

Na manhã de 6 de julho de 1979, em acidente automobilístico na Via Anhangüera, o jovem René Oliva Strang, com apenas 19 anos de idade, deixou o mundo material. Renezinho, assim chamado na intimidade, era filho do casal René Lima Strang e Yonne Oliva Strang, residentes na cidade paulista de Ribeirão Preto.

Transcorridos somente seis meses do doloroso acontecimento, Renezinho-Espírito voltou a conversar com seus pais pela psicografia do médium Chico Xavier, dizendo: "Estou muito confortado com o apoio que me deram. Sabia que os dois saberiam agüentar o tranco." A confortadora carta também explica a sua experiência com o fenômeno desencarnatório, suas dificuldades de adaptação, o valor da prece. . . Cita familiares, amigos e vários Benfeitores da região espiritual de Ribeirão Preto.

Outras cartas se seguiram pelo mesmo médium e dentre elas destacaremos a Terceira, trazendo um apontamento importantíssimo, elucidando delicada questão

familiar, que se desdobraria a partir desse momento, permitindo maravilhosa semente de amor, unindo corações para sempre! . . .

PRIMEIRA CARTA

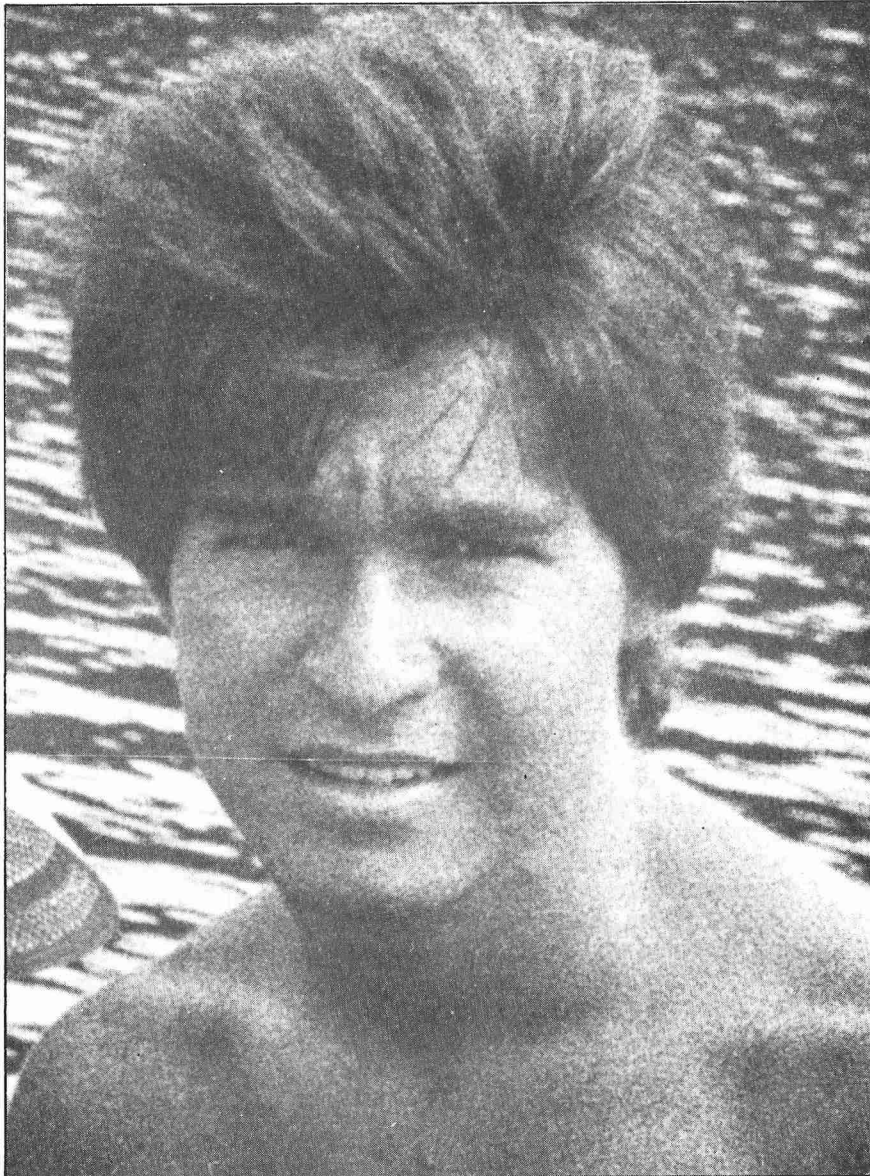
"Estou forte e aprenderei a ser o filho e o cooperador que lhes participará da existência na Terra."

Querida Mãezinha Yonne e querido Papai, aquele abraço de surpresa com os meus pensamentos condensados em prece a Deus por nossa paz.

Chegou enfim o momento; estou quase atrapalhado. Luz clara sobre nós e o público. . . e o caso não é para nenhuma representação. É notícia, mas realidade, e me sinto à maneira de um novato em colégio, querendo escrever o melhor possível, sem achar em mim as palavras adequadas para isso. Assim mesmo, lá vai carta.

Estou muito confortado com o apoio que me deram. Sabia que os dois saberiam agüentar o tranco. Sinceramente, não foi fácil para mim a desvinculação. Quando aquele peso avançou para nós, estávamos claramente desprevenidos; Serginho e eu não tivemos tempo para qualquer opção. Aliás, por aqui nos dizem que a morte do corpo não faz concorrência. Exerce o poder discricionário, em nome da Providência Divina, e isso escapa na Terra a qualquer um.

Ainda consegui, nas áreas de meu pensamento, encontrar um recanto para chamar por Deus e refletir nos pais queridos e na família. Sabia que se achavam à distância, porém naquele apagar das luzes, por dentro das idéias, enderecei aos pais queridos os meus anseios



René Oliva Strang

mais íntimos. Queria dialogar, mesmo a supor à frente dos dois, como num exercício mental positivo, no entanto um sono de hipnose desconhecido, em minhas informações sobre o assunto, me absorveu de todo. Quis, num derradeiro esforço, erguer-me para saber do companheiro, mas o corpo era agora uma engrenagem que não me respondia com qualquer reação. Fiz força, reuni todas as minhas energias no intuito de recuperar as minhas faculdades de manifestação; entretanto, notei que mãos suaves, tão suaves quanto as da mamãe, me aflagavam o rosto e me cerravam os olhos. Ouvi como num cântico de embalar, quando a gente é ainda criança, uma prece que me recordava os dias de aprender de mãos postas. Aceitei a oração por bênção do Céu e me rendi ao repouso ou inércia obrigatória de que me via objeto. Compreendia que o acidente me arrasara; contudo, a certeza de que estava a despedir-me do corpo não estava ainda em mim. Quanto tempo dormi naquela sonoterapia de compulsão, não sei dizer.

Despertei num instituto de paz e refazimento, que me proporcionou a idéia de algum hospital de Ribeirão; acreditei-me acidentado e pedi pela família; se meus pais não tivessem voltado, queria as irmãs e alguns dos cunhados, para que me comunicasse com o exterior. Somente depois de quatro dias, de muitas indagações sem resposta, recebi afinal a presença da Vó Conceição, que me acariciou com a bondade que todos conhecemos. A princípio, em minha ingenuidade, considerei tudo tão natural, qual se estivesse sob as atenções inesperadas de alguma parenta a quem devia considerar com apreço e gratidão, quando foi ela própria que se identificou, a cientificar-me de que ali estava em nome do Papai e da Mamãe, a fim de prestar-me auxílio. Entretanto, ao afirmar-me tranqüilamente que não me situava mais na Terra física e que perdera o corpo de que me valia no

mundo, cheguei a gritar, chorando à feição de um menino descontrolado. . . Lembrei-me, porém, de tudo quanto aprendera das palestras em casa, das convicções dos pais queridos e de muitos dos nossos amigos e asserenei-me. Curvar, num rapaz habituado a fazer a vontade própria era difícil; no entanto, aquele sorriso carinhoso de mãe, que pairava na face da Vovó, era um calmante a que não conseguiria resistir.

Ah, querida Mamãe, aí começou outro capítulo da história. Fui, com minha avó, revê-los em casa e encontrei-os, sem encontrá-los. Estávamos perto e longe, nossos corações batiam no ritmo da saudade, mas estávamos presos em mundos diferentes. Vi tudo: a nossa dor em comum contida pela fé em Deus, a carência de sentir e registrar o amor que nos reúne uns aos outros, sem que os nossos olhos se encontrassem. . . Sei que no primeiro reencontro separaram-se os dois para chorarem comigo, um distante do outro. Era preciso ser forte, continuar firme na fé, e procurei agir com a fortaleza possível, segundo me ensinaram. . . Desde então, nossas lágrimas ocultas se entrelaçam na mesma faixa de saudade e lembrança, e impulsionado pelos avisos salutares que me enviam, tenho buscado compreender e adaptar-me.

Querido Papai, bons amigos me auxiliam, em nome de nossa família e de nossa amizade. Não há separação aqui entre os que aceitam Jesus por Mestre e Senhor. O nosso amigo Dr. Camilo de Mattos e o Monsenhor Siqueira, o Cônego Barros e o irmão Ramos, o professor Raul e outros amigos nossos se irmanam no mesmo trabalho de auxiliar para o bem dos outros. É uma corrente de bondade que nenhuma desarmonia consegue diminuir.

Existe uma instituição enorme de apoio espiritual, estabelecida a princípio por antigo sacerdote de Ribeirão,

de nome Irmão Ângelo Philedony Torres, e nessa grande comunidade me reúno a outros companheiros, aprendendo a me instalar ou reinstalar na vida diferente em que me encontro. Sérgio, o amigo, se vê nessa mesma casa de paz e benemerência e vamos seguindo numa preparação com a qual até julho passado não contávamos.

Posso tão pouco ainda, mas desejo que digam à querida Martha para não se conturbar com as experiências da vida. Nossa Tatiana é para ela e para nós um tesouro e Deus auxiliará a querida irmãzinha a vencer os obstáculos que se opõem ainda à preservação do lar feliz. Tudo vai passando. Ainda ontem estava eu aí, a partilhar de nossos planos e agora já me reconheço noutra campo de vida. Nossa querida Martha será amparada. Envio a ela muito carinho e saudades para serem distribuídas com Margareth, com Irene e com Cristina, sem me esquecer do Silva, do Julião, do Machado e do Lousada.

Mãezinha Yonne e querido Papai René, perdoem-me se escrevo muito. Saudade de filho é uma doença para a qual as muitas palavras é que fazem o remédio.

Devo terminar; a Vovó Maria da Conceição, em minha companhia, lhes deixa um grande abraço.

Minha letra não é a mesma; é preciso escrever apressadamente e devo aproveitar o apoio que os amigos daqui me oferecem para isso. Entretanto, espero que me procurem por trás das frases escritas e encontrarão o menino, aquele mesmo rapaz no qual depositaram tantas esperanças. Creiam-me, no entanto, que estou forte e aprenderei a ser o filho e o cooperador que lhes participará da existência na Terra, conquanto de outro modo, diverso daquele com que imaginava, de minha parte, seria o futuro.

Abençoem-me. Agradeço as preces com que me

encorajam. Mãezinha, muito grato pelos pensamentos e palavras de ternura que o seu amor me endereça através dos retratos e meu reconhecimento por todo o amparo que recebo constantemente para que não sinta só, nem estrangeiro onde agora me encontro. Muitas lembranças a todos os corações ligados aos nossos e recebam, querido Papai e querida Mãe, um beijo de muito carinho e gratidão do filho que lhes pertence em nome de Deus e lhes pertencerá para sempre.

Sempre o filho reconhecido,

René.

René Oliva Strang.

Notas e Identificações

1 - Psicografada por Francisco C. Xavier, aos 12/1/1980, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece (GEP), na cidade de Uberaba, MG.

2 - *Serginho* — Sérgio Neves Zucolotto Filho, amigo e companheiro de desencarnação.

3 - *Sabia que se achavam a distância* — Na época, seus pais estavam de viagem pela Europa.

4 - *Vó Conceição* — Maria da Conceição Lima Strang, avó paterna, desencarnada em Ribeirão Preto, a 28/8/1977.

5 - *Lembrei-me, porém, de tudo quanto aprendera das palestras em casa, das convicções dos pais queridos* — Refere-se aos ensinamentos espíritas, sempre comentados pelos seus pais, no lar.

6 - *Dr. Camillo de Mattos* — Dr. Joaquim Camillo de Moraes Mattos (1894-1945), advogado de grande pres-

tígio, Prefeito Municipal de Rib. Preto (1929 a 1930), foi espírita e amigo da família Strang. Em 1952, pelo médium Chico Xavier, transmitiu bela mensagem a amigos de sua cidade, presentes à reunião pública do Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo, Minas, que foi incluída, posteriormente, no livro *Taça de Luz* (Ed. LAKE/FEESP, São Paulo, SP, Cap. 16).

7 - *Monsenhor Siqueira* — Monsenhor Joaquim Antônio de Siqueira, nascido em 1847, foi o 3.º Vigário de Rib. Preto, no período de 1890 a 1895.

8 - *Cônego Barros* — Cônego Dr. Francisco de Assis Barros (1894-1942), Vigário da Catedral de Rib. Preto, fundou o Patronato Coração de Jesus e a Sociedade Lítero-Musical. Foi amigo da família Strang.

9 - *Irmão Ramos* — Trata-se, provavelmente, de Péricles de Freitas Ramos, professor de Educação Física, amigo da família Strang, desencarnado em Rib. Preto, por volta de 1944.

10 - *Professor Raul* — Trata-se, provavelmente, do Prof. Raul Peixoto, Diretor do 1.º Grupo Escolar de Rib. Preto, desencarnado há muitos anos.

11 - *Irmão Ângelo Philedoný Torres* — Falecido há tempos, foi o 1.º Vigário de Rib. Preto, em 1890.

12 - *Martha* — Martha Mary Strang de Paula e Silva, irmã de Renezinho, casada com Ronaldo de Paula e Silva.

13 - *Tatiana* — Sobrinha, filha de Martha e Ronaldo.

14 - *Margareth* — Margareth Strang Julião, irmã, casada com Irineu Julião Jr.

15 - *Irene* — Irene Strang Machado, irmã, casada com Dr. José Cassiano Machado.

16 - *Cristina* — Cristina Strang Lousada, irmã, casada com Sérgio Lopes Lousada.

17 - *Mãezinha*, muito grato pelos pensamentos e palavras de ternura que o seu amor me endereça através dos retratos e meu reconhecimento por todo o amparo que recebo constantemente para que não me sinta só, nem estrangeiro onde agora me encontro. D. Yonne confirma: habitualmente, orava diante de uma parede do lar, repleta de fotos do filho querido, pedindo Proteção Divina para que Renezinho não se sentisse estrangeiro no Mundo Espiritual.

18 - *René Oliva Strang* — Nasceu em Rib. Preto, a 1.º/10/1959. Era um jovem expansivo, responsável e dotado de alto espírito de compreensão. Na época da desencarnação, freqüentava um Cursinho preparatório para Administração de Empresa. Renezinho foi um campeão de tênis de campo, destacando-se neste esporte desde a idade de 12 anos, quando sagrou-se Campeão Brasileiro (Duplas). Venceu, por duas vezes, os Jogos Abertos do Interior; várias competições a nível nacional e algumas nos Estados Unidos da América.

19 - Preparando os corações dos pais de Renezinho para o transe da separação, ocorreram duas interessantes e claras premonições, assim narradas pelo sr. René: "1.a) Estávamos em Copenhague, Dinamarca, quando Yonne sonhou, na noite da véspera do acidente fatal, que o filho querido, deixando-a sozinha numa praia, entrou no mar, fez um aceno de despedida e não mais voltou. Ela acordou chorando, desesperada, desejando a qualquer custo entrar em contato telefônico com Renezinho, o que não foi possível. Às 18 hs., daquele mesmo dia, recebíamos a notícia da sua desencarnação. 2.a) Dois meses antes do acontecido, Rubens Porto, nosso amigo e confrade, sonhou que Renezinho havia desencarnado num acidente. Foi um sonho tão nítido, no qual ele até identificou o Passat verde de nosso filho. Rubens levantou muito cedo, preocupado, e às 6 hs. já nos acordava para contar a sua vivência onírica."

20 - Endereço dos pais de Renezinho: Rua Visconde de Inhaúma, 528 - Ribeirão Preto.

SEGUNDA CARTA

“Os convidados de Jesus foram atendidos.”

Querida Mãezinha Yonne e querido papai René, estou na alegria das bênçãos desta noite, após o nosso culto de amor ao próximo, e com essa felicidade em meu coração, peço a Deus a todos nos abençoe.

Estou mais do que contente. Sinto-me realmente renovado e feliz com a nossa reunião de afeições queridas. Martha, Cristina e Zizi, com os nossos queridos companheiros Ronaldo, Serginho e Julião me falam do coração de nossa casa feliz. Tatá, a mãezinha Tatá, é o sorriso que enfeita o nosso lar, transplantado para esta sala de preces, comovendo-me com as mais nobres lembranças; o nosso prezado João Paulo está representando todos os nossos convivas nesta comemoração de paz e luz.

Estou com a emoção destas horas à feição de um vaso de lágrimas, que se derramam no júbilo de quem agradece a Deus as bênçãos recebidas. Sinto-me transportado à presença dos familiares que ficaram, conquanto estejam conosco, pela imagem da saudade e pelo som das canções de amor, que nos reúnem uns aos outros, em laços de vida e fraternidade, que se estendem aos nossos amigos e irmãos, que se identificam conosco em nossa noite de paz e reconhecimento. Não me esqueço dos avós queridos, da Irene, da tia Marly e de todos os nossos, e converso escrevendo, a revê-los no espelho de nosso carinho e de nossa gratidão.

Estamos seguindo a nossa jornada desde os pri-

meiros passos em Ribeirão. O Serginho, refiro-me agora ao Serginho Zuccoloto, em nossa companhia, também se regozija, e muitos outros benfeitores, incluindo o Dr. Péricles Ramos e o irmão Achê, igualmente se alegam, partilhando de nossas tarefas e alegrias.

O acontecimento especial para os instrutores que nos dirigem é a conversão da festa do lar numa extensão de generosidade e união para com a família dos nossos irmãos em dificuldades e problemas pela própria sustentação. Os convidados de Jesus foram atendidos. Muito obrigado, pais queridos, que me deram tanto na pessoa de amigos que oram pedindo a Deus abençoe e enriqueça as mãos e os corações que lhes demonstraram solidariedade e cooperação no culto do amor. Querido Papai, eu me regoziquei tanto ao vê-lo com os nossos companheiros em nossos vários torneios e visitas no Exterior, participando de seus pensamentos e realizações, experimento uma felicidade maior ainda em observando a sua presença com a Mãezinha Yonne e com os nossos corações queridos, na manifestação de bondade e ternura humana, com que os vimos, na tarde de hoje, irmanando-se com todos os nossos companheiros da jornada terrestre, em suas faixas mais difíceis de vivência e sobrevivência. Agradeço por tudo aquilo que trouxeram, a fim de minorar os obstáculos de quantos daqueles que, filhos de Deus, tanto quanto nós, aguardam outros filhos de Deus e bem amados irmãos que lhes estendam o apoio e compreensão. Estamos agradecidos e formulamos votos para que o esporte da beneficência continue destacando a nossa presença onde estivermos. E assim digo, pai querido, porque os bens do mundo são tesouros da Divina Providência nas mãos das criaturas e toda criatura é digna de reter semelhantes empréstimos de recursos e possibilidades, mas, se é justo reter essa ou aquela bênção em nossa sustentação, tão só, não é justo omitir-se no auxílio aos que atravessam

privações e necessidades muito maiores do que as nossas.

O seu coração amigo e a Mãezinha Yonne observarão que estou sendo renovado. É verdade. No mundo, a maioria dos jovens, por enquanto em muitos setores da vida humana, e observadas as muitas exceções na regra, costumam ser induzidos a promover reações semelhantes a incêndios de opinião e de atitude no Plano Físico; mas, transferidos para a Vida Espiritual, onde presentemente me vejo, todos os jovens que procedem de pais que tudo lhes deram para serem felizes, se transformam em bombeiros espontâneos do bem, buscando apagar o fogo da discórdia e da penúria, sob o qual tantas criaturas sofrem o impacto das mais dolorosas situações. Graças a Deus, pais queridos, ando com raciocínios mais altos e rearticulando as recordações de todos os diálogos construtivos que ouvi em casa em torno da Espiritualidade e da Vida.

Em nossa companhia vieram igualmente instrutores nossos, junto de quem fomos instalados pela generosidade do Cônego Joaquim Antônio de Siqueira, o Dr. Archibaldo Ribeiro, que também foi sacerdote, e as Professoras Dona Euphrasia Eugênia de Almeida e Dona Adelaide Miranda da Paixão que trabalharam com alegria e devotamento pela terra de Ribeirão, que amamos tanto, se alegram conosco e registram felicitações ao nosso grupo pela festa de paz e amor, em homenagem a Jesus nas pessoas dos nossos companheiros necessitados.

O Nestorzinho Macedo está incorporado à nossa caravana.

Somos agradecidos a todos. Às irmãs queridas o nosso grande abraço. Ao estimado João Paulo, irmão e companheiro, a nossa alegria. E reunindo a nossa querida Tatá com os irmãos que as meninas nos deram por fi-

lhos e irmãos do coração, aqui, entregamos ao nosso grupo as flores de nossa gratidão. Perdoem aqueles corações amigos, cujos nomes não constam de nosso reconhecimento, mas que permanecem no livro de nossos melhores sentimentos.

E para a querida Mãezinha Yonne e para o querido Papai René ofereço com muita alegria e muita emoção o amor e a saudade, o carinho e a dedicação de sempre, do filho reconhecido,

Renezinho.

Notas e Identificações

21 - Psicografada por F.C. Xavier, GEP, Uberaba, 5/7/1980.

22 - *após o nosso culto de amor ao próximo* — Refere-se à peregrinação ao Bairro Pássaro Preto — que é feita na tarde de todos os sábados, partindo do GEP —, realizada horas antes da reunião pública, da qual participaram seus pais e familiares.

23 - *Zizi* — Apelido familiar de Margareth, sua irmã.

24 - *Tatá, a mãezinha Tatá* — Apelido familiar de Clementina Alves de Oliveira, irmã de criação do pai de Renezinho. Atualmente com 70 anos de idade, é a estimada "mãe preta" da família.

25 - *João Paulo* — João Paulo Roxo, amigo da família e presente à reunião. Em sua residência, na cidade de Miami, Estados Unidos, Renezinho morou seis meses.

26 - *nesta comemoração de paz e luz* — Esta carta foi redigida na véspera do 1.º aniversário de desencarnação de Renezinho.

27 - *Tia Marly* — Residente em Londrina, PR, casada com Sidney Oliva, tio de Renezinho.

28 - *Dr. Péricles Ramos* — Trata-se, provavelmente, do Irmão Ramos, identificado em a Nota 9.

29 - *Irmão Achê* — Há várias pessoas desencarnadas da família Achê, de Rib. Preto, conhecidas da família Strang.

30 - *Dr. Archibaldo Ribeiro, que também foi sacerdote* — Nasceu e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, respectivamente em 1880 e 1919. Foi vigário da Catedral de Rib. Preto, no período 1916-1918.

31 - *Profa. Euphrasia Eugênia de Almeida* — Desencarnou-se em Rib. Preto, há mais de 20 anos, onde lecionou na Escola Estadual de 1.º Grau "D. Sinhá Junqueira".

32 - *Dona Adelaide Miranda da Paixão* — (1836-1926) Uma das primeiras professoras primárias de Rib. Preto, hoje é homenageada publicamente nesta cidade, emprestando seu nome a uma das ruas da Vila Paulista.

33 - *Nestorzinho Macedo* — Nestor Macedo Filho, amigo de Renezinho, faleceu em 1979. A história desse jovem e suas cartas mediúnicas integram os capítulos 15 e 16 do livro *Eles Voltaram* (F.C. Xavier, Espíritos Diversos, Hércio M.C. Arantes, Ed. IDE, Araras, SP.)

TERCEIRA CARTA

"Estamos, o Sérgio e eu, agindo no concurso aos nossos irmãos que procuram usar a ponte de intercâmbio pela primeira vez."

Papai René e Mãezinha Yonne, estamos felizes por abraçá-los conosco.

Estamos, o Sérgio e eu, agindo no concurso aos nossos irmãos que procuram usar a ponte de intercâmbio pela primeira vez. Acreditem que o trabalho espiritual é igualmente um esporte dos mais indicados para ajustar-nos à compreensão. Tentando auxiliar, somos auxiliados, e, buscando socorrer a companheiros que supomos necessitados de nossa colaboração, aprendemos com eles a ciência da compreensão mais exata das situações e das causas que as produzem. Olhem que não é moleza o esforço de penetrar o sofrimento dos semelhantes no objetivo de consolá-los, conscientizando-nos de que as nossas lutas e provações acabam sendo mínimas.

Temos acompanhado as transformações de ordem familiar e estamos praticando aceitação de problemas, a fim de liquidá-los sem violência.

Rogo dizer à nossa querida Martha que o irmão permanece a postos e que tudo fará, no plano de minhas possibilidades estreitas, a fim de auxiliá-la na recomposição das suas energias.

Em outra ocasião voltaremos ao culto do lápis para os nossos diálogos, mas, com todas as minhas palavras carregadas de imensas saudades, sou como sempre o filho e companheiro reconhecido,

Renezinho.
René Oliva Strang.

Notas

34 - Psicografia de F. C. Xavier, GEP, Uberaba, 16/1/1981.

35 - Pelas palavras desta carta, destacadas em epígrafe, observamos a evolução espiritual dos dois jovens, com apenas um ano e meio de regresso ao Mais Além, já dedicados a um belo trabalho de cooperação fraterna.

36 - *Temos acompanhado as transformações de ordem familiar e estamos praticando aceitação de problemas, a fim de liquidá-los sem violência.* — Este trecho deu muito o que pensar aos progenitores de Renezinho. Trocaram idéias entre si e chegaram à conclusão de que o filho se referia, embora veladamente, à maior preocupação deles na época: a chegada de um netinho na família, filho de Renezinho, fruto de um amor que eles desconheciam. E, diga-se de passagem, nenhum problema de ordem familiar havia sido exposto ao médium. Sr. René e D. Yonne estavam certos, pois na reunião pública do dia seguinte, num sábado, o filho voltou a abordar o assunto, agora claramente, como veremos a seguir:

QUARTA CARTA

“Deus os recompense por me adivinharem o que não conseguiria dizer; os meus credores merecem a consideração que ambos nos conferem.”

Mãezinha Yonne e querido Papai René, as circunstâncias me trouxeram ao nosso guichê de informação e reconforto.

Estou contente e reconhecido porque conseguiram ler os meus sentimentos, não nas palavras que garatujei

e sim nas vibrações de confiança e ternura que meditaram quando lhes sugeri, em me referindo às *“transformações de ordem familiar”*. Digo isso porque sigo os acontecimentos supostos pequeninos. As impressões trocadas em regime de proteção discreta a mim próprio, os apontamentos domésticos, os estudos prévios em torno de medidas afetivas e o destino de nossas próprias alegrias e esperanças. Muito obrigado, mas muito obrigado; minha dívida é de amor e me comovo ao tratar de semelhante débito. Deus os recompense por me adivinharem o que não conseguiria dizer; os meus credores merecem a consideração que ambos nos conferem.

Em nosso código de carinho, digo-lhes, desse modo que na semelhança, Valério é assunto Válido, que volto a ver a minha própria contabilidade e sei que farão por mim a Bel Ação de Valor que de tanto valor se reveste. Deus nos auxiliará a cuidar do resgate de meu débito para valer. Estou satisfeito, reconhecendo o querido amigo Valente que nos receberá o merecido carinho.

O nosso amigo Dr. José Magalhães muito me auxiliou para esclarecer o meu próprio caso e estou feliz com a possibilidade de a tudo atendermos em tempo certo, sem quaisquer preocupações para ninguém.

Por agora é tudo o que lhes posso transmitir.

Os meus agradecimentos de filho se me repletam no coração em forma de preces a Deus pela felicidade de nós todos. Muitas lembranças às irmãs e aos irmãos que muito nos deram em favor de nossa paz e de nossa alegria. Aos pais queridos um abraço e um beijão do filho muito grato que tanto lhes deve em segurança e bênçãos de tranquilidade para continuar nas estradas novas que as Forças Divinas

me traçam no rumo da vanguarda de serviço em que preciso me engajar.

Muito amor de meu coração agradecido

Renezinho.

René Oliva Strang.

Notas e Identificações

37 - Psicografia de F.C. Xavier, GEP, Uberaba, 17/1/1981.

38 - "No dia seguinte, 17 de janeiro de 1981, surgia a ocasião anunciada por Renezinho (no final da Terceira Carta) e novamente pela mediunidade psicográfica de Chico Xavier, ele fala aos pais queridos, desta vez concitando-os com a mesma ternura de filho, a pensarem mais no assunto '*transformações de ordem familiar*' – assunto este que os pais René e Yonne já tinham decifrado. Para a alegria de todos na família, Renezinho havia lhes deixado, dia antes de sua desencarnação, como tesouro da própria alma, um filho, e que, diante da compreensão dos pais e dos familiares, sobre o assunto, quisera expressar o seu agradecimento, a sua gratidão pela maneira como o fato foi aceito pelos entes queridos. Sim. Renezinho soubera dignificar a vida, deixando-lhes um filhinho, uma linda criança através de Isabel Cristina Abrahão, a quem ele chama na mensagem de *Bel*, uma mamãe feliz, corajosa e que soube honrar o compromisso assumido com a maternidade, mesmo diante de momentos tão difíceis, pois Bel dera à luz aquele menino querido, após a desencarnação de Renezinho, possibilitando que tudo caminhasse tão bem, permitindo Deus que Renezinho pudesse acompanhar e colaborar através dos laços de ternura que soube criar

a ver a mi-
nha própria
contabilidade de
e sei que farão
por mim a
Bel Acas de
valor que de
tanto valor

com sua companheira Bel, ajudando-a espiritualmente a assumir o santo compromisso de ser mãe, alegria essa que Renezinho tão emocionadamente vem expressar nesta quarta mensagem, não apenas aos pais queridos, mas também ao filho de sua alma, cujo espírito aceitara a reencarnação de maneira tão corajosa, a quem ele chama de *amigo Valente*." (Trecho da brilhante reportagem de Aldo Aguilar Bianco, intitulada "Renezinho Não Morreu", para o jornal *A Cidade*, Ribeirão Preto, SP, 27/9/1981, p. 7)

39 - *Eram nosso código de carinho, digo-lhes, desse modo que na semelhança, Valério é assunto Válido* — Nessa época, já havia sido comentada pelos seus pais a semelhança dos traços fisionômicos da criança — seu filho, José Abrahão Neto, nascido a 24/4/1980 — com o avô Dr. Valério Strang, desencarnado em 26/2/1962.

40 - *Bel Ação de Valor* — Em seu "código" estas palavras se referem à Isabel Cristina Abrahão, sempre chamada por ele, carinhosamente, de Bel.

41 - *Nosso amigo Dr. José Magalhães muito me auxiliou para esclarecer o meu próprio caso e estou feliz com a possibilidade de a tudo atendermos em tempo certo* — Antigo Prefeito de Rib. Preto, advogado, falecido há muitos anos, foi amigo da família Strang. Depreende-se do texto que uma das questões esclarecidas pelo Dr. Magalhães deve ter sido a possibilidade de se pleitear a retificação do Registro de Nascimento do filho de Renezinho, acrescentando a paternidade. De fato, a partir desta época, os pais de Renezinho passaram a providenciar, junto à justiça, tal retificação, tão importante e justa, no Registro do neto querido.

QUINTA CARTA

"E, no dia seguinte, a felicidade com que arquitetei a nossa felicidade porvindoura se esvaía na morte, que me silenciou, sem aniquilar-me o coração."

Querido Papai René e querida Mãezinha Yonne, esta é para mim uma hora de bênçãos que lhes agradeço.

Estou comovido. Tomo a nossa querida Tatá por testemunha. Ela nos conheceu crianças e sabia entender os nossos caprichos e contrariedades, brincadeiras e acertos.

Sinto-me por demais sensibilizado em abraçando a nossa Bel que nos compartilha das expectativas e privações.

Fui eu mesmo quem pediu aos amigos espirituais para que o tema da prece fosse trazido a estudo. Compreendi o valor da oração, quando me vi amadurecido pela renovação espiritual de modo quase instantâneo. . . O vovô Valério e outros benfeitores me ensinaram que as bases do ato de orar se apresentam com as luzes da aceitação e da humildade.

Pai amigo, você sabe que seu filho, mal saído da infância tranqüila, poderia ter sido um jovem inclinado às travessuras, na imaturidade de quem não sabe lidar com a vida. Verdade o que digo, mas o seu filho nunca foi desonesto. Aprendi com Você e com a Mamãe Yonne que o caráter deve ser preservado acima de tudo e que a responsabilidade é um dom de Deus que não se pode esquecer nem desprezar. Por isso, agradeço o carinho para com a nossa querida Bel, que não tive tempo de incorporar à nossa querida família. Tantas meninas passaram por meus trevos de rapaz e por tantas meninas passei, sempre

homenageando a vida e a confraternização com o respeito que se deve à tranqüilidade dos lares alheios. Bel, no entanto, era para mim a princesa dos diálogos. Coração generoso e alma serena, sabia tudo compreender e tudo perdoar, quando fosse chegado o instante de trazer a visão da alma no rumo das circunstâncias difíceis para dissecá-las com amor.

Parece-me que todos os jovens, por injunções da própria vida e sem quaisquer conotações com as estruturas freudianas, que passaram a reger as opiniões de muita gente no mundo, parece-me, repito, que todos os rapazes se interligam com os jovens da estrada que partilham no cotidiano, mas se inclinam com mais calor de confiança para aquela que lhes apresenta traços fundamentais dos corações maternos a que foram confiados.

Isabel Cristina! Bastava escutar-lhe o nome para saber que havia alguém com quem permutar opiniões e pensamentos, sem qualquer resquício de preocupação e sem qualquer temor alusivo à prováveis incompreensões. Por essa razão ficou a nossa querida amiga fixada por dentro de mim, à maneira de pessoa que me escutava sem azedume e sem censuras. E ainda, por isso mesmo, Bel ou Bela ficou sendo para mim o espelho em que se retratava aquilo de melhor que a vida me dera a conhecer, o entendimento da Mamãe.

Os dias se sucederam sobre os dias e prometemo-nos uma união que viesse a concretizar aquela harmonia que me preservara a segurança. . . E porque não selarmos a nossa aliança que ela receava assumir para não incomodar a nenhum dos nossos? Lutei e insisti para afirmar-lhe a certeza de que os nossos planos se realizariam tão logo regressassem os pais queridos da viagem que efetuavam, à longa distância. Bel, no entanto, com a sua grandeza de sentimentos me solicitava paciência e de minha parte, desejava sobrepor à paciência a certeza de que seria ela

a escolhida para o meu futuro. E propus-me a doar-lhe semelhante convicção, entregando-lhe a minha própria vida. Um momento e a promessa do amanhã se transformava num compromisso religiosamente assumido; as leis de Deus porém, se desdobravam por parágrafos diferentes e, no dia seguinte, a felicidade com que arquitetei a nossa felicidade porvindoura, se esvaía na morte, que me silenciou, sem aniquilar-me o coração.

Tomando consciência de mim próprio, vali-me então do estímulo da prece e roguei, com os meus desajustes de moço ainda verde, para que Deus a protegesse e amparasse com a segurança necessária. Quantos dias de aflição atravessou a nossa princesa pelo espírito, não saberia dizer. Sei, no entanto, que éramos duas petições unidas, nas quais suplicávamos a bênção do Cristo.

O vovô Valério e vovô Gildo e tantos outros me asserenaram, revelando-me que ela teria forças de paciência e fé para aguardar os dias que presentemente transcorrem. Agradeço a ela todo o amor e serenidade com que se viu aparentemente a sós, aguardando sempre, entre o acatamento a Deus e o anseio de protelar a solução do nosso problema, até que chegamos à hora em que manifesto aos pais queridos o meu reconhecimento pela compreensão e pela bênção com que ela e eu fomos entendidos e apoiados no sorriso belo e doce de uma criança que se reveste para nós com a luz de nossos mais lindos sonhos.

Agradeço a todos por tudo e peço a Deus para que todos os nossos assuntos satélites sejam resolvidos em ocasião oportuna. Deus os recompense a cada um. Que a nossa querida Bel me perdoe a faltá involuntária e que os pais queridos me recebam o coração de filho reconhecido, é tudo o que hoje assinalo e peço com todas as minhas forças na certeza de que, através da prece,

estaremos todos juntos para prosseguirmos juntos no tempo e espaço, na vida e nas circunstâncias da vida, conservando em nós e conosco as bênçãos de Deus.

Sempre com muita gratidão e com muito amor,
o filho amigo e companheiro agradecido de sempre,

Renezinho.

René Oliva Strang.

Notas e Identificações

42 - Psicografia de F.C. Xavier, GEP, Uberaba, 3/7/1981.

43 - *Sinto-me por demais sensibilizado em abraçando a nossa Bel* — Isabel Cristina, Bel na intimidade, achava-se em companhia dos pais de Renezinho, presente à reunião de Uberaba pela primeira vez. Nessa época, ela e seu filho — um robusto garoto de 1 ano e 2 meses — já estavam incorporados, afetuosamente, à família Strang.

44 - *Fui eu mesmo quem pediu aos amigos espirituais para que o tema da prece fosse trazido a estudo.* — No início das reuniões do Grupo Espírita da Prece, em busca do tema da noite, o médium Chico Xavier abre *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos* aparentemente, como vemos, ao acaso.

45 - *Vovô Gildo* — Gildo Oliva, avô materno, antigo morador de Rib. Preto, desencarnado em 1978. Na época de seu falecimento, Renezinho estudava nos Estados Unidos, e de lá enviou esta consoladora carta à Vovó Olga: "Coral Gables, 3 de abril de 1978. / Prezada e querida Vó Olga. / Eu quero lhe dar os meus sinceros pêsames, e desejar-lhe muita saúde e força para continuar vivendo neste mundo, cheio de tristezas, ingratidões e, às

vezes, um pouco de felicidade. Dizem que 'felicidade não existe, o que existe são momentos felizes'. E, eu tenho certeza que a pessoa mais feliz do mundo é aquela que acredita em Deus e tem fé neste Senhor, todo poderoso, e que sabe o que faz. / Ontem foi o meu pior dia aqui nos Estados Unidos, ao ficar sabendo da triste notícia do seu companheiro, que sempre foi tão bom e amável, este querido e amado por todos 'Vô Gildo'. Foi um dia muito duro para mim, e fiquei o dia inteiro em casa, pensando em todos vocês, que tanto amo. / Enquanto eu lia a carta com a triste notícia, teve uma notícia que gostei muito: a senhora está reagindo bem e com muita força para continuar vivendo neste mundo. Eu fiquei contente com isso, Vó Olga, e estou torcendo muito para que você continue com toda esta força e saúde, pois eu sei que é duro, muito duro perder um companheiro que tanto a amou. / Ontem, quando conversava com minha mãe pelo telefone, sentia em sua voz a tristeza e a dor de perder um pai que sempre foi tão bom e querido por todos. Sua filha disse-me uma coisa muito certa, que me deixou bem tranqüilo: 'Renezinho, acredite, seu avô está melhor que todos nós, aqui na Terra; esta vida aqui é passageira, filho'. Isto, Vó, é uma coisa que todos nós devemos acreditar, esta vida é curta e passageira. Tenho certeza de que aquele senhor, falecido há 23 dias, está começando a desfrutar da bondade que ele cultivou em toda sua vida, aquele querido Sr. Gildo. / Se tudo fosse como a gente queria, esta vida seria uma rotina e sem o porquê de estarmos nela vivendo, sofrendo e lutando sempre. / Até o fim do mês estarei aí com você e com todos da família, pois estou com muita saudade. / Um beijão do saudoso neto Renezinho."

SEXTA CARTA

"As centenas de crianças das creches me fizeram chorar de alegria, recordando a imagem daquele a quem posso dizer agora 'meu filho'."

Querido Papai René e querida Mãezinha Yonne, querida Bel e querida Tatá com todos os nossos amigos, peço a Jesus nos abençoe.

Venho simplesmente agradecer. Papai e Mamãe, estou feliz. A nossa querida Isabel Cristina conseguiu a melhor nota nas provas a que se submeteu. Tudo paz e verdade. Tudo foi uma promessa que a Divina Providência transformou em realidade.

Agradeço à Mãezinha Yonne quanto fez para lembrar o meu aniversário inexpressivo, na festa em que as centenas de crianças das creches me fizeram chorar de alegria, recordando a imagem daquele a quem posso dizer agora "meu filho". Cada rosto mirim se regalava com as lembranças distribuídas; era a presença dele em meu coração.

Pai amigo, muito obrigado! Com carinho o seu amor conduziu a minha bandeira para a frente e, compreendendo a sinceridade de nossa Isabel, você e a Mãe se me fizeram avalistas, até que as provas convencessem a nossa família querida. Muitas vezes orei — eu que mal aprendera a fazer preces na infância —, muitas vezes orei rogando a Jesus fizesse a realidade surgir, diante de todos. E confesso aqui, à frente desta assembléia familiar: seria um crime esperar um filhinho e contrair um matrimônio com a provação de perder o corpo num desastre? Seria um erro amar tanto, a ponto de não aguardar o consentimento dos familiares e dos amigos, a fim de revelar a extensão de minha escolha e a força de minha vontade?

Os grupos sociais possuem os seus estatutos próprios e, decerto, são felizes quantos lhes conseguem observar todos os parágrafos. . . Entretanto, o amor é uma luz da natureza que o cálculo humano não consegue condicionar. Seria uma falta imperdoável atender ao coração, antes que os códigos do mundo me aceitassem o gesto? E se esses códigos me recusassem a concessão que o meu próprio espírito mesmo me pedia? Tão pouco ser-me-ia o tempo, tão estreita a vida que a intuição me determinava. . .

Seria justo confidenciar aos pais queridos quanto se passava dentro de mim; no entanto, estavam distantes aqueles amados amigos aos quais, por força das leis de Deus, sempre chamarei "pai" e "mãe". Entre a perspectiva de que vivia os meus instantes finais no corpo ainda verde e a necessidade de confessar-me com os dois únicos benfeitores, os pais que Deus me concedeu, insisti com a companheira querida para que me exonerasse da aflição que me possuía. . . Estaríamos juntos e os pais queridos chegariam depois. Eu sabia que ambos concordariam comigo. Nunca me perguntariam se a querida Bel era senhora dessa ou daquela qualidade, não lhe achariam qualquer defeito, desde que eu, o filho que amavam tanto, igualmente a amasse. Isabel chorou, incapaz de sonegar-me a alegria da antecipação a que propunha. Mais por devotamento aos meus desejos que para agradar a si própria, honrou-me com a sua bondade, irmanando-se aos meus propósitos. Foi um momento de Deus aquele que vivemos, porque o futuro se nos anunciava promissor. Falei de meus estudos e com sinceridade planejei a nossa casa porvindoura. Ela me ouvia pálida e enternecida, ignorando nós ambos que a morte me espreitava. . . E a morte me colheu à frente de Cravinhos, quando eu sonhava. . . Sérgio, o amigo, e eu, perdemos o corpo físico de um instante para o outro. E compreenderão o que atravesssei, no capítulo da in-

quietação, na certeza de que lançara em uma nuvem de sofrimento e indagação aquela que amo tanto. . .

Lutei para exteriorizar os meus desejos de comunicação com a urgência precisa. O vovô Valério e a Vovó me auxiliaram. Que eu orasse e pedisse a Deus. Candidatara-me à condição de pai, de maneira prematura e a Celeste Bondade se compadeceria do meu coração de rapaz correto habituado a cumprir a palavra onde a confiasse. Buscamos o apoio de amigos experimentados em questões de intercâmbio e todos foram unânimes em recomendar-me prudência e confiança.

Deus de Amor Infinito, meu filhinho nasceu e chorei ao ver-lhe os olhos que se abriam à minha procura. . . A luta foi longa, mas Deus, por seus intérpretes, me concedeu a felicidade que recebi do Céu por brinde de aniversário. As provas requisitadas confirmaram a verdade. Estou feliz, notando a nossa querida Bel entrando na família, com o respeito e a simpatia de todos os meus entes amados, a lembrar-me a presença de companheiro honesto em minhas aspirações. Casamo-nos com Deus e Deus fê-la conquistar a nossa casa com a honra que merece.

Agradeço a todos e exponho o meu caso, para dizer que o Senhor não nos abandona, que o amor é invencível quando se une à confiança nos céus e que uma criança é sagrada perante a vida, porque a vida lhe concedeu, em nome do Criador, o privilégio de viver e aperfeiçoar-se, viver e lutar, viver e sofrer pela própria felicidade, viver e vencer.

Pais queridos, muito obrigado. Mãezinha Yonne, entrego-lhe uma filha assim como lhe confiei ao regaço de mãe um neto que é flor na árvore de nossas realizações. Agradeço ao Papai René, à querida Tatá, às irmãs e aos irmãos que as desposaram. Se choro é de alegria ao perceber que a morte não destrói o amor e nem anula

a verdade, porque a verdade e o amor são de Deus. Aqui, o Vovô Valério e o Vovô Gildo, a Vovó e as nossas benfeitoras Dona Euphrasia Eugênia e D. Edwirges Silva compartilham de meus agradecimentos.

Querida Isabel Cristina, estamos juntos e unidos. A nossa família é também sua e você é a companheira ideal de trabalho para cada um de nós. Abençoada seja a fé em Deus que nos amparou em todas as fases de nossa caminhada para a luz de agora.

Papai René e Mãezinha Yonne, muito obrigado. A nossa felicidade brilha entre dois mundos e Deus nos abençoa.

Não consigo escrever mais. Guardem todos por agora, mas sempre, o coração reconhecido do filho e irmão, companheiro e servidor reconhecido de todos os dias, servidor que o título de pai enobrece. Deus conosco e que Deus nos abençoe,

Renezinho.

René Oliva Strang.

Notas e Identificações

46 - Psicografia de F.C. Xavier, GEP, Uberaba, 3/10/1981.

47 - *A nossa querida Isabel Cristina conseguiu a melhor nota nas provas a que se submeteu. Tudo paz e verdade.* — Refere-se aos exames laboratoriais de reconhecimento de paternidade a que ela e o filho se submeteram, atendendo ao pedido dos pais de Renezinho, que assim agiram com a intenção de darem uma satisfação aos familiares e obterem, na Justiça, nova e completa Certidão de Nascimento do netinho. O

laudo pericial, assinado pelo Prof. Edson Silveira, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, concluiu: "Não foi possível demonstrar qualquer fator incompatível com o vínculo alegado. Isso significa que entre as alternativas possíveis do falecido existem, para cada sistema examinado, alternativas compatíveis."

48 - *D. Edwirges Silva* — Edwirges Maria da Silva Gusmão (1848-1923), esposa do tenente-coronel Dr. Joaquim Estanislau da Silva Gusmão, que foi presidente da Câmara e Intendente (Prefeito) de Rib. Preto. Ela forma com D. Adelaide M. Paixão e D. Euphrasia Gouveia Prata, a tríade das primeiras professoras das primeiras letras em Rib. Preto.

SÉTIMA CARTA

"Agradeço a todos os nossos que me reconheceram a presença numa criança dócil e querida que me escolheu para chegar ao mundo a fim de viver conosco."

Querido Papai René e querida Mãezinha Yonne, esta é uma hora de gratidão em que o meu anseio mais íntimo será voltar aos tempos de criança e pedir-lhes a bênção.

Estou reconhecido ao bem que nos fizeram. À nossa querida Isabel Cristina, ao querido filhinho e a mim.

Só o amor conseguiria decifrar o meu enigma entre duas vidas; entretanto, reconheço que Deus me entregou a pais amorosos e abnegados que me adivinhavam os pensamentos. Não se equivocaram o Vovô Valério e Vovô Gildo quando me prometiam que os dois me compreenderiam e me veriam sem necessidade de fenô-

menos espetaculares. Nossa linguagem mútua foi serena e iluminada de amor. Um filho que encontra a desencarnação numa estrada, deixa um filho por nascer daquela criatura que o amou, até concordar em receber-lhe as melhores esperanças.

Parecia-me portador de um problema de solução impossível. Entretanto, os pais queridos me avaliaram os compromissos, submeteram-se comigo aos testes exigidos e o nosso garoto de olhos celestes está incorporado à família em que a Divina Providência nos reuniu para sermos felizes. Muito grato pela proteção à querida Bel e ao filhinho, agora mais tranquilos. E agradeço a todos os nossos que me reconheceram a presença numa criança dócil e querida que me escolheu para chegar ao mundo a fim de viver conosco.

Estou feliz e abraço presentemente o trabalho espiritual com novo estímulo. Com o nosso amigo Sérgio estou cooperando em grande instituto de orientação espiritual, sob a direção do professor João Baptista Ferreira da Cunha, nobre educador de Ribeirão que prossegue oferecendo, a bem dos outros, o melhor de si. Para compartilhar de nossas tarefas sem maiores distâncias uns dos outros, com alegria, aceitei os encargos com os quais me sinto honrado e dono das melhores esperanças.

Desejava, acima de tudo, traçar estas palavras a fim de exprimir-lhes o meu profundo reconhecimento. Estarei com os pais queridos e com a Isabel Cristina, junto de nosso garoto que me espelha o coração e Deus a todos nos protegerá.

Sei que a Mãezinha Yonne tem precisado medicar-se. Faço votos para que ela se restabeleça dentro do menor prazo possível.

Querido Papai René e querida Mãezinha Yonne, mais uma vez a minha gratidão. A todos os corações

queridos da família, as minhas lembranças e agradecimentos.

Para o nosso novo lar, em que Isabel e o nosso pequenino estão sempre a esperar-nos com amor, os meus pensamentos de alegria e esperança. E para os queridos pais do meu coração, todo o carinho com o respeitoso e constante amor do filho que lhes deve tanto e que pede a Jesus recompensá-los em bênçãos constantes de saúde e felicidade, paz e bom ânimo, sempre o filho eternamente grato,

Renezinho.
René Oliva Strang.

Nota e Identificação

49 - Psicografia de F. C. Xavier, GEP, Uberaba, 9/1/1982.

50 - *Professor João Baptista Ferreira da Cunha* — Ainda não identificado.

OITAVA CARTA

“Venho agradecer-lhes por tudo, no segundo ano de meu e nosso rapaz que está crescendo para a nossa alegria.”

Querido Papai René e querida Mãezinha, estou bem e agradeço o amor com que me abençoam.

Reúno os dois com a nossa Tatá e comunico-lhes que a minha ausência de notícias não é esquecimento.

Acontece que a família querida me acalmou de tal modo o coração, que tenho estado a curtir meu filhinho com férias prolongadas, já que a luta foi tão grande para nós todos, a fim de atravessarmos a barreira das convenções que se nos opunham com enorme resistência.

Graças a Deus, a vitória pertenceu ao Papai e à Mãezinha Yonne, destemidos construtores da verdade e do bem, que não vacilaram em me estender o coração para que me sentisse realizado.

Hoje, venho agradecer-lhes por tudo, no segundo ano de meu e nosso rapaz que está crescendo para a nossa alegria. Com a nossa querida Isabel Cristina, estamos todos juntos neste aniversário número dois.

Que Deus os recompense, muito carinho e gratidão à nossa Tatá, sempre o refúgio de paz e reconforto a que devo tanto, e para os pais queridos todo o coração sempre grato do filho e companheiro de sempre,

Renezinho.

Nota

51 - Psicografia de F.C. Xavier, GEP, Uberaba, 24/4/1982, data do 2.º aniversário do filho de Renezinho.

NONA CARTA

“Carinhos ao novo Renezinho”

Querido Papai René e querida Mãezinha Yonne, com a nossa Tatá, recebam o meu abraço de carinho.

Estou atento ao terceiro ano de transformação. Penso em todas as alegrias que recebi dos pais queridos e peço a Deus os recompense com tudo o que a vida nos possa dar de Bom e de Belo.

Carinhos à Isabel Cristina e ao novo Renezinho.

Abraços maiores do filho muito grato,

Renezinho.

Notas

52 - Psicografia de F. C. Xavier, GEP, Uberaba, 3/7/1982.

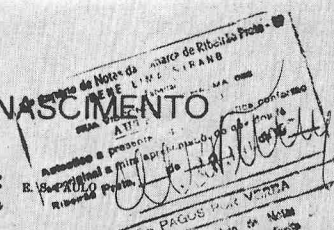
53 - *Estou atento ao terceiro ano de transformação.* — Desencarnado a 6/7/1979, refere-se aos seus três anos de vida espiritual.

54 - *Novo Renezinho* — Apenas cinco dias antes havia sido liberada a nova Certidão de Nascimento de seu filhinho, antes chamado José Abrahão Neto, e agora registrado com o nome: René José Abrahão Strang. Neste dia, seus pais René e Yonne, muito felizes, haviam levado a Uberaba uma cópia dessa Certidão como lembrança afetuosas ao médium, com as seguintes dedicatórias no verso:


Ao querido Vovô Chico Xavier,

Toda a minha gratidão pela mediação entre os planos espiritual e material, no reconhecimento da paternidade de meu pai René Oliva Strang para comigo, seu filho,

René José Abrahão Strang.
(O Espírito Valente)



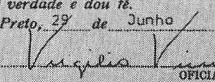
CERTIDÃO DE NASCIMENTO

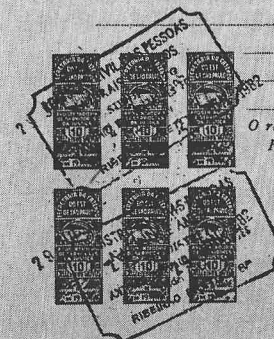
BRASIL 

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS - DISTRIBUIDOR DE ANEXOS
 1.º SUBDISTRITO DE RIBEIRÃO PRETO - MUNICÍPIO E COMARCA DE RIBEIRÃO PRETO

Oficial: Virgílio Vieira de Souza
 Oficial Maior: Antonio Durval Alves Fontes

Certifico que no livro A- 307 - às fls. 49v - - - - termo 23,090 - - -
 está registrada no dia dezito - - - - de Junho - - - - de 1.982 -
 uma criança do sexo masculino - - - - nascida no dia VIRTE E QUATRO - - -
 de ABRIL - - - - de mil NOVECENTOS E OITENTA - - - -
 neste Subdistrito - - - -
 com o nome de: "RENÉ JOSÉ ABRAHÃO STRANG" - - - -
 filho de RENÉ OLIVA STRANG - - - -
 e de dona ISABEL CRISTINA ABRAHÃO, naturais: - - - - deste Subdistrito e -
 de Santos, deste Estado - - - -
 - - - -
 Avós paternos: René Lima Strang e dona Yonne Oliva Strang - - - -
 - - - -
 Avós maternos: José Abrahão e Geraldina Pereira Abrahão - - - -
 - - - -
 Observações: Testemunhas: Ivel Abrão Finto e José Abrahão, residentes -
 neste Distrito - - - -
 - - - -
 - - - -

O referido é verdade e dou fé.
 Ribeirão Preto, 23 de Junho de 1982 - -

 OFICIAL

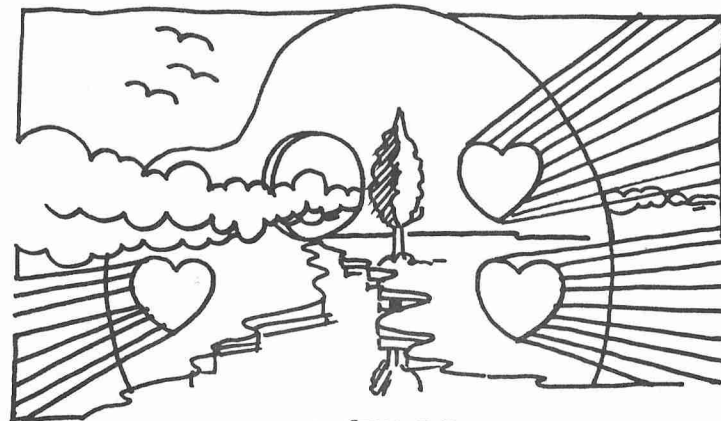


Chico,

Que Jesus o abençoe por tudo quanto você tem feito aos integrantes da "Nave da Saudade", como correio do Além.

Os irmãos menores, eternamente reconhecidos

René Yonne Bel.



CAPÍTULO 2

"SAIBA TAMBÉM QUE CRESCI"

Quando Sandra Regina Camargo — uma vivaz, alegre e carinhosa menina de 9 anos — partiu para o Mundo Maior, deixou, naturalmente, profundas saudades em sua família. Residia em Goiânia, GO, onde faleceu aos 10 de agosto de 1977, após padecer três longos anos de pertinaz e incurável leucemia.

Sandra foi e é um espírito forte, robustecido na dor e na fé. Pois, além de grave enfermidade, viveu problemas familiares agudos, que ela mesma expõe, em carta psicografada por Chico Xavier e endereçada à vovó Julieta, única familiar presente à reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas, na noite de 17 de janeiro de 1981: "a senhora sabe que entre ele (o pai) e mim havia ressentimentos que estou procurando liquidar."

Outro detalhe interessante da mensagem, que também revela admirável firmeza de vontade, é a explicação de sua nova condição espiritual, não mais de criança e sim de adulta: "Saiba também que cresci. Isso aconteceu na medida de meu desejo interno de



Sandra Regina Muniz

me fazer *pessoa grande*, a fim de auxiliar a Mãezinha Sônia.”

Leiamos sua carinhosa carta:

Querida vovó Julieta, abençoe-me.

A vovó Mariquinha me trouxe até aqui para contar-lhe que estou bem. A saúde voltou. Aqui me mudaram todo o sangue — não sei se você pode compreender isso — mas é assim mesmo. Dizem que a leucemia é um empobrecimento curável aqui, com a substituição do sangue que é nosso. Como é isso, eu não sei dizer, como também aí em nossa casa eu nunca soube explicar o que era meu sangue e porque deveria tê-lo em minhas veias.

O assunto melhor é saber que já posso movimentar-me e saiba também que cresci. Isso aconteceu na medida de meu desejo interno de me fazer *pessoa grande*, a fim de auxiliar a Mãezinha Sônia.

A senhora ficou sabendo que esperei por meu Pai, e isso é verdade. Mas a senhora precisa informar-se de que a Vovó Mariquinha me preparou de maneira que ele não me identificasse. Coitado do Papai! Estava muito abatido e muito aflito, e creio que me agradeceu o abraço, desconhecendo que o recebia de sua própria filha.

Vovó Mariquinha ponderou que não deveríamos humilhá-lo, pois a senhora sabe que entre ele e mim havia ressentimentos que estou procurando liquidar.

A gente não se modifica de vez, mas bem que isso seria ótimo, se fosse possível. Tenho aprendido aqui porém, que as leis de Deus não garantem violência para ninguém.

Tudo o que temos de bem ou de mal é cousa nossa e, com o tempo, a criatura observa que é muito mais

válido para a felicidade criar o bem com esquecimento do mal.

E eu estou nesta escola.

Diga à Mãezinha Sônia que venho me aproximando do Max e da irmãzinha para auxiliá-los. Pelo menos, este é o meu propósito, e porque ainda não sei discernir o que seja mais aconselhável do que seja menos, peço a Deus me inspire, a fim de que eu seja uma boa irmã para os dois.

Querida vovó Julieta, muito grata me sinto por suas lembranças e referências; no entanto, creia que continuo precisando de suas orações e de suas palavras de reconforto, de modo a sustentar-me no melhor a ser e a fazer.

A vovó Benedita está conosco. Somos quatro — Você, a vovó Mariquinha, a vovó Benedita e eu. Estou satisfeita por incluir-me no grupo, porque preciso envelhecer em compreensão da vida.

Querida vovó Julieta, com os meus pensamentos em nossa querida Mãezinha Sônia, peço-lhe receber todo o amor de sua neta que não é mais a sua criança e sim a sua companheira de trabalho e renovação.

Muitos beijos da sua

Sandra Regina Muniz.

(Vovó, o Muniz é mais nosso.)

Notas e Identificações

1 - *Vovó Julieta* — Julieta Pereira Muniz, avó materna, residente em Goiânia, GO. Sempre foi espírita.

2 - *Vovó Mariquinha* — Maria Aranha, tetravó materna, desencarnada há mais de 40 anos,

3 - *A saúde voltou. Aqui me mudaram todo o sangue (. . .) Dizem que a leucemia é um empobrecimento curável aqui.* — O corpo espiritual ou perispírito, que continua ligado ao Espírito após a desencarnação, é estruturado de matéria mais rarefeita (quintessenciada) e apresenta a mesma constituição geral do corpo físico, isto é, com os mesmos órgãos e sistemas, inclusive o sanguíneo (hematopoiético), que é o setor atingido pela leucemia. Aliás, é o perispírito que preside a todas as formações do corpo físico no processo reencarnatório.

“De modo geral, a etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guardam no corpo espiritual as suas causas profundas.” (André Luiz, *Evolução em Dois Mundos*, F.C. Xavier e W. Vieira, Ed. FEB, Segunda Parte, Cap. XIX.) Assim, Sandra nasceu com a predisposição mórbida, provavelmente conseqüente de uma dívida cármica, agora resgatada. Após três anos de enfermidade na Terra, e um tratamento complementar (do perispírito) na Vida Espiritual, ela alcançou a cura definitiva.

4 - *já posso movimentar-me* — Na última semana de sua vida terrena, permaneceu acamada, sem se mover.

5 - *e saiba também que cresci.* — Diante de um caso semelhante a esse, apresentado no livro *Reencontros* (Espíritos Diversos, F.C. Xavier, H.M.C. Arantes, Ed. IDE, Cap. 10, Nota 3), assim comentamos: “Sabemos que após a desencarnação o corpo espiritual das crianças pode voltar à condição de adulto, que é a normal, exigindo para essa transformação plástica, maior ou menor tempo, dependendo do grau evolutivo da alma. Isto é, quanto maior o progresso moral e intelectual do Espírito, maior é o seu poder mental (plástico) sobre as células do próprio corpo espiritual. (Ver *Evolução em*

Dois Mundos, médiuns F.C. Xavier e W. Vieira, Segunda Parte, Cap. 4; e *Entre a Terra e o Céu*, médium F.C. Xavier, Cap. 9 a 11, ambos do Espírito de André Luiz, Ed. FEB.)”

6 - *Mãezinha Sônia* — Sônia Muniz Camargo reside com sua mãe, Julieta, em Goiânia.

7 - *A senhora ficou sabendo que esperei por meu Pai e isso é verdade.* — Quando seu pai, Gregório Camargo, regressou ao Mais Além em 13/3/1980, Sandra já residia havia dois anos. E, dois meses antes do recebimento desta carta, D. Julieta esteve em Uberaba, onde Chico Xavier lhe deu o seguinte recado: “Sua neta está muito bem. Ela foi receber o pai dela.”

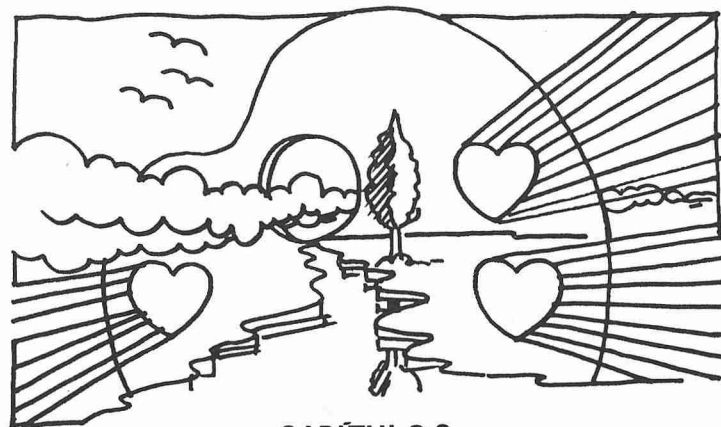
8 - *Max e irmãzinha* — Seus irmãos: Max Luiz Camargo, atualmente com 10 anos; e Cláudia Cristina Camargo, com 12 anos.

9 - *Querida vovó, muito grata me sinto por suas lembranças* — D. Julieta guarda consigo, carinhosamente, algumas lembranças da neta, tais como: roupas, bonecas e brinquedos.

10 - *Vovó Benedita* — Benedita Ribeiro de Freitas, bisavó materna, desencarnada em 1974.

11 - *Sandra Regina Muniz* - Finalizando a carta, Sandra Regina Camargo mudou a sua assinatura com a justificativa: *Vovó, o Muniz* (nome da avó) *é mais nosso.*

12 - Esta carta foi impressa e divulgada pela família, com o seguinte agradecimento: “Senhor Jesus, permiti que as mãos abnegadas do nosso querido irmão Chico Xavier continuem espalhando as bênçãos de consolo e esperança para os que experimentaram a ausência de seus entes queridos. Obrigado, Senhor. Julieta e Sônia.”



CAPÍTULO 3

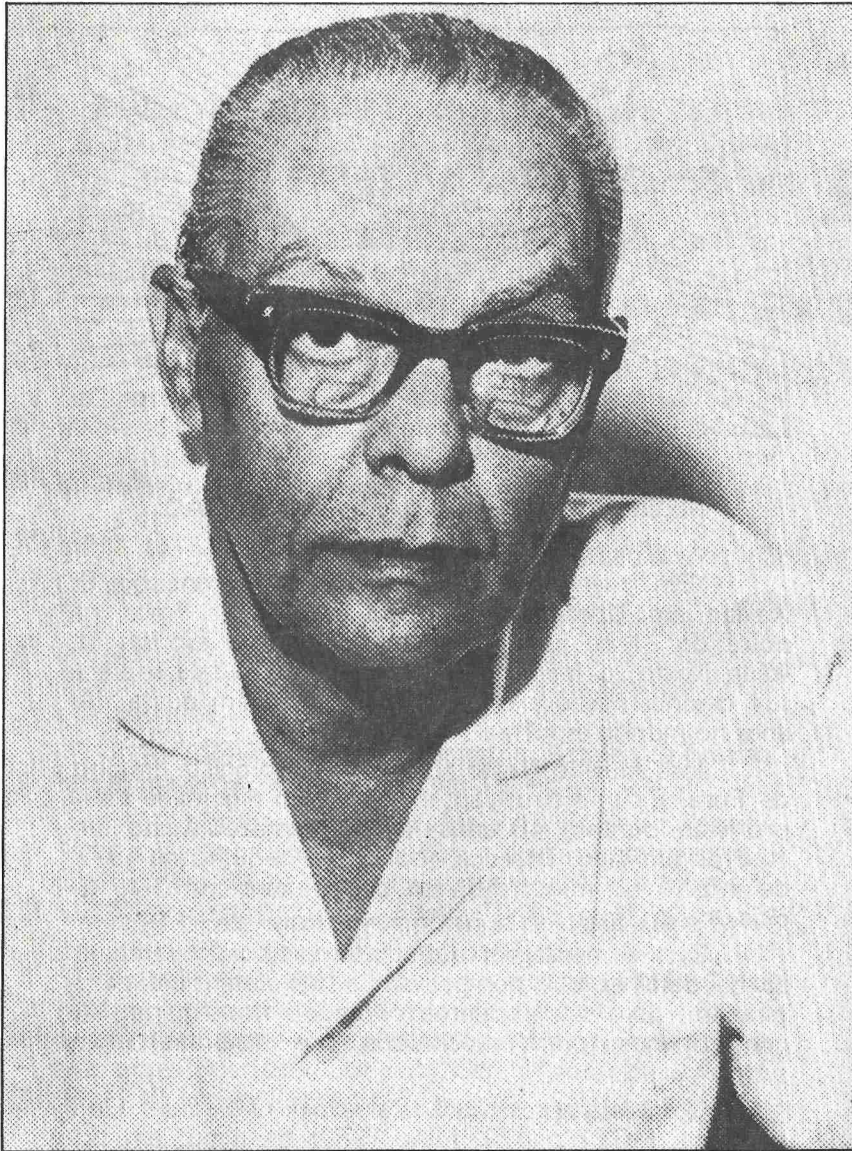
MÉDICO EM NOVOS CAMPOS DE AÇÃO

“Em mensagem psicografada por Francisco C. Xavier, em Uberaba, no Grupo Espírita da Prece, na noite de 21 de junho de 1980, dirigida à esposa sra. Irene Netto, o médico José Murillo Netto fala sobre a sua desencarnação e do que já aprendeu em quase três anos no mundo espiritual.

José Murillo Netto foi médico urologista em Juiz de Fora. Exímio cirurgião, exerceu com dignidade a sua profissão durante 40 anos, tendo granjeado vasto círculo de amizade. Desencarnou em 26 de julho de 1977, de infarto do miocárdio, em pleno exercício da medicina.

Esta a mensagem que transcrevemos, pela riqueza de detalhes que comprovam a sua autenticidade e, também, pelo seu excelente conteúdo doutrinário. Alguns trechos foram suprimidos, por tratarmos de assuntos particulares.”

Com esta apresentação, a revista *O Médium* (Juiz de Fora, MG, n.o 479, julho/1980) divulgou, em primeira mão, a referida carta mediúnica.



Dr. José Murillo Netto

Posteriormente, solicitamos à viúva Dr. Murillo Netto a devida autorização para também incluí-la nesta obra, o que conseguimos em atenciosa carta-resposta assim redigida:

“Juiz de Fora, 10 de janeiro de 1981

Prezado Senhor,

É fácil imaginar minha satisfação em saber que a mensagem recebida de meu saudoso Murillo, pela abençoada mediunidade do nosso querido Chico, possa levar a outras pessoas essas notícias do mundo espiritual e mais confiança na Bondade de Deus, além do muito que confortou e esclareceu aos meus filhos e a mim própria.

Sr. Hércio, sabendo de sua intenção de publicar em livro a referida mensagem de meu marido, aproveito a oportunidade para agradecer-lhe e dar-lhe meu pleno e irrestrito consentimento.

Desejando-lhe e à sua Família muita saúde e paz, subscrevo-me com elevada estima,

(a) Irene Neves Netto

(Vva. Dr. José Murillo Netto)”

“É muito penoso saber tanto acerca do corpo, sem maior discernimento quanto às realidades da alma.”

Querida Irene, estamos juntos, como sempre.

Ainda não tenho formas de ritual para erguer pensamentos aos Céus; entretanto, creia que estou desejando a você e aos nossos filhos, com os netos e quantos nos compartilham o cotidiano, muita saúde e tranqüilidade, com as alegrias possíveis, em nosso tempo de transformações difíceis e, por vezes, amargas.

Quase três anos!

Vinte e seis de julho ficou marcado a pranto em nossos dias. Ainda assim, se a separação aparente nos doeu tanto, a fé permanece em nossa companhia, na condição de enfermeira eficiente, cicatrizando-nos as chagas do coração.

Posso dizer que as seqüelas da desencarnação desapareceram. As primeiras semanas foram de conflitos graves.

Não é fácil ser despejado de casa sem aviso prévio, e o que me aconteceu não foi muito diferente, conquanto aquelas indefiníveis dores precordiais que não me chegavam a predizer qualquer suspeita de fibrilação.

Acontece, porém, que o inesperado surge de repente, carreando bens ou males que a criatura, sempre acalentada pela esperança, não conta receber de improviso.

Nesse aspecto, entretanto, as provações superam os prêmios sempre minguados para quem participa das filas imensas dos necessitados no mundo. A morte é assim mesmo. Mais do que outros profissionais, o médico sabe disso.

É muito penoso saber tanto acerca do corpo, sem maior discernimento quanto às realidades da alma.

Não é difícil estabelecer prognósticos, nesse ou naquele caso estranho a nós, contudo, em se tratando de nós mesmos, preferimos desconhecer as possibilidades negativas quando se anunciam para nós pessoalmente. É por isso que, mesmo em Medicina, o homem conhece com expressiva extensão os males alheios, mantendo-se de entendimento obscuro sobre os males que lhe sejam próprios.

Você lembrará comigo a estranheza que registrava,

de quando em quando, mas felizmente você mesma cooperava comigo para que me esquecesse de sintomas e confiasse com mais segurança na Bondade de Deus.

E agora, querida companheira, que os dias fiaram novas linhas de circunstâncias e confrontos sobre as ocorrências que nos surpreenderam, reconheço que a certeza estava em sua abençoada capacidade de crer. Graças a Deus, tudo se verificou pelo melhor.

Se paradas cardíacas me atrasassem a liberação, ignoro como seriam os nossos sofrimentos. Agora que a neblina da incompreensão não descortina para nós o sol de novos dias, afirmo ao seu carinho que o seu "velho moço" está muito grato.

Você articulou todas as providências de que desejava ser o autor se aí estivesse, nos momentos de partilhas e resoluções, que habitualmente criam tantos espetáculos de desentendimento e discórdia entre os melhores grupos familiares de nosso conhecimento. Felizmente estamos em paz e agradeço a sua ternura de esposa, reservando-me, noite a noite, o lugar de presença, com a bondade que lhe preside as intuições claras de sempre.

Não tenho estado tão longe, qual se imagina por aí para o chamado *morto* que se despede dos entes amados.

Com o apoio de amigos prestigiosos, procuro permanecer nas organizações assistenciais de nosso ambiente, em Juiz de Fora.

Encontrei aqui no Mundo Espiritual um princípio altamente benéfico. Os tarefeiros do bem que se inclinam à demora na assistência à família, podem facilmente obter semelhante privilégio, desde que se sustentem em serviço ao próximo, nas vizinhanças do lar que lhes serve de moradia aos pensamentos ainda vestidos do amor e da saudade, que simbolizam em si, vínculos respeitáveis na vida de cada um. Tenho o reconforto de me con-

servar quase rente com você e com os filhos queridos que nos oferecem agora a colheita dos netos maravilhosos que nos enriquecem o presente na direção do futuro. Continuo esposo e pai, com a ficha de médico, aprendendo a servir em novos campos de ação.

E os companheiros são muitos, porque a desencarnação não significa vôo imediato aos Espaços Eternos.

Muito poucos se deslocam do Plano Físico em demanda de regiões mais elevadas, porquanto, na Vida Maior, encontramos invariavelmente a continuidade do que somos por dentro de nós mesmos. O desejo parece um ímã poderoso. A criatura se desliga do veículo denso e, de imediato, se transfere para a região que lhe define os anseios satisfeitos.

Essa antiga história do céu, inferno e purgatório, é autêntica em se tratando da vida íntima. Cada criatura traz consigo o sinal do *ponto geográfico* em que passará a estagiar, após desvencilhar-se dos laços positivamente materiais da vida na Terra. As organizações são mantidas com a ordem inerente às próprias leis que nos governam.

Os semelhantes se atraem e se fixam uns com os outros, até que nos recessos de cada *personalidade espiritual* apareça o propósito de renovação para experiências mais altas pelo sentido de elevação em que se caracterizem.

Por felicidade a religião não é combativa, pelo menos do meu ponto de vista, pelo que já consegui conhecer e deduzir.

Os grupos se satisfazem por dentro de si próprios, à maneira de comunidades autárquicas. Imagine você que vultos respeitáveis de nossa querida terra de Juiz de Fora, continuam aqui trabalhando e construindo.

O irmão José Ribeiro de Resende, desbravador das margens do Paraibuna, ainda se acha em ação, cola-

borando no progresso comunitário. O Dr. Alfredo Ferreira Lage continua em sua magnânima prestação de serviço. D. Justino de Sant'Anna, prossegue dirigindo a coletividade católica, e a vida se amplia, sem coação para ninguém.

Digo tudo isso a você, respondendo a indagações que nós ambos formulávamos sem resposta.

Quanto possível, aumente a sua quota de assistência social. Sei que você é sempre colaboradora voluntária dos movimentos de confraternização. Pois, quanto possa não se canse de auxiliar.

Os seus investimentos por aqui serão cada vez mais preciosos. A beneficência é uma espécie de poupança com valores definitivos perante o Câmbio Universal da Providência Divina.

Mas também não vá se estragar porque eu esteja asseverando isso.

Disciplina e ponderação nunca perdem. Sigamos devagar. Precisamos muito de sua contribuição junto aos propriamente mais próximos de nós, que são os nossos filhos e descendentes.

Agradeço ao Eduardo, ao Henrique e a Elizabeth, as lembranças reconfortantes com que me recordam. Sou grato a todos.

Continue amparando aos nossos netos — especialmente no domínio da assistência espiritual — porque, sem qualquer idéia de crítica, noto que os pais da atualidade dispõem de muito pouco tempo para dialogar com os filhinhos.

As crianças precisam de alguém que lhes incuta idéias positivas de fé e trabalho, amor e solidariedade, nas pequenas cabeças esfogueadas pela televisão aberta. (. . .)

Irene querida, o lápis corre e os minutos já não nos pertencem. (. . .)

Muito amor aos nossos filhos e lembranças aos nossos amigos.

Aqui termino esta *carta quilométrica*. Isso é saudade querendo reconfortar-se. Mas não é saudade sem esperança.

Confiando agora na Bondade de Deus, muito mais do que antes, peço a você guardar sempre em seu coração o coração do seu, sempre seu,

Murillo.

José Murillo Netto.

Notas e Identificações (de O Médium)

1 - *Vinte e seis de julho* — Data da sua desencarnação.

2 - *José Fibeiro de Rezende* — Barão de Juiz de Fora. Vereador mais votado e 1.º Presidente da Câmara Municipal de 1853 a 1856. Foi dono de uma fazenda de café às margens do rio Paraibuna, daí a alusão "desbravador das margens do Paraibuna".

3 - *Dr. Alfredo Ferreira Lage* — Vereador em 1892. Grande benfeitor da cidade, tendo doado o castelo de sua família (construído por seu pai Mariano Procópio), com todo o seu rico acervo, e que é hoje o Museu Mariano Procópio.

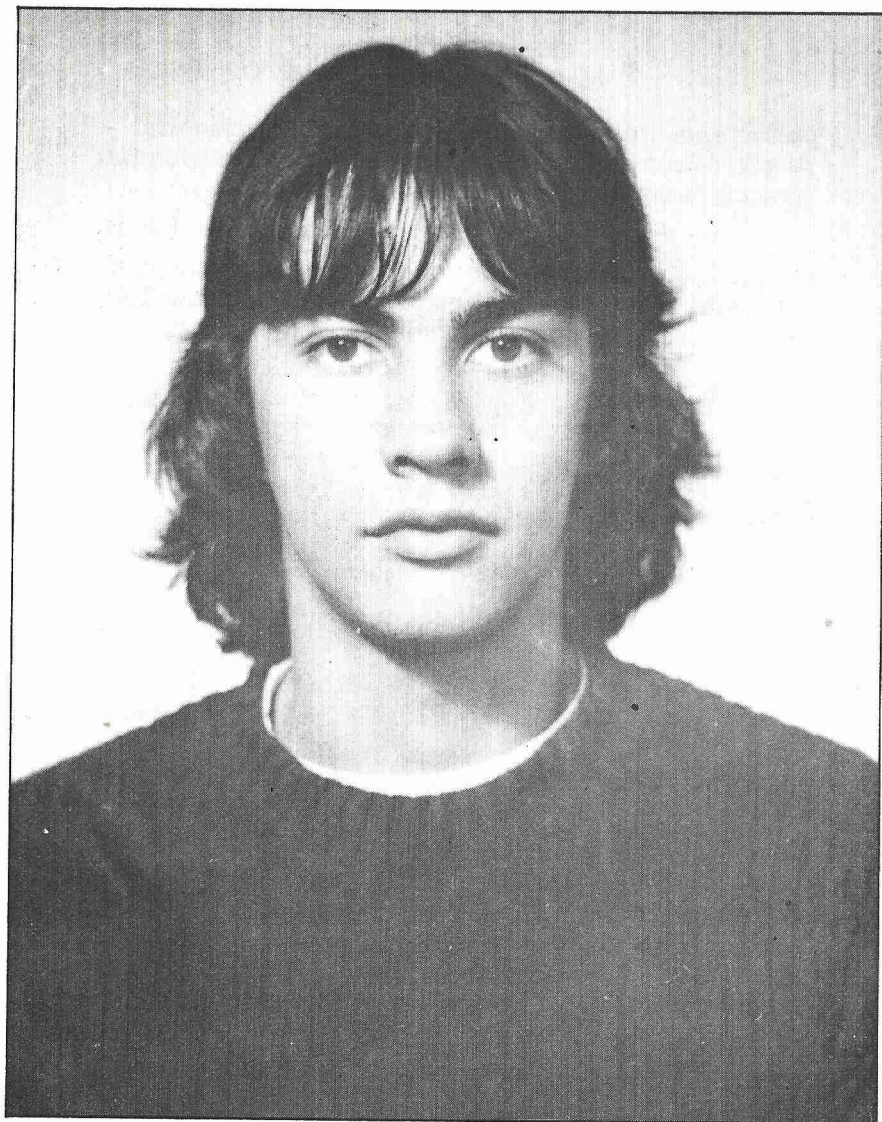
4 - *D. Justino de Sant'Anna* — D. Justino José de Sant'Anna (1878-1958), 1.º Bispo de Juiz de Fora, cuja *sagração* verificou-se em 1925.

5 - *Digo tudo isso a você, respondendo a inda-*

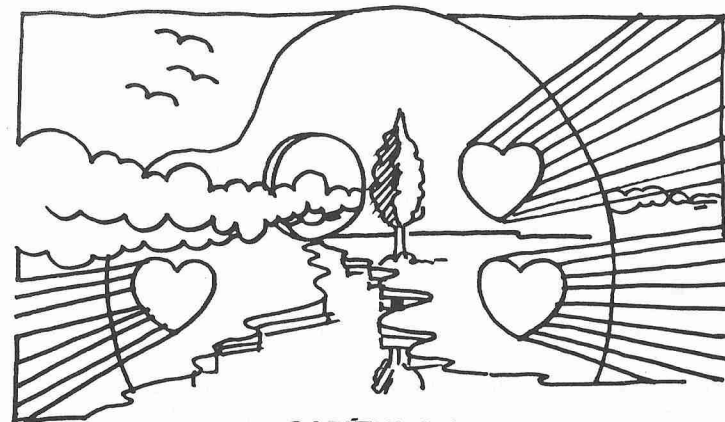
gações que nós ambos formulávamos sem resposta. — Alusão às conversas íntimas entre o casal, quando ambos conjecturavam a respeito da vida espiritual.

6 - *Eduardo, Henrique e Elizabeth* — Filhos.

7 - *José Murillo Netto* — A assinatura completa logo abaixo do nome *Murillo* era uma característica dele, só conhecida por seus familiares.



Gerard Patrick Castelnau



CAPÍTULO 4

CLARAS E ABENÇOADAS PREMONIÇÕES

Quando merecemos e necessitamos, sempre surge, em socorro ao nosso coração, um pressentimento dos eventos mais relevantes, e às vezes dramáticos, de nossa vida, atenuando os impactos e preparando-nos para os difíceis e dolorosos testemunhos de fé em Deus.

Foi o que ocorreu com D. Christiane Magliocco Castelnau, residente no Rio de Janeiro, na noite de 11 de março de 1978, quando sonhou com a partida para o Além de seu filho Patrick, sem nenhum motivo que explicasse tal vivência onírica. De fato, na manhã do dia seguinte, às 6 horas, ela foi despertada pelos gritos da empregada, anunciando-lhe o acidente automobilístico, a quinhentos metros de sua casa de Itaipava, RJ, que ocasionaria o falecimento de Patrick, aproximadamente às 7 horas, num hospital de Petrópolis.

Tudo indica que a premonição consistiu na transmissão de um aviso por algum Benfeitor Espiritual, protetor da família, que se caracterizou como sonho na mente materna.

É digna de nota a influência do sonho na conduta de D. Christiane, assim descrita por ela mesma:

“Naquela manhã, três homens levaram-me a notícia do acidente. Eu perguntava: ‘É grave?’ Eles responderam que houve alguns arranhões. Nesse momento, olhei à namorada de meu filho e uma de minhas amigas, e disse: ‘Acabo de perder Patrick.’”

Quando cheguei ao Hospital Santa Tereza, em Petrópolis, ninguém me disse nada. Eu pressenti. Peguei o telefone, chamei meu marido que se encontrava no Rio, e disse: ‘Vem. Seu filho acaba de morrer!’ Depois o vazio. Para mim o mundo acabava nesse momento.”

O

Mas, dez meses depois, a 19 de janeiro de 1979, em Uberaba, ela recebeu muito conforto e paz através de uma carta de próprio punho de seu inesquecível Patrick, psicografada por Chico Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, que lhe contou: “Mãezinha, esta carta é um alô iluminado de beijos. Aquilo tudo foi reajuste. Não culpem a ninguém.”

O

“Dois dias antes de partir, meu filho fez uma canção, que no final diz: ‘Jeremy, Jeremy. Eu sou o homem da montanha. Eu não tenho medo da morte. Eu a respeito.’” Este e outros fatos premonitórios também ocorreram com Patrick, segundo depoimento de D. Christiane.

“Uma coisa incrível. Nós nunca falamos de morte. Entretanto, dois ou três meses antes do acidente, ele disse a seu pai: ‘Eu não viverei até à velhice’. Falava também aos seus amigos e aos meus, que se caso alguma coisa lhe acontecesse, por favor, olhassem pelos seus pais. Há pessoas que vivem no passado e outras têm visão do futuro.

Patrick já era transportado em outra dimensão. Ele presentia, para nós de maneira inexplicável.”

O

Em seqüência ao seu depoimento, D. Christiane contou-nos como recebeu a mensagem do querido filho:

“É inútil descrever nosso desespero. Somente os pais que perderam seus filhos sabem e podem sentir. Eu emagreci 14 quilos em 15 dias, querendo uma coisa só: ir embora deste mundo. Foi quando uma amiga me falou de Chico Xavier. No estado em que me encontrava, tanto fazia ir, ou não; vê-lo ou não, pois nunca havia me interessado pelo Espiritismo.

Fiz a primeira viagem sem êxito. Na seguinte, cheguei numa segunda-feira para ser atendida na próxima sexta. Chico recebia 60 pessoas e eu tinha o n.º 11. Nessa época, chorava o tempo todo, quase não me alimentando.

Chegou o grande dia. Eu tinha em mãos redações, desenhos e fotografias de Patrick. Queria mostrar tudo, contar tudo, mas infelizmente o tempo era limitado. Seguiu chorando, quando Chico, muito calmo, pegou a fotografia de meu filho e disse: ‘Ele está bem. É um espírito de luz.’

Quando o médium me perguntou onde foi o acidente, eu respondi que foi no Rio de Janeiro, para não perder tempo, quando, na verdade, foi na cidade serrana de Itaipava. Porém, meu filho diria corretamente na mensagem psicografada: ‘Realmente não regresssei de Itaipava. Retornei da guerra. (. . .) De uma paisagem bonita como a nossa na serra, me transferi para outra.’

Depois, Chico começou a perguntar-me: ‘Quem é Margueritte? Ninon?’ e outros nomes de meu conhe-

cimento. Eu olhava-o e não compreendia nada. Não sabia se ficava, se corria ou chorava mais. Nunca havia visto Chico em minha vida. Eu resido no Rio, a centenas de quilômetros de Uberaba. Sou francesa e os nomes são diferentes. Enfim, sentei-me e aguardei a noite com paciência.

Quando ele começou a psicografar eu não para-va de rezar, sempre não compreendendo nada. Tudo para mim era um sonho, uma coisa irreal. Chico parou de escrever e começou a chamar os destinatários, um por vez, lendo em seguida, ao microfone, as mensagens. Nesse dia, das seis recebidas, a quinta foi a minha. Ao ouvi-la, pensei em ter uma parada cardíaca, tal a minha emoção."

E, concluiu seu relato com estas palavras:

"Nossa dor prossegue, não há dúvida. Mas, uma coisa deve ser dita: Chico, obrigada. Obrigada em nome de todos os pais. Que Deus te proteja."

"Tudo é belo na obra de Deus."

Mamãe Christine, abençoe-me.

Tudo bem. Chegada em paz. Sabe o que sucedeu? Realmente não regresssei de Itaipava. Retornei da guerra. Felizmente.

Diga ao meu pai, a nossa Chantal e a nossa Ninon que prossigo. Tudo prossegue. É a vida de que se cogita ainda mesmo quando nossas capas físicas se estendam estraçalhadas nos acidentes. Ontem, o campo de resistência e de luta. Agora, é a região de paz reconquistada.

Avise à vovó "chéri grand-mère" Fernanda e ao vovô Magliocco que estou bem. De uma paisagem bonita

como a nossa na serra, me transferi para outra. Graças a Deus, a guerra para mim terminou.

Aquilo tudo, mamãe Christine, foi reajuste. Não culpem a ninguém. Minha outra avó Margueritte está me ensinando a compreender. Ainda vacilo nas lições. Mas o importante é que estou na escola.

Mãezinha, lance tudo o que é recordação de infância no esquecimento. Papai Gerard está certo, somos todos irmãos. Não existem adversários. Existem os filhos de Deus e todos nos pertencemos uns aos outros.

Console a querida Chantal. A vida pede compreensão e não entende qualquer animosidade de nossa parte contra ela.

Tudo é belo na obra de Deus. O dia e a noite, a alegria e o sofrimento, o barco e a estrela, e até o próprio mal existe por bem ainda interpretado para a essência positiva em que nos transforma as dificuldades em bênçãos.

Mãezinha, esta carta é um alô simplesmente. Vai alô iluminado de beijos; são todos seus. Se possível, entregue alguns para Chantal e Ninon, e receba com meu pai Gerard todo o coração de seu filho, sempre seu filho do coração,

Gerard Patrick Castelnaud.

Notas e Identificações

1 - *Christine e Gerard* — Pais de Patrick, residentes no Rio de Janeiro, RJ. Na intimidade familiar, D. Christiane é chamada Christine.

2 - *Chantal* — Irmã, residente na França.

3 - *Ninon* — Namorada, residente no Rio de Janeiro.

4 - "*chéri grand-mère*" *Fernanda* (em francês: querida vovó) e ao vovô *Magliocco* — Avós maternos, residentes na França.

5 - *Aquilo tudo, mamãe, foi reajuste. Não culpem a ninguém.* — Com este esclarecimento de Patrick, deduzimos que houve resgate de débito de existência anterior, em obediência às Leis Divinas, justas e misericordiosas, que presidem nosso destino.

6 - *Minha outra avó Margeritte* — Margeritte Yvetot, bisavó, desencarnada na França, em 1974.

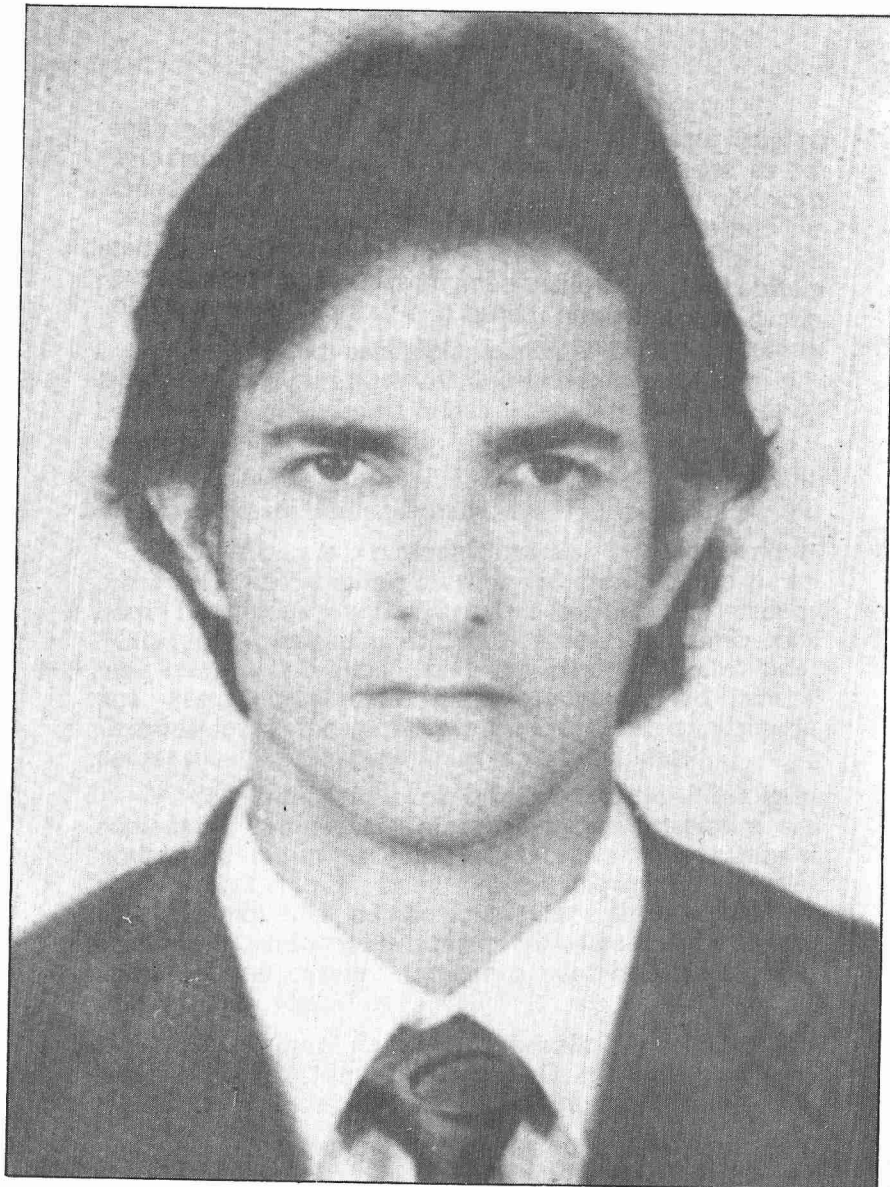
7 - *Console a querida Chantal. A vida pede compreensão e não entende qualquer animosidade de nossa parte contra ela.* — D. Christiane explica este trecho: "Quando aconteceu o acidente, estando somente com meu marido no Brasil, pedi à minha filha, em Paris, que viesse em seguida. Ela respondeu: 'Não posso.' Desliguei o telefone e disse a Gerard: 'Chantal acaba de perder sua mãe.' Ninguém mais sabia deste fato."

8 - *Tudo é belo na obra de Deus.* — Sua mãe comenta: "Patrick sempre revelava paz interior e era dotado de muita sensibilidade. Gostava da natureza e dos bichos. Certo dia, com 14 anos, ao regressar do colégio, disse-me: 'Mãe, eu não posso falar a ninguém, mas no caminho, quando alguns homens cortavam árvores da rua, eu as escutei chorar.' Enquanto narrava, uma lágrima rolava em seu rosto."

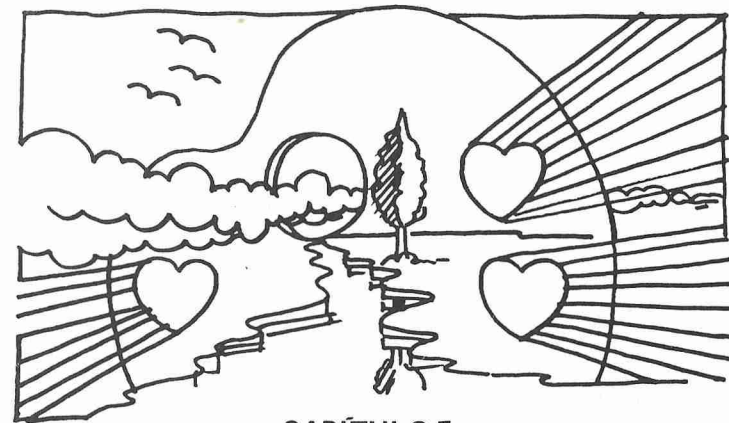
9 - *Gerard Patrick Castelnaud* — Nasceu no Rio de Janeiro, em 24/1/1958. Quando desencarnou, a 12/3/1978, era estudante de arquitetura.

10 - A assinatura de Patrick, ao final da mensagem mediúnica, foi reproduzida, nesta obra, como legenda

de sua foto. Sobre a grafia da mesma, D. Christiane fez as seguintes observações: "A assinatura *Gerard Patrick* não é a mesma de sua adolescência, e sim da época em que estava, aproximadamente, com 8 anos de idade. E a assinatura *Castelnaud* é muito semelhante a de meu marido. Não sei explicar bem, mas, como seu pai não acreditava no Espiritismo, penso que Patrick quis provocá-lo, assinando igual a ele."



Rui Vagner Garcia



CAPÍTULO 5

VOANDO MAIS ALTO

“Desastre de avião em Caieiras mata piloto e três passageiros

O piloto Rui Vagner Garcia, de 28 anos, residente em Tupã, e três passageiros, Aniz Chadi, 45 anos, Prof. Marco Antônio Casadei, 29 anos e Profa. Myrtes Pupo Negreiros, de 50 anos, todos de Marília, morreram ontem quando seu avião caiu na Serra do Ajoá, Morro Grande, município de Caieiras. O avião, um monomotor Corisco, fabricado pela Embraer, teve o acidente por volta das 9h30, quinze minutos depois de sair do Campo de Marte, com destino a Marília.

Sem ruído

Segundo Terezinha Alves de Souza, dona do Sítio do Barreira, próximo do local do acidente, o avião devia estar com defeito, pois não fazia barulho algum.

‘Só pude ver’, ela contou, ‘o avião fazer meia volta para não bater numa montanha. Acho que, no desespero,

o piloto tentou plinar, mas foi impossível. Uma das asas bateu num morro e ele desceu de bico contra o chão.'

Terezinha afirma que, com o choque, o avião espafifou-se todo, não restando nada dos passageiros.

As investigações para apurar as causas do acidente estão a cargo do major Franco Ferreira, do Serviço de Buscas e Salvamento da FAB e da Delegacia de Polícia de Caieiras. Os policiais e peritos que estiveram no local acreditam que o avião perdeu altura por avaria no motor."

Esta foi a notícia estampada na imprensa (*Folha de S. Paulo*, São Paulo, SP), no dia 16 de novembro de 1979, relatando um lamentável acidente que enlutou várias famílias.

Porém, apenas três meses após este doloroso acontecimento, o piloto Rui voltou a conversar com seus pais e com a querida noiva, através da escrita mediúnica, dando provas de muita compreensão e amor, mostrando que, sob as bênçãos de Deus, já voava mais Alto. . .

"Não achei senão a própria vida a continuar-se aqui de modo mais belo. (. . .) Ergamos a frente para o céu e procuremos no trabalho do bem as chaves do reencontro."

Querida mamãe Zolinda, peço me abençoe.

Estou aqui, sob a tutela de amigos, com o fim de escrever-lhe com respeito às minhas notícias. É tudo tão estranho que não identifico as palavras certas para contar-lhe o que me sucedeu. Tudo se passou como se recebesse uma ordem arbitrária para que deixasse tudo o

que representava minha própria vida, de modo a partir ao desconhecido.

Estou abraçando a nossa querida Marisa, ao seu lado, e com natural descontentamento reconheço que não me percebe. Entretanto, a morte é mudança de lugar e de situação; se isso digo assim é porque não achei senão a própria vida a continuar-se aqui de modo mais belo, mas sempre o prodígio da existência que se teme perder, quando partilhamos as atividades terrestres.

Venho quase que constringido até aqui a fim de pedir-lhe calma e coragem. Rogo à querida Marisa para ficar na oração e aguardar os dias futuros. A noiva querida prossegue em meu coração na moldura de meu carinho e peço-lhe, querida mamãe, rogo à senhora e a meu pai adotarem Marisa espiritualmente, de maneira a conseguirmos pensar na felicidade dela nos dias que virão. Conquanto prossiga em minha condição de rapaz, a verdade é que a amo infinitamente e me vejo nos exercícios difíceis da liberação dos laços mais fortes que me prendiam à Terra.

Peço à querida Marisa para que ore e aguarde; se não posso agora assumir a posição do noivo, posso pedir a Deus para que o irmão que sou desperte em mim, compreendendo-a e abençoando-a no que delibere fazer.

Querida companheira de meus sonhos, não me veja indiferente; o nosso amor palpita em meu peito com a mesma força de antes, mas é preciso afastá-la do pessimismo e da inconformação. Prometo-lhe realizar o milagre da transformação que Jesus espera de mim no sentido de que me converta no companheiro fraternal para os seus dias. Peço a você e à mamãe não chorarem mais com tanta amargura a se lhe derramar do coração. Aguardemos a certeza de que Deus está em nossos passos, oferecendo-nos sempre o melhor.

Precisamos ser fortes e valorosos. O futuro vem aí e não desejo que ele a encontre prematuramente arrasada pela dor que nos feriu tanto, e que tanto nos feriu visando ao nosso próprio aperfeiçoamento. Tudo adquirirá uma nova forma de vida no mundo, e não podemos esquecer que Deus aí nos coloca na Terra para vivermos com as nossas realidades, melhorando-as sempre, tanto quanto possível. Ergamos a frente para o céu e procuremos no trabalho do bem as chaves do reencontro.

Mãezinha, agradeço a sua vinda com nossa Marisa, e espero que o seu carinhoso coração e meu pai não se esqueçam que temos Darci e Vera contando conosco para serem tranquilos e felizes. Não pense em morrer quando a vida se nos apresenta repleta de desafios santos, compelindo-nos a agir e servir sempre.

Estimaria pedir perdão ao pessoal da Ótica por minha falta involuntária. Quanto ao avião, fiz o que pude para impedir-lhe a queda. As máquinas, porém, são máquinas. Toda engrenagem estruturada em agentes do mundo encontra o seu dia de transformação, qual acontece conosco, inquilinos de um corpo terrestre, fadados à própria desintegração. Tudo passa, porém, deixando-nos ensinamentos preciosos. Que os nossos sejam devidamente aproveitados.

Quando me vi aturdido e em seguida inepte, muito embora a turvação dos sentidos que me caracterizava, notei que alguém me recolhia nos braços. Vim a saber depois que eram vovó Joana e o vovô Francisco que me socorreram. Vários dias atravessei à maneira da lagarta quando, involuntariamente, se imobiliza no casulo, mas acordei finalmente em meio de gente boa e compreensiva que me estendeu os braços para meu reconforto e renovação.

Agora espero que os amigos em Marília me perdoem, porquanto não tivemos qualquer culpa ante a

queda do aparelho. Dos meus companheiros ainda não sei o destino, mas conservo a convicção de que foram protegidos, qual me aconteceu. Aos poucos dar-lhe-ei conta do que for surgindo em minha inesperada e dolorosa novela em serviço.

Peço-lhe dizer a meu pai que o irmão José Alonso e o Dr. Giovanetti, que me informam estimarem com muito carinho a nossa família em Tupã, muito me auxiliaram e ainda auxiliam.

O vovô Francisco tem sido para mim um outro pai e nada tenho de que me queixar, senão que a saudade ainda me dói por dentro da própria alma, como que a me entrar a marcha para diante.

Rogo-lhes não esquecerem das orações. A prece, em nosso favor, é um estímulo venerável a impulsionar-nos para a estrada certa que nos cabe percorrer, embora de espírito ainda ferido com o acontecimento imprevisto, prossigo para a frente com a esperança.

Mãezinha, auxilie-me, ajudando a nossa querida Marisa a não chorar com tanto sofrimento por minha causa. Deus me concederá meios de poder exprimir-me com mais esperança em outro ensejo para que a nossa tranquilidade se refaça.

Querida mãezinha, receba com Marisa e com meu pai os meus melhores pensamentos de gratidão. Ainda titubeio no campo das idéias e por isso me despeço. Permitirá o Senhor que as melhoras espirituais me alcancem como necessito, a fim de conseguir auxiliá-los. Marisa querida, reanime-se!

Mãezinha, fortaleça o seu espírito consagrado ao bem e mantenhamos a nossa fé intacta em Jesus, com a certeza de que Deus nos oferece sempre o melhor que sejamos capazes de receber. Marisa querida, receba o meu coração de companheiro, e venerando-as com meu pai

Francisco e os irmãos ausentes, qual se todos estivessem aqui, conosco, deixa-lhe um abraço do coração o filho e companheiro de todas as horas, sempre seu, sempre o filho reconhecido

Rui.

Rui Vagner Garcia.

Notas e Identificações

1 - Carta psicografada por F. C. Xavier, a 15/2/1980, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, Uberaba, Minas.

2 - *Mamãe Zolinda* — Zolinda Maria Buono Garcia, residente em Tupã, SP. No início da reunião, quando ela pediu, por escrito, notícias de seu filho, identificou-se apenas como "Maria Buono Garcia", omitindo "Zolinda", prenome conhecido apenas dos mais íntimos. Portanto, este tratamento usado pelo Rui a surpreendeu e emocionou muito.

3 - *querida Marisa* — Noiva.

4 - *meu pai* — Francisco Garcia.

5 - *Darci e Vera* — Irmão e irmã.

6 - *peçoal da Ótica* — Ótica Iguatemy, de Marília, SP, firma a que pertencia como piloto.

7 - *Quanto ao avião, fiz o que pude para impedir-lhe a queda. (. . .) Toda engrenagem estruturada em agentes do mundo encontra o seu dia de transformação.* — Explicação concordante com o depoimento da testemunha ocular, em terra, do acidente.

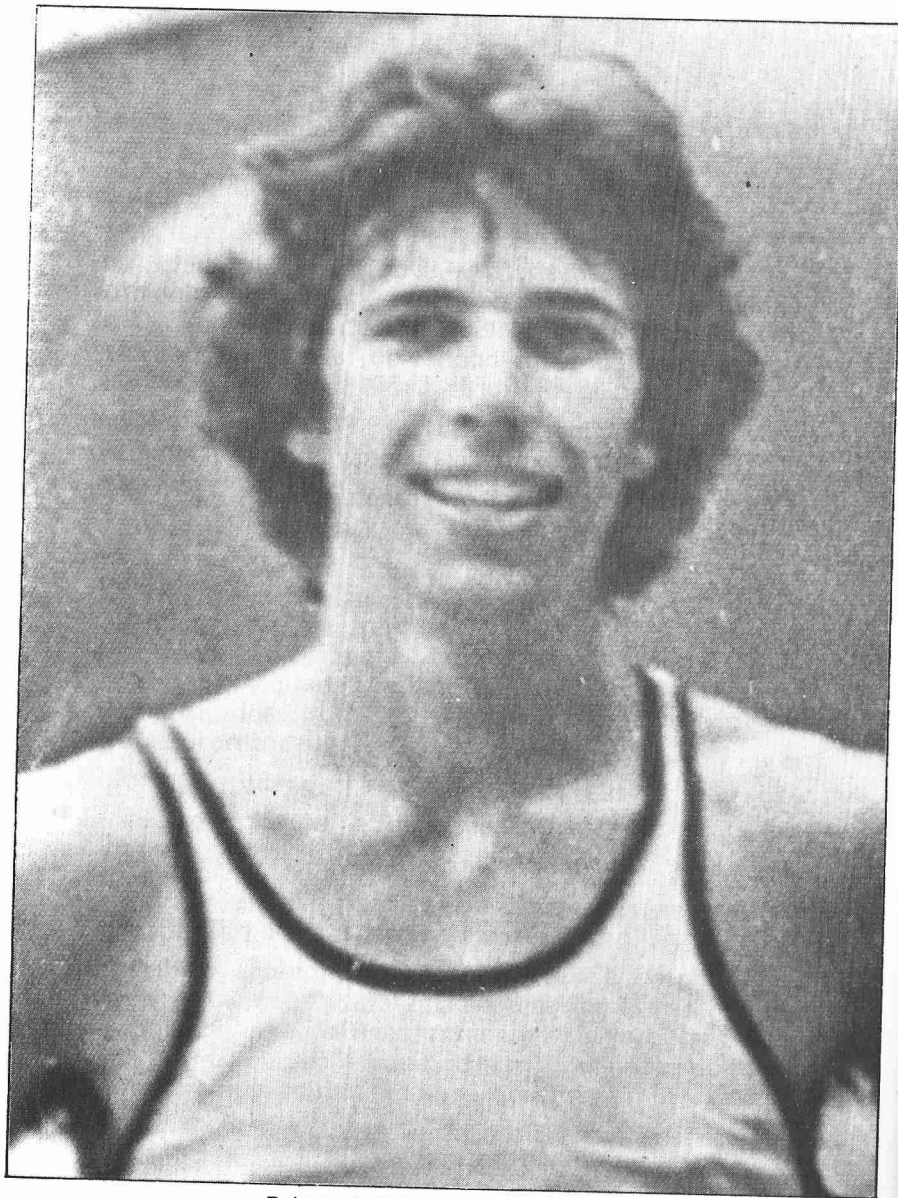
8 - *Vovó Joana* — Joana Zacheu, desencarnada em 1960.

9 - *Vovô Francisco* — Francisco Buono, desencarnado em 1936, aos 70 anos.

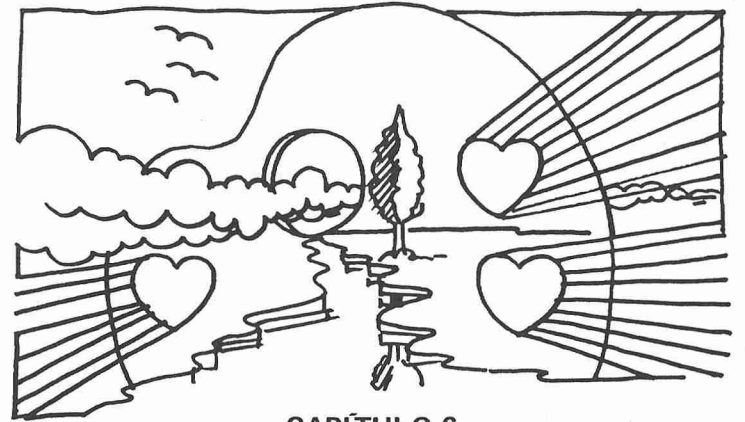
10 - *José Alonso* — Antigo morador de Tupã, charreteiro, deixou o Plano Físico há 20 anos.

11 - *Dr. Giovanetti* — Dr. Bruno Giovanetti, engenheiro e proprietário de serraria, foi um dos pioneiros de Tupã, falecido em 1955. Foi patrão e amigo de José Alonso. Por não tê-los conhecido, a mãe de Rui considera-os como Benfeitores Espirituais dos tupãenses.

12 - Em fins de 1981, a Prefeitura Municipal de Tupã prestou expressiva homenagem póstuma ao Rui, dando o seu nome à rua onde residem seus pais, antes denominada Oriente.



Roberto de Salas, o popular Garibaldi.



CAPÍTULO 6

CAMPEÃO DE BASQUETE FAZ A GRANDE JOGADA DA ESPERANÇA

Quase dois anos após a separação brusca de seu filho único – jovem de 20 anos, no auge da fama como grande craque de basquete –, D. Maria Stíbolo de Salas recebeu, em Uberaba, bela mensagem do Mundo Espiritual, reencontrando-se com seu querido Roberto – o popular Garibaldi –, que lhe ofertou notícias e orientações perfumadas com muito amor.

“Se a mensagem nos trouxe paz, luz, ensinamentos cristãos e mais confiança em Deus, como não nos sentirmos beneficiados?”, afirmou-nos D. Maria, categórica, em entrevista recente.

E, completando sua análise, ela observou que tudo isso foi exposto dentro de seu estilo de falar, bem característico, sempre com bom humor e algumas gírias.

Vamos conhecê-la?

“Ficou a saudade, mas vamos abatê-la com a força da esperança. Confiemos. Estaremos todos juntos.”

Querida Mãezinha, peço-lhe me abençoe.

Venho até aqui com o meu avô Diógenes para rogar-lhe muita aceitação ante as Leis Divinas.

Mãezinha, explique a meu pai que o Garibaldi não morreria, e por isto, me reconheço aqui sem vontade de comentar o meu caso, com lágrimas que possam apagar a chama da nossa alegria de viver. O acidente que me trouxe para este Lado Diferente da Vida, foi semelhante a outros. Compreendi para logo que a carreira terminara ali naquele ponto em que o meu uniforme da escola terrestre se fizera sem concerto. Compreendi e aceitei.

Entre os meus colegas de partidas e partidas muitas vezes repetíamos o *slogan* — “Os jovens também morrem”. Por isso, de algum modo não me faltava preparação. Agora precisamos imprimir nova direção ao volante da vida. Reconhecer que existem outros Robertos necessitados de socorro.

Espero que o seu coração e meu pai Diogo me favoreçam com essa virada. Não estou fornecendo alguma de santo. Quero dizer que vou compreendendo a extensão da família extra-paredes.

Mamãe, não pense com tanta dor em minha ausência. Novo dia aconteceu. É preciso vivê-lo com a fortaleza de ontem. Não parar na idéia de angústia é obrigação nossa. Temos muito a fazer e a construir aqui e também aí.

A vovó Faustina me guardou nos braços. Se registrei alguma impressão de dor, foi apenas a de arranhões que sararam depressa. Ficou a saudade, mas vamos abatê-la com a força de esperança. Confiemos. Estaremos todos juntos.

Não desejo falar ao seu carinho, nesta carta, com a emoção por cima de meus raciocínios. O que aconteceu é que cheguei onde todos chegarão. Decerto que desejo a todos os amigos e a todos os companheiros de experiência humana uma permanência longa aí na Terra, mas que a viagem do retorno é certa, disso ninguém duvide. Desse modo, procuremos povoar o tempo com a felicidade para os outros porque nesse tipo de felicidade encontraremos a nossa.

Estimaria escrever muito para acentuar a nossa fé no futuro e vê-la sorrir, mas o tempo é escasso nas possibilidades de que disponho.

Querida Mãezinha, a meu pai os meus pensamentos de respeito e de gratidão misturados do imenso amor que ele me ensinou a cultivar, e para o seu carinho, todo o carinho e reconhecimento do seu filho

Roberto.

Garibaldi.

Roberto de Salas.

Notas e Identificações

1 - Psicografada por F. C. Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, a 10/8/1979, em Uberaba, Minas.

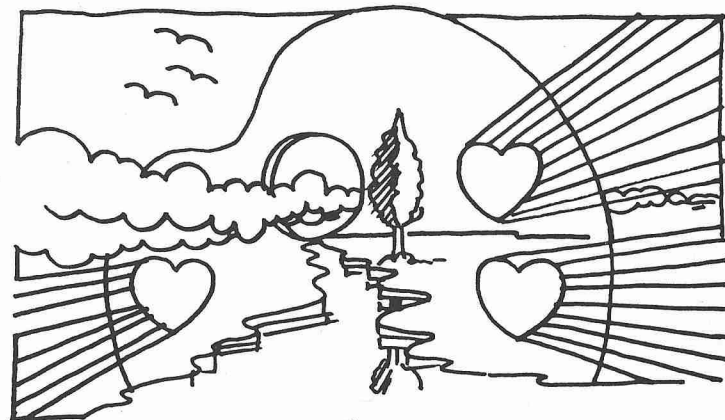
2 - *Avô Diógenes* — Diógenes de Salas Soler, falecido em 1971.

3 - *Meu pai* — Diogo de Salas Fortunato. Residência da família: Rua dos Ciclames, 152, São Paulo, Capital.

4 - *Vou compreendendo a extensão da família extra-paredes* — Refere-se à grande família espiritual de cada um de nós.

5 - *Vovó Faustina* — Faustina Fortunato Salas, falecida em 1961.

6 - *Roberto de Salas* — Nasceu em 14/4/1957 e desencarnou em acidente automobilístico, na cidade de São Paulo, a 12/11/1977. Iniciou-se no basquete pelos juvenis do Tênis Clube de São José dos Campos, onde o técnico Edvar o apelidou de Garibaldo. Em 1976, foi convidado a integrar a equipe do Jockey Club de Goiânia, época em que, jogando pela seleção principal de Goiás, sagrou-se Campeão Brasileiro. Foi Campeão Panamericano ao integrar a seleção de novos. Quando faleceu era titular e técnico dos infantis do S.C. Corinthians Paulista, da Capital.



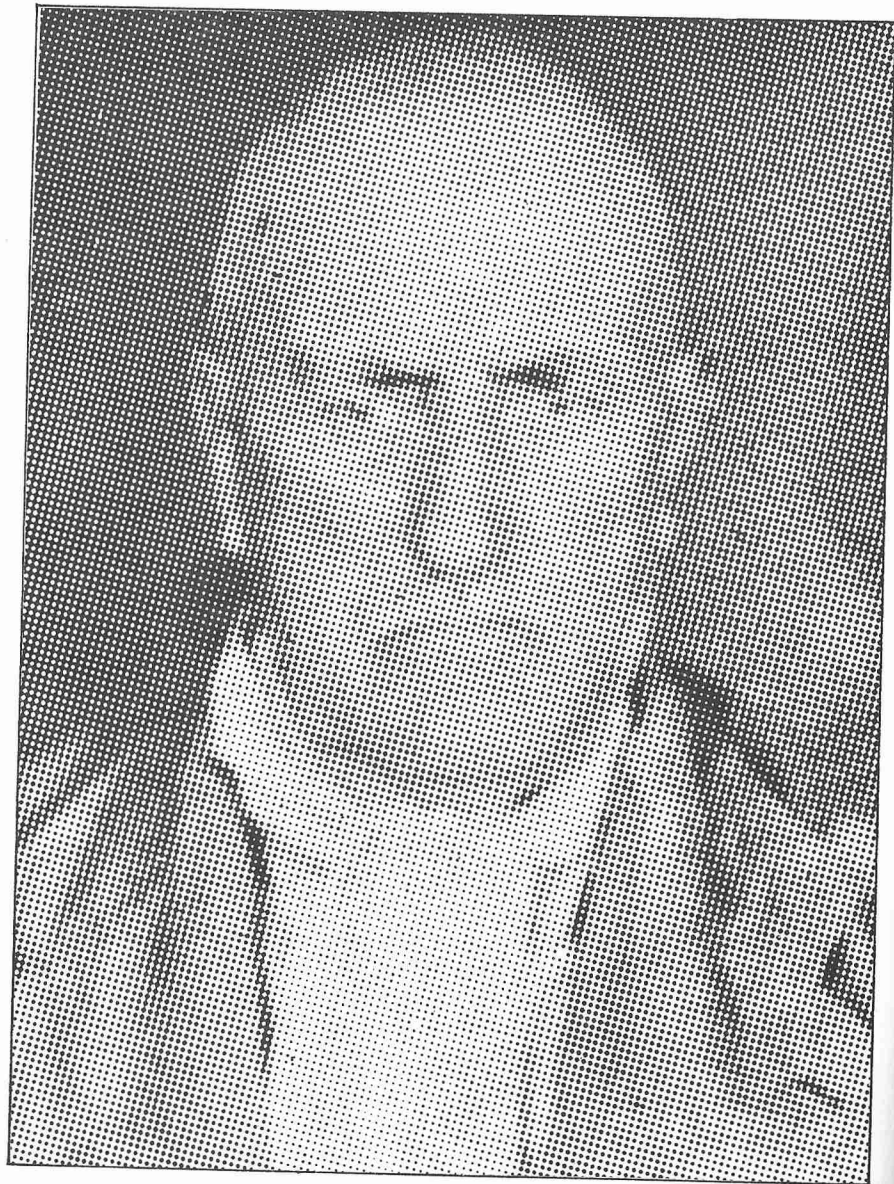
CAPÍTULO 7

BÊNÇÃOS EM FAMÍLIA

Temos aqui uma carta diferente, redigida por devotado vovô, domiciliado no Além há quase trinta anos, que retorna pela escrita mediúnicamente oferecendo à neta querida, D. Ernesta Baptistella, provas de sua presença espiritual na família que deixou na Terra e, ao mesmo tempo, transmitindo muita paz e oportunos esclarecimentos, tranquilizando-a em suas preocupações maiores.

Com humildade, vovô Alberto Davoli também se mostra reconhecido, dizendo: "Sou eu quem lhe agradece as inspirações que colhi para a minha própria mudança no campo espiritual, com base em seus esforços para que a bênção de nosso conforto se estenda aos outros, àqueles que guardam no peito um coração semelhante ao nosso e que experimentam tropeços que desconhecemos."

Recebida em reunião íntima, a 1.º de janeiro de 1979, na residência onde Chico Xavier se hospedava em Pedro Leopoldo, Minas, assim foi redigida:



Alberto Davoli

Querida Ernesta:

Deus abençoe o seu coração consagrado ao bem.

Desde muito, vivo em seu clima de trabalho, fazendo quanto se me faz possível para que a fé em Deus lhe garanta a coragem precisa de continuar fiel aos compromissos que a sua dedicação ao bem abraçou com Jesus.

Passaram as lutas, como se dissolvem as tempestades. Nossos dias vão nascendo e passando, e sabemos quantos espinhos varou você na retaguarda que o seu coração soube transpor, de alma centralizada em Jesus. Filha, os avós são também pais. Os netos são continuadores de nossas construções.

Sou eu quem lhe agradece as inspirações que colhi para a minha própria mudança no campo espiritual, com base em seus esforços para que a bênção de nosso conforto se estenda aos outros, àqueles que guardam no peito um coração semelhante ao nosso e que experimentam tropeços que desconhecemos. Aprendi com os seus grandes silêncios e com as suas lágrimas que nenhum de nós está órfão da Divina Providência e louvo a calma com que você subiu as pedras do caminho de elevação que a vida lhe traçou ao espírito formado para o bem.

Prossigamos atentos à estrada bendita em que o nosso burilamento interior é agora o nosso principal objetivo.

Nossa Pierina é um belo coração de Mãe; entretanto, por vezes, os corações maternos, em certas fases da existência, demoram a mostrar as pérolas de ternura que conservam no seio. Espero que o seu amor lhe entregue os nossos votos de paz e alegria, na certeza de que Deus a fará feliz.

Ernesta querida, às vezes, as sombras do mundo se

avolumam de tal modo, que as maiores luzes de nossa alma não conseguem ser divisadas ou registradas, por aqueles que mais amamos. O tempo, entretanto, é o grande aliado de Deus no estabelecimento das realidades que nos enriquecem de paz, às vezes, feita de pranto, e por isso mesmo regozijamo-nos com você, ante as bênçãos que estamos recebendo em família.

O nosso querido amigo Gambini agradece todos os seus sacrifícios e dedicações, na proteção ao filhinho querido que lhe reflete a imagem e os ideais, e promete continuar amparando as suas forças, na estrada de sublimação que os seus passos trilham valorosamente, compartilhando das obras de amor e paz que Jesus legou a todos os seus continuadores de boa vontade.

As tarefas que o seu carinho de irmã vem abraçando com as nossas companheiras do Evangelho ser-nos-ão mensageiras de bênçãos sempre maiores e sempre novas.

Querida filha, ao meu neto-bisneto, igualmente filho do meu coração, os meus votos de êxito em seus estudos e preparações para o futuro, que desejamos se lhe faça repleto de felicidade; e à sua dedicação de filha, todo o amor, do avô e pai que agradece os seus exemplos de renúncia e humildade, devotamento ao bem e fé em Deus, sempre de preces voltadas ao Senhor por seu fortalecimento constante na seara do bem.

Sempre o servidor, que em seus passos deseja igualmente transformar-se em servidor de Jesus,

Alberto.

Notas e Identificações

1 - *Ernesta* — Profa. Ernesta Baptistella, neta, residente em São Paulo, Capital.

2 - *compromissos que a sua dedicação ao bem abraçou com Jesus.* — Compromisso com algumas menores, que residem com ela na condição de queridas tuteladas.

3 - *Nossa Pierina é um belo coração de Mãe; entretanto, por vezes, os corações maternos, em certas fases da existência, demoram a mostrar as pérolas de ternura que conservam no seio.* — Pierina Baptistella, filha de Alberto Davoli e mãe de Ernesta, faleceu em São Paulo, SP, a 12/7/1979, com 82 anos, seis meses após a psicografia desta carta.

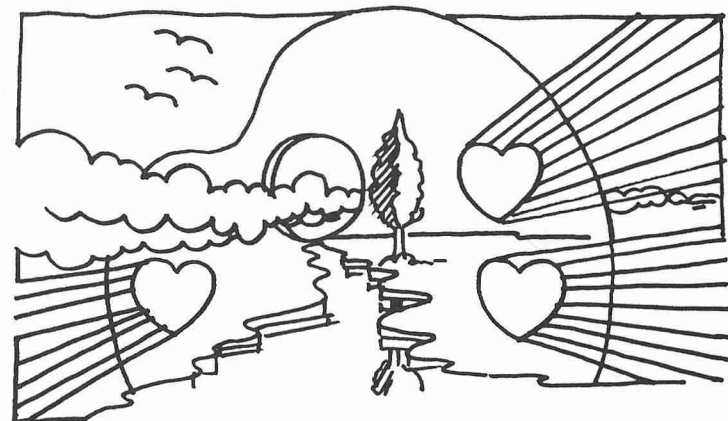
Em atenciosa carta, atendendo nosso pedido, D. Ernesta contou-nos que "sempre o maior problema estava entre minha mãe e eu, e vice-versa. Não podia compreender porque minha mãe, tão boa, não me aceitava e, nem eu, a ela. Ultimamente, sentia que algo deveria ser feito e teria de partir de mim, com objetivo de conquistar aquele coração que, em outras vidas, devia tê-lo ferido profundamente. Seguindo orientações de Chico Xavier ("dê lindos presentes"; "dê muitas flores"; "peça a bênção") fui conseguindo aproximar-me dela até que consegui beijar-lhe. Em julho de 79, encontramos-nos pela última vez num corredor de hospital, quando, gravemente enferma, se submetia a uma segunda operação. Beije-a na testa, de coração desejei-lhe tudo de bom, e ela fitou-me com olhar tão diferente, mas já não podia falar. Perguntei ao nosso querido Chico: e aquele olhar tão significativo de minha mãe? Disse-me ele: 'Ernesta, sua mãe já tinha entrevisto a verdade.' Fiquei feliz, havia me perdoado. Chico, Deus lhe pague pela paz que trago hoje no meu íntimo."

4 - *O nosso querido amigo Gambini agradece os seus sacrifícios e dedicações na proteção ao filhinho querido* — José Gambini de Souza (1918-1963), pai do bisneto do Sr. Alberto — José Gambini de Souza Filho,

com 22 anos de idade —, transmitiu este significativo recado à D. Ernesta, que muito sofreu na condição de mãe solteira.

5 - *nossas companheiras do Evangelho* — Senhoras de uma favela da Vila Campestre, que participam do Culto do Evangelho no lar de D. Ernesta.

6 - *Alberto* — Alberto Davoli nasceu em Modena, Itália, a 20/8/1865, e desencarnou em Mogi Mirim, SP, a 15/5/1950. Foi sitiante e caixeiro viajante. D. Ernesta esclareceu-nos que o seu avô "sempre foi muito alegre e querido de todos, o amigo da paz de nossa família. Nunca havíamos recebido notícias mediúnicas dele, e nem mesmo falado a seu respeito, com o nosso caro Chico."



CAPÍTULO 8

DESPEDIDA NA SERRA

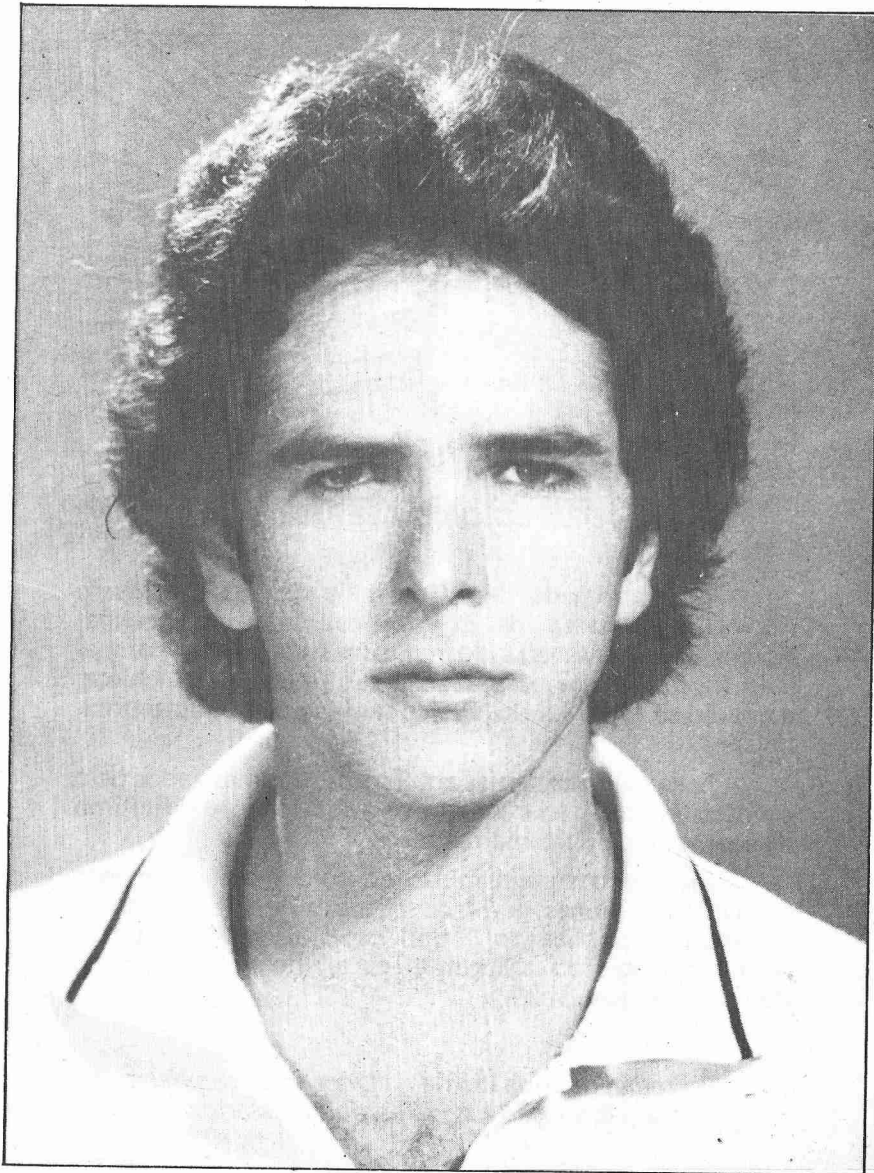
Na madrugada de 27 de maio de 1979, o jovem Reginaldo Ramalho, de 21 anos, estudante de engenharia em São Paulo, quando regressava ao lar, em companhia de um colega, descendo a serra pela Via Anchieta, despediu-se do Mundo Físico em acidente automobilístico.

Seus pais, residentes em Santos, traumatizados pelo acontecimento, passaram um período longo e difícil de aceitação da dolorosa realidade.

Mas encontraram muito consolo e esclarecimento em Uberaba, Minas, a 24 de outubro de 1980, quando, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, Chico Xavier psicografou a seguinte carta, do próprio punho do filho inesquecível:

"Peço-lhe, querida mamãe, ajudar-me a receber a transformação havida como necessária."

Querida Mãezinha Otília, envolva-me nas orações



Reginaldo Ramalho

de sua bênção e receba, com meu pai e com todos os nossos, as minhas notícias.

Ainda me sinto algo difícil para escrever; tenho a idéia de que estou desempecendo os braços para retomar o lápis, e assumir a atitude de quem se define através das letras; em verdade, porém, desde o instante em que certa máquina pesada nos bateu sobre o carro, sinto uma certa nebulosidade no pensamento.

Conversávamos, o companheiro e eu tranqüilamente, na serra, quando o inesperado sucedeu. . . Seria difícil para mim esclarecer pormenores. Quis, por todos os meios, socorrer ao Nelson, mas não consegui. Minhas forças esmoreceram depressa, e o único movimento que ainda podia fazer era o movimento de pensar em Deus e em nossa casa. Foi nesse desejo de orar em voz alta e de voltar para a nossa casa que adormeci. Não sei ainda avaliar a duração do sono em que me vi mergulhado. Lembro-me apenas de haver sonhado com os seus sofrimentos e com as lutas que eu deixara sem querer.

Mãezinha, acordei fatigado e, abrindo os olhos, fui surpreendido com a presença de uma senhora calma e simpática que sorria para mim. Buscando certamente afastar-me de qualquer interpelação indébita, revelou-se para mim como sendo a avó Alexandrina e com a direção dela tenho estado a fortalecer-me para facear as novas tarefas que me aguardam.

Sei que os seus olhos se transformaram em fontes de lágrimas e creia que também de minha parte sinto muita dificuldade para adaptar-me aqui. Espero que o seu espírito de compreensão ante os desígnios de Jesus me auxilie a recuperar-me para ser útil. Ainda me sinto cansado e um tanto difícil, embora não me possa queixar do recanto em que presentemente me vejo.

Tenho contido o meu coração como que parado no

seu, e peço-lhe, querida mamãe, ajudar-me a receber a transformação havida como necessária. Os exemplos de confiança em Deus me renovam e infundem-me novo campo de forças. Preciso reencontrar-me na paz sempre tão nossa, e desde já agradeço tudo o que fará por mim, como tem feito.

Querida mãezinha, ampare-me na confiança em Deus e, tão logo as forças me sejam devolvidas espero ser-lhe útil de algum modo.

De nosso amigo Nelson, não sei outras notícias, além das que recebi na primeira enfermaria em que estacionei. Há notícia de que ele foi procurado por um amigo espiritual que se dá a conhecer por irmão Negreiros. Por agora é tudo o que pude saber.

Querida mamãe Otília, perdoe a minha carta pobre, e receba um beijo de saudade e muita esperança do filho que, como sempre, lhe entrega o coração,

Reginaldo Ramalho.

Notas e Identificações

1 - *Mãezinha Otília e meu pai* — Otília de Souza Ramalho e Antônio Batista Ramalho.

2 - *Nelson* — Nelson Negreiros Velloso, seu companheiro de viagem, também desencarnou no acidente. Estudante do 3.º ano de engenharia, cursava a Faculdade Mauá, de São Paulo.

3 - *Avó Alexandrina* — Alexandrina Gomes de Jesus Pereira, bisavó materna, falecida há 58 anos.

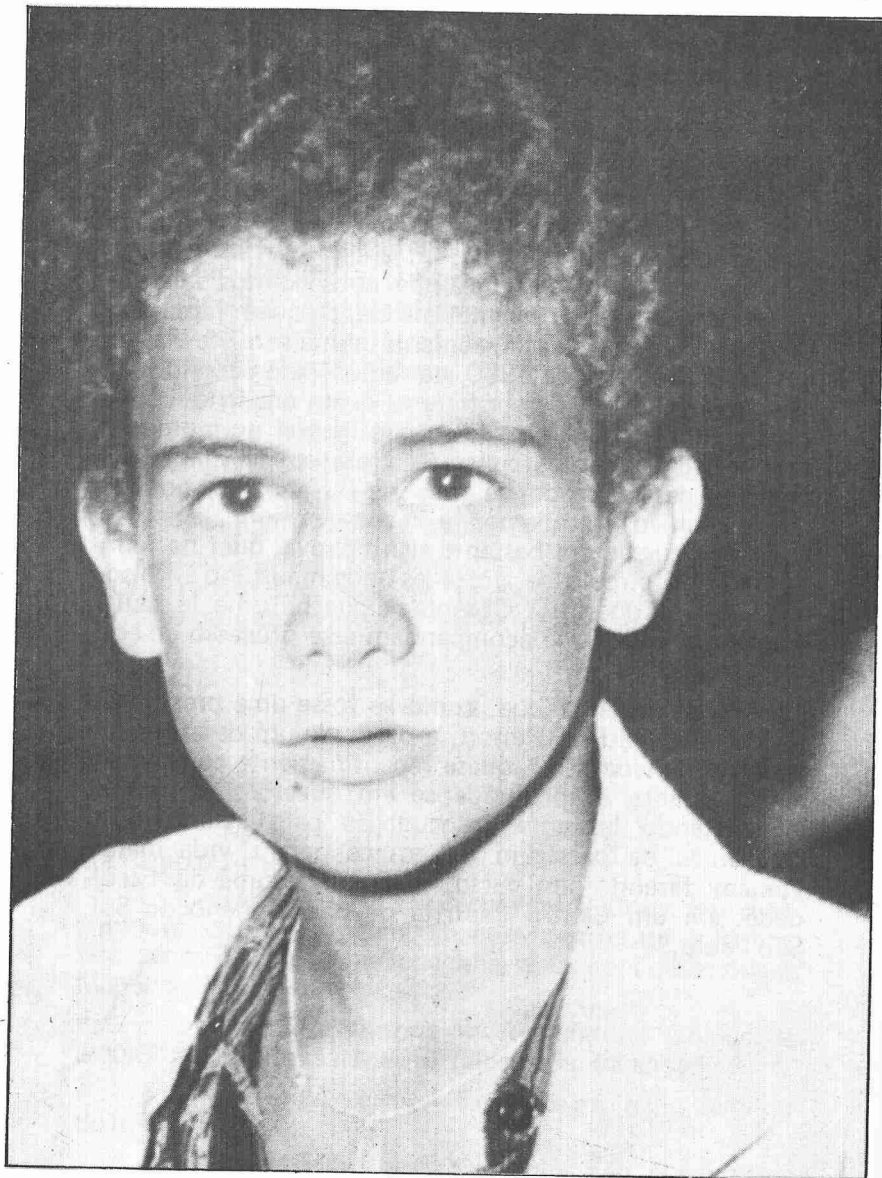
4 - *Irmão Negreiros* — Entidade espiritual familiar de Nelson.

5 - Ao término deste Capítulo, não poderíamos

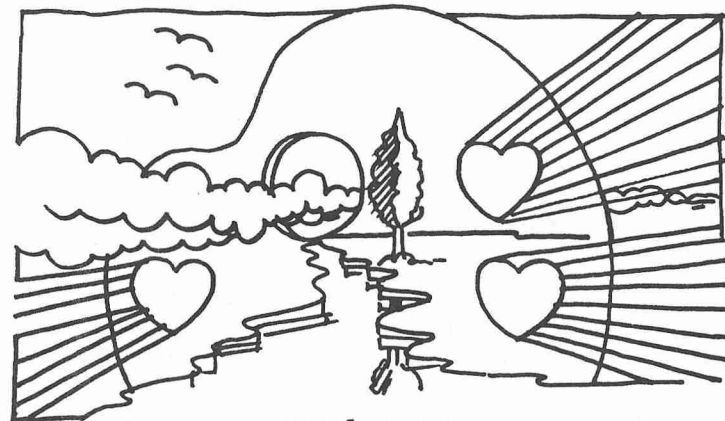
deixar de transcrever, pela sua importância, os seguintes trechos da carta do Sr. Antônio B. Ramalho, a nós enviada, em 26/12/1980:

“O nosso contato com Chico Xavier foi primeiramente na cidade de Uberaba, em janeiro de 1980, quando assistíamos à reunião, mas não conseguimos falar-lhe. Numa segunda vez, chegamos até ele, de quem recebemos muito conforto. Todavia, somente numa terceira viagem, em 24 de outubro de 1980, narramos-lhe o ocorrido sem citar nomes. Chico perguntou-nos quem era Rita (Espírito presente à reunião), pessoa que ignorei no momento, mas, posteriormente, constatei tratar-se de minha avó paterna, desencarnada há mais de 60 anos. E, no final desta reunião, recebemos a mensagem de Reginaldo, cuja repercussão foi bastante significativa, quer na família, quer no círculo de amizades onde meu filho e Nelson eram muito queridos. Observa-se que há uma fé muito grande em todos que acompanham esse processo de contatos espirituais.

Vale ressaltar que, como se fosse uma preparação divina, Reginaldo e Nelson, a partir de um determinado instante da vida deles, quase repentinamente começaram a interessar-se e aprofundar-se em questões espirituais, evidenciando bastante preocupação pelo assunto. Um ano antes da passagem de ambos para a vida maior, vinham fazendo um curso, com professores da Faculdade, em um Centro Espírita de São Caetano do Sul, São Paulo.”



Carlos César Pereira Basílio



CAPÍTULO 9

CARTAS CURATIVAS

Conhecemos D. Divina Augusta Pereira na cidade de Uberaba, em agosto de 1980, participando, como nós, num fim-de-semana, das reuniões do Grupo Espírita da Prece. Procedente de Goiânia, GO, onde reside, estava na expectativa de receber notícias de seu filho desencarnado, como tantas outras mães que procuram o médium Chico Xavier.

Três meses antes, D. Divina já havia recebido a primeira carta de seu inesquecível Carlos César, porém, com a saúde seriamente abalada, desde a perda do filho, buscava novo alento em novas notícias do Além.

Mostrava-se muito emagrecida, em consequência de grave depressão mental, quase não se alimentando, nem conciliando o sono, apesar de tratamento médico. Ela nos dizia: "Eu não sou assim, como me vêem. Nunca fui mulher magra, nem desanimada. A separação de meu filho abalou-me profundamente. Ele era tudo para mim; separada do marido e sendo filho único, somente nós dois constituíamos a família. Era amoroso, responsável e resolvia tudo para mim."

Naquela mesma noite da nossa entrevista, Carlos César redigiu a segunda carta com palavras veementes, concitando sua mãe a uma reação com base na aceitação da vontade de Deus, e indicando uma instituição de caridade onde pudesse reencontrar-se à luz do amor ao próximo.

Passados dois meses, em novo encontro fraterno na mesma cidade mineira, tivemos a alegria de constatar que a nossa amiga havia atendido ao apelo do filho querido, mostrando-se renovada, bem fortalecida física e espiritualmente. E, naquela noite de 18 de outubro de 1980, voltando a empunhar o lápis do médium, Carlos César assim externou sua alegria pela recuperação materna: "Querida Mãezinha, o seu sorriso agora é uma luz por dentro de mim."

PRIMEIRA CARTA

"Não pense na morte para encontrar-me."

Querida' mamãe, venho pedir a sua calma e sua fé em Deus para que me sinta abençoado.

A sua luta me obscurece o caminho. Tudo, mamãe, obedece às leis de Deus. Meu tempo no mundo seria curto como foi. Ninguém me prejudicou. O coração parou quando eu queria tanto que ele prosseguisse andando.

Peço-lhe voltar ao alimento natural em nossa casa. Não se abandone assim, pois Jesus não nos deixa sozinhos. Não pense na morte para encontrar-me. A saída do corpo tem uma ocasião certa que não podemos buscar sem sofrimentos maiores.

Vim até aqui trazido pelos amigos Hermilon e Henrique que prometeram ao meu bisavô Basílio auxiliar-me.

Mãezinha, lembre-se, não posso esquecê-la e preciso de sua paz. Retorne à sua fé e procuremos mais força em nós mesmos para aceitar as ocorrências da vida. Estou vivo e só preciso de sua paz, a fim de me fortalecer de maneira a auxiliá-la quanto preciso. Recorde quanto necessito de sua saúde e de sua paz e guarde a certeza do imenso amor de seu filho,

Carlos César.

Notas e Identificações

1 - Psicografada por F.C. Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece (GEP), a 19/5/1980, Uberaba, Minas.

2 - *Meu tempo no mundo seria curto como foi. Ninguém me prejudicou.* — Desencarnou em 11/11/1979, com 15 anos de idade. Na véspera, no início da noite, sentiu-se mal, queixando-se de falta de ar. Foi hospitalizado às 19 hs. e veio a falecer poucas horas depois, às 4,30 hs. da madrugada. O Atestado de Óbito revelou a *causa mortis*: parada cardíaca. Como ele foi internado sem acompanhante e pelo fato de sempre ter gozado saúde, D. Divina passou a cultivar a idéia de que seu filho teria sido prejudicado por alguma falha médica ou da enfermagem.

3 - *Hermilon* — Hermilon Pereira Gonçalves, tio, desencarnado em 25/11/1977, vítima de acidente automobilístico. Em 16/8/1980, também pelo médium Chico Xavier, enviou carta à sua progenitora.

4 - *Henrique* — Henrique Emanuel Gregoris,

filho de Augusta e Gastão H. Gregoris, desencarnou em 15/2/1976. É autor de várias cartas mediúnicas publicadas em: *Claramente Vivos, Enxugando Lágrimas e Lealdade*. (Edições IDE, Araras, SP.)

5 - *Bisavô Basílio* — Hermenegildo Basílio, desencarnado há tempos.

6 - *Carlos César* — Carlos César Pereira Basílio nasceu em Goiânia, a 22/12/1963. Em sua terra natal, cursava o último ano de Contabilidade no Colégio Estadual Rui Barbosa e trabalhava na Ótica Visão. Parece que, confirmando suas palavras: "Meu tempo no mundo seria curto como foi", ele teve premonição do término da existência, apresentando um comportamento bem diferente do habitual, só descoberto, posteriormente, pela sua mãe: na véspera do desenlace, 6a. feira, à noite, faltou à Escola para encontrar-se com a namorada; e, no sábado, saiu cedo para trabalhar, mas fez outro programa, visitando vários amigos.

SEGUNDA CARTA

"E, sinceramente, somente esquecendo-nos no serviço aos necessitados é que conseguiremos refazer a nossa harmonia para com a vida."

Querida Mãezinha Divina, sou eu a lhe pedir para que me abençoe.

Mamãe, o meu avô Basílio me trouxe para confirmar ao seu coração querido que estou melhorando. Preciso, porém, de sua maior calma a fim de me encontrar mais em mim mesmo.

O Henrique de Dona Augustinha e o Hermilon foram comigo ao Solar Dr. Colombino, onde se abrigam

muitos necessitados e lembrei-me de que a Senhora acharia lá muita fortaleza para se restaurar.

Mãezinha, fico triste quando a encontro amargurada e, às vezes, querendo morrer para que o nosso reencontro seja apressado. Não acredite nisso. Espere por nossa felicidade no futuro, esperando a vontade de Deus.

O trabalho em favor dos necessitados lhe comunicaria muito ânimo e guardo a certeza de que se reconhecerá mais animada em se vendo abençoada por nossos irmãos que lutam na esperança com o corpo fadigado a fim de chegarem, com alegria e tranqüilidade, à estação terminal da existência no mundo.

Auxilie-me, auxiliando-se. E, sinceramente, somente esquecendo-nos no serviço aos necessitados é que conseguiremos refazer a nossa harmonia para com a vida.

Mãezinha, tudo o que somos pertence a Deus. Não chore mais, com a revolta aconselhando ao seu coração medidas mentais que não são as nossas. Os médicos sabem que ninguém me ofendeu e que me desliguei do corpo num desgaste natural que eu mesmo, por enquanto, não sei compreender.

Peço-lhe a fé em Deus na frente de todas as nossas idéias, de maneira que estejamos renovados para sermos felizes, tão felizes quanto possível, enquanto a saudade estiver conosco por motivação à esperança e ao trabalho.

Mãezinha Divina, o Hermilon está comigo e se sente confortado em minha companhia, ao senti-la melhor e mais forte.

Receba o coração com muitos abraços e muitos beijos do seu filho,

Carlos César.

Notas e Identificações

7 - Psicografia de F.C. Xavier, GEP, Uberaba, MG, 9/8/1980.

8 - *Avô Basílio* — Hermenegildo Basílio (Filho), avô paterno, desencarnado em 1944.

9 - *Solar Dr. Colombino* — Lar de amparo aos velhinhos, em Goiânia. Seu nome homenageia o fundador da Irradiação Espírita Cristã, Dr. Colombino A. de Bastos, desencarnado em 1958.

TERCEIRA CARTA

“Muito me sensibiliza ver a senhora trabalhando em meu nome, como se eu merecesse. . .”

Querida Mãezinha Divina, abençoe-me.

Estou melhorando com as suas melhoras.

O vovô Hermenegildo me assevera que a paz no coração materno é a tranqüilidade dos filhos e tenho visto isso conosco.

Muito me sensibiliza ver a senhora trabalhando em meu nome, como se eu merecesse. . .

Ouçó tudo o que o seu amor declara no íntimo, como que falando a Deus que atenderá aos doentes e socorrerá aos necessitados, que velará pelos infelizes e que suportará qualquer tipo de serviço como preço da paz de seu filho.

Mãe, isso tudo me renova.

Vejo-a sob novo aspecto e agradeço a Deus e a

Mãezinha dedicada que tenho em minha proteção e segurança.

Ficaremos satisfeitos, o vovô Basílio e eu, com o chá do aniversário entre os meninos, meus companheiros. Sabemos que isso tem sido a sua tarefa, mas não precisa mudar no dia onze porque estaremos juntos com a maior alegria na continuidade do nosso trabalho.

Querida Mãezinha Divina, o seu sorriso agora é uma luz por dentro de mim. Estou muito contente e esperançoso, porque tenho o ninho de minha felicidade em seus braços. Esqueçamos as tristezas que ficaram para trás e sigamos para Deus com a nossa confiança um no outro.

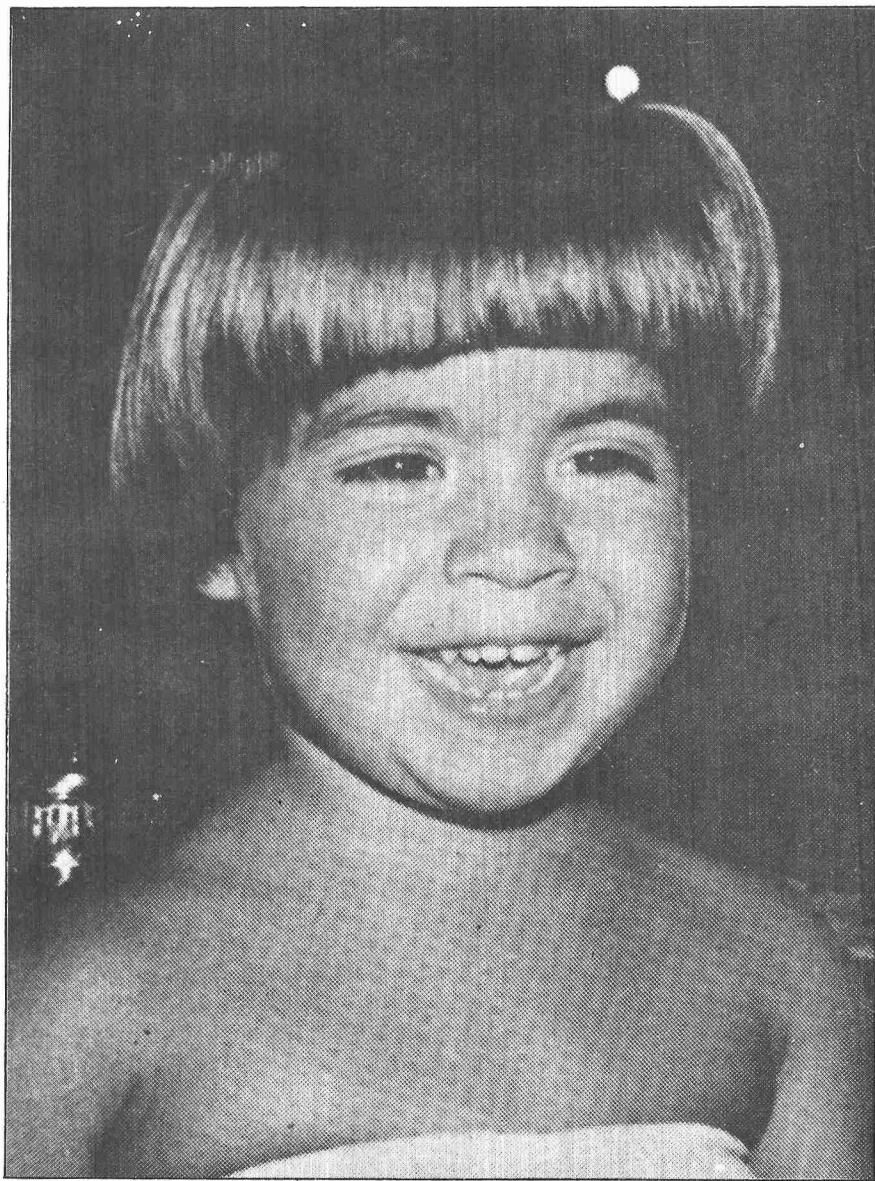
Querida Mamãe, para o seu amor que me ampara e me ilumina a existência, muitos beijos do seu

Carlos César.

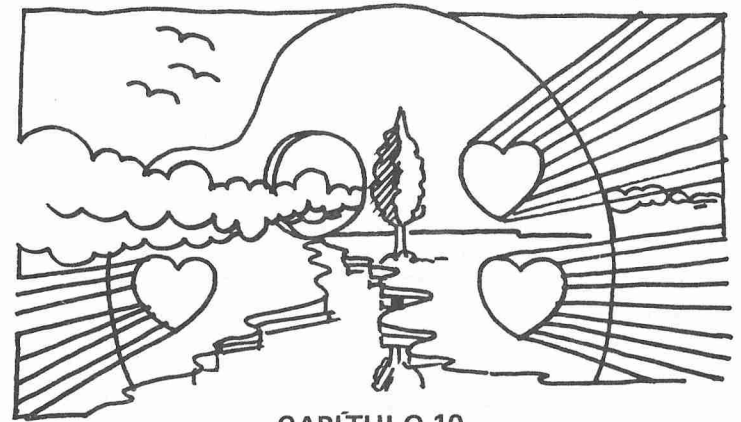
Notas

10 - Psicografia de F.C. Xavier, GEP, Uberaba, 18/10/1980.

11 - *Não precisa mudar no dia onze* — Ultimamente, além de freqüentar o Solar Dr. Colombino, D. Divina passou a visitar um Centro de Recuperação de Menores, de Goiânia. Para o dia 11/11/1980, 1.º aniversário de desencarnação de Carlos César, ela preocupou-se em conseguir outro local para a promoção de um chá beneficente, nada dizendo a ninguém. Porém, seu filho preferiu “o chá do aniversário entre os meninos” do Centro, o que foi feito.



Fernanda Coghi Cruaães



CAPÍTULO 10

MÃOS UNIDAS EM TESTEMUNHO DO AMOR

Em tarde ensolarada, quando passeava de trator pela fazenda, com seu pai e irmã mais velha, a graciosa e serelepe Fernanda, de 4 anos de idade, ao fazer um movimento inesperado, caiu do veículo, sofrendo grave contusão na cabeça.

Conduzida às pressas à cidade mais próxima, Descalvado, SP, recebeu os primeiros socorros, e, logo em seguida, com a constatação de fratura craniana, foi encaminhada à Santa Casa de Ribeirão Preto. Neste hospital submeteu-se a um tratamento intensivo, mas, ao final de duas semanas, não mais reagiu, vindo a falecer aos 8 de agosto de 1981.

Seus pais, Francisco Antônio Cruaães e Terezinha Coghi Cruaães residentes em Limeira, SP, muito sofreram nos angustiosos dias de hospitalização, que culminaram com a desencarnação prematura de criaturinha tão amada. Viram-na atravessar o 30 de julho, seu 4.º aniversário, num quarto hospitalar, com tênue esperança de recuperação. . .

Porém, aos 30 de julho de 1982, data que seria

do 5.º aniversário, a Misericórdia Divina permitiu a volta de Fernanda. Sim, por abençoada ponte mediúnica — que une o Céu à Terra —, ela trouxe oportuno e restaurador consolo aos familiares queridos. Unindo sua mãozinha à da vovó Jenny, e ambas unidas à de Chico Xavier, foi possível a transmissão de seu pensamento, testemunhando muito amor aos saudosos progenitores, em comovente carta, assim redigida:

Querida mamãe Terezinha,

Estou escrevendo com a mão da vovó Jenny sobre os meus dedos. Ela recomenda que lhes escreva para pedir conformação ao papai, ao seu carinho e a todos de nossa família, sem nos esquecermos das queridas irmãs Giovanna e Paula.

Mamãe, diga ao papai que lhe estou pedindo esqueça a minha queda do trator. Parece que ainda escuto aqueles gritos ou as vozes deles a me chamarem.

Diz a vovó Jenny que era preciso eu demorar tantos dias com a cabeça doente, para que a paciência ficasse na família.

Sei que os seus nervos estão machucados, e que o papai não está se agüentando, mas peço, mãezinha, para não se incomodar. Fico muito agitada quando a sinto cansada e quanto noto o papai Francisco pensando até em morrer.

Mamãe, eu melhorei e vou auxiliar as suas forças.

Existe esta vida diferente para onde a vovó Jenny me trouxe. Queria trazer flores para o seu carinho, mas a vovó me diz que há tempo para a realização de qualquer desejo.

Mamãe, como não sei escrever, fiquei assim com dificuldade para continuar, mas quero que você e papai

saibam que os amo cada vez mais, e que vou me fortalecer a fim de estar em casa auxiliando, como desejo fazer a fim de aumentar as suas energias.

Já conheço a vovó Alzira, que tem sido muito carinhosa para mim.

Muitas lembranças para Giovanna e Paula.

Mãezinha Terezinha e papai Francisco, espero que me sintam a abraçá-los para a nossa união de sempre. Um beijo para cada um, valendo muitos, para afirmar que estou viva para amá-los cada vez mais.

A vovó Jenny me recomenda terminar. Eu queria escrever mais, muito mais, mas ainda não posso.

Deus nos abençoará, diz a vovó Jenny, e eu repito "Amém", como aprendi em seus conselhos.

Mamãe, guarde com o papai o coração repleto de muitas saudades, com o carinho de sempre.

De sua querida filhinha

Fernanda.

Notas e Identificações

1 - Psicografada em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, Uberaba, por Francisco C. Xavier.

2 - *Vovó Jenny* — Jenny Fonseca Cruaães, avó paterna, desencarnada a 18/9/1980, em Limeira.

3 - *Giovanna e Paula* — Irmãs, respectivamente com 7 e 2 anos de idade.

4 - *Parece que ainda escuto aqueles gritos ou as vozes deles a me chamarem* — Seu pai confirma que ele e Giovanna, envolvidos por compreensível desespero,

Querida
 Mamãe Tere-
 zinha, estou
 escrevendo
 com a mão
 da vovó Jenni
 sobre
 seu me-
 mor querido
 filhinha Fernanda
 Famosa Cruzes

Além de seus sentimentos, dos quais a vovó foi a intérprete, observa-se na mensagem a presença de Fernanda, através de traços infantis, no início e final do texto psicografado.

ante a gravidade do acidente, gritaram várias vezes, chamando-a pelo nome.

5 - *noto o papai Francisco pensando até em morrer* — Devido ao seu abalo emocional, sentindo-se culpado pelo acidente, o sr. Francisco vinha cultivando a idéia de que não agüentaria tal estado por muito tempo, e viria a falecer de enfarte. Após as notícias da filha, sente-se bem melhor, não mais com idéias pessimistas.

6 - *Vovó Alzira* — Alzira Corghi Coghi, bisavó materna, desencarnada a 14/7/1978, em Limeira.

7 - *Deus nos abençoará, diz a vovó Jenny* — D. Jenny, em vida física, dizia sempre: "Deus nos abençoe!"

8 - *e eu repito "Amém", como aprendi em seus conselhos.* — Todas as noites, como não sabia acompanhar a prece materna, feita com as filhas, dizia apenas, no final: "Amém".

9 - *Fernanda* — Fernanda Coghi Cruaães nasceu em 30/7/1977.

10 - Este é mais um caso em que podemos constatar, claramente, a bênção da premonição, preparando um coração materno para a duríssima separação de um ente tão querido.

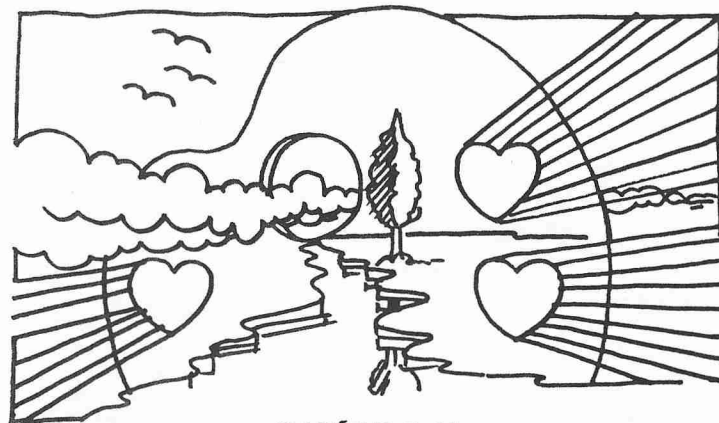
Contou-nos D. Terezinha, em recente entrevista, que no início da gravidez de Fernanda, cinco anos antes do acidente, começou a "ouvir uma voz", que se manifestava ocasionalmente, todas as vezes com o mesmo timbre e com a mesma mensagem: "Você vai perder uma filha em acidente." Com o passar dos anos, esta "voz" se faria ouvir por ela sem preferência de local ou horário, com intervalos variáveis, de dias ou semanas. D. Terezinha sempre ficava um pouco preocupada com o insistente aviso, mas nunca chegou a se perturbar, continuando sua vida normalmente, nada dizendo a ninguém, nem a seu

marido, com receio de atormentá-lo. Embora a manifestação paranormal tivesse iniciado na gestação de Fernanda, ela pensava que — se fosse verdade — o aviso se referia à filha mais velha.

Meses antes do acidente, a “voz” tornou-se mais freqüente, o que fez D. Terezinha quebrar seu segredo, contando-o à amiga íntima Leny. E, por coincidência, Leny estaria ao lado da família Cruaães no dia do grave acontecimento. . .

Em uma das noites de março de 1982, quando assistia ao programa de televisão: “Chico Xavier — Encontro com a Paz” (da TV Record, São Paulo), sete meses após o acidente, ela voltou a ouvir aquela “voz”, com o mesmo timbre, mas agora dizendo que D. Terezinha receberia uma mensagem de Fernanda, no dia do aniversário da filha. Ela deduziu, ao ver o médium no vídeo, que seria através de Chico Xavier, passando, desde então, a cultivar esta convicção.

Em 30 de julho de 1982, estávamos em Uberaba e presenciamos, casualmente, o encontro rápido de D. Terezinha com o médium, em sua residência. Não a conhecíamos até então, ignorando o sofrimento de sua família. Ela se mostrava muito ansiosa, mas Chico a acalmou, pedindo-lhe paciência, chegando a afirmar: “Os últimos serão os primeiros.” E, realmente, naquela tarde, no Grupo Espírita da Prece, ela conseguiu o último lugar na fila que habitualmente se forma para o diálogo com o médium; ainda mais, naquela mesma sexta-feira, recebeu a tão esperada cartinha de Fernanda, a última da noite. . .



CAPÍTULO 11

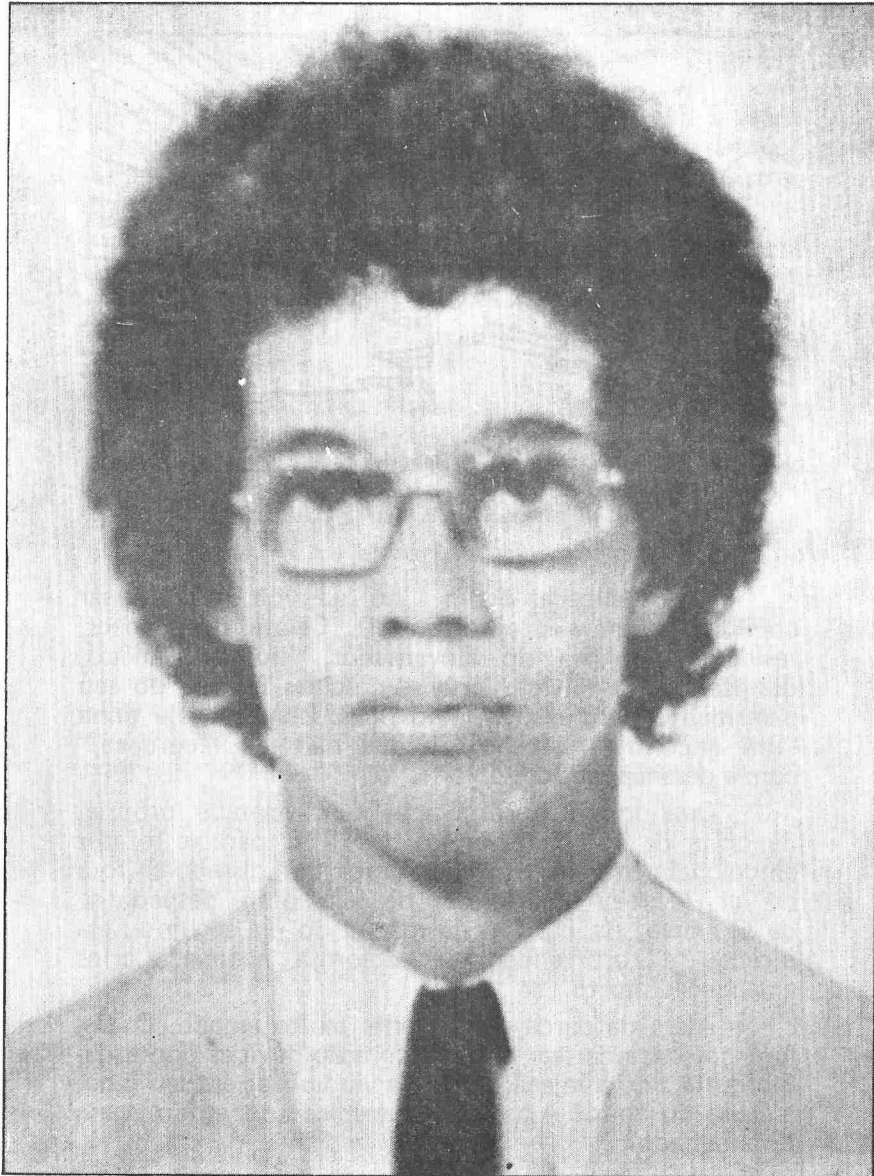
UM ENCONTRO MARCADO

Carlos Alberto é um filho que volta a conversar com sua querida progenitora, D. Celuta dos Santos, residente na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, desfazendo-lhe dúvidas cruéis, nascidas no dia do seu passamento para a Vida Maior. Naquela data, ele tinha “um encontro marcado, de que não me recordava,” com a desencarnação. . .

Quando se hospitalizou, por vontade própria, na noite de 1.º de fevereiro de 1977, para se refazer emocionalmente de estafa agravada por dissabores fora do lar, recebeu uma injeção de calmante e despediu-se de sua mãe. Às 6,30 h. da manhã do dia seguinte, ela recebeu a surpreendente e dolorosa notícia: Carlos amanheceu morto.

Além da perda de um ente muito amado, D. Celuta passou a carrear em seu coração dúvidas ponteagudas: teria sido a injeção, que ela viu aplicar em seu filho, a causa do óbito? A assistência médica e da enfermagem teria falhado?

Estas angustiantes perguntas só foram respondidas



Carlos Alberto dos Santos Costa

a contento em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, na cidade de Uberaba, pela psicografia de Chico Xavier, na noite de 24 de outubro de 1980, em carta assim redigida:

"Compreendi que a morte do corpo é uma espécie de sono da noite, do qual se desperta pela manhã."

Querida Mãezinha Celuta, estou aqui.

Caminhamos bastante para este reencontro. Agradeço.

A sua saudade é do tamanho daquela que trago no coração. Tudo foi tão rápido, uma leve dor de cabeça com uma indisposição que pedia repouso, só isso.

Quando me recolhi para tratamento, estava longe de imaginar que tinha um encontro marcado, de que não me recordava. Diz a vovó Maria Rosa que a existência no mundo físico é semelhante aos relógios, alguns recebem corda para desgaste longo. Outros até se parecem com as melhores máquinas dessa espécie; no entanto, por dentro possuem apenas um resto de resistência para marcar as horas.

Foi o que se deu comigo. Tantos planos de felicidade formava para vê-la feliz!

Aquelas histórias de namoradas e de encontros, era tudo fictício. Lá no fundo da alma, conservava os traços de sua luta por nossa própria sobrevivência e queria construir um futuro em que a visse feliz!

Sabia eu que o nosso amigo Segges se nos fizera um admirável companheiro, mas mesmo consciente disso, queria edificar algo de melhor para nós todos. Via o Paulo Henrique crescendo e o meu ideal se ampliava...

Entretanto, Mãezinha Celuta, o relógio nas mãos de seu filho era de recursos incompletos.

Quando nos separamos, levei a mão no peito e notei que a dor crescia por dentro de mim, a ponto de entontecer-me. Via-me só, mas não me notava aflito ou desesperado; estava confiante. A verdade é que dormi involuntariamente, e quando retornei à própria consciência, reconheci-me em lugar que não era o nosso.

Inutilmente chamei por alguém que a buscasse, até que uma senhora irradiando bondade penetrou o aposento em que me achava e me disse que era a vovó Lindaura.

Ouvi a revelação que não esperava. Compreendi que a morte do corpo é uma espécie de sono da noite, do qual se desperta pela manhã.

Sentia-me ágil e ativo, conquanto quase desesperado, porque adivinhava as suas lágrimas que, de imediato, desataram as minhas tão logo pensei nisso.

Não precisamos ir longe. Desejo unicamente apagar de sua ternura a idéia de que talvez me houvesse faltado essa ou aquela providência, porque o meu assunto foi realmente a ocorrência que se verifica com o relógio, a parar compulsoriamente por falta de corda. O médico não improvisaria um milagre.

Fique tranqüila, querida mãe, e recorde que seu rapaz fará o possível para melhorar-se e servir de suporte à sua felicidade porvindoura.

Conserve as suas belas esperanças. A vida na Terra é um tecido de espinhos e flores. Dias aparecem, nos quais a nossa vestimenta se constitui mais de espinhos do que de flores, mas isso tudo passa, porque acima dos marcadores de minutos brilha o tempo, que é uma doação de Deus igual em tudo para cada um de nós. Lem-

bremo-nos de que tudo nos sorri e, por isso mesmo, seguir para a frente com a bênção de Deus é o nosso esquema de hoje e sempre.

Meu carinho a todos os corações amigos, especialmente ao companheiro paternal que me deu tanto amor, e ao irmão querido que está se desenvolvendo para ser o filho afetuoso e feliz, que o seu carinho tanto merece.

E com muitos beijos, em sua face querida, guarde, mãezinha, em seu querido coração, todo o coração do seu filho

Carlos.

Carlos Alberto dos Santos Costa.

Notas e Identificações

1 - *Vovó Maria Rosa* — Maria Rosa Maurício, bisavó materna, desencarnada em 1954.

2 - *Aquelas histórias de namoradas* — Ele participava à sua mãe todos os seus namoros. Ultimamente estava noivo, a dois meses de um casamento marcado.

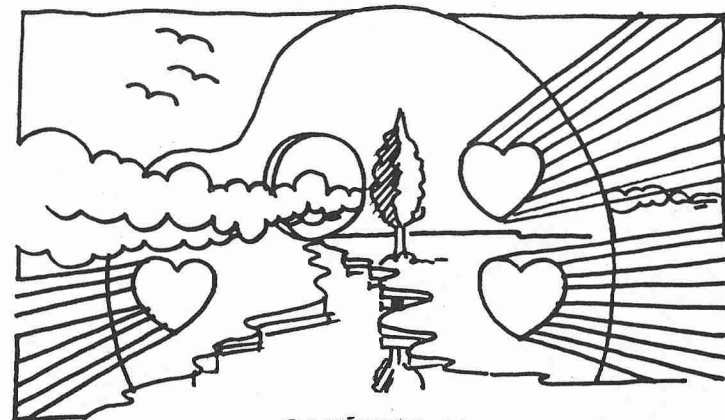
3 - *nosso amigo Segges (. . .) companheiro paternal que me deu tanto amor* — Sr. Segges, seu padraсто desde um ano de idade. Sempre o chamou de pai ou amigão.

4 - *Paulo Henrique* — Irmão, dois anos mais novo.

5 - *Quando nos separamos, levei a mão no peito e notei que a dor crescia por dentro de mim, a ponto de entontecer-me.* — A sua narrativa é perfeitamente compatível com a *causa mortis* do laudo da autópsia: enfarte do miocárdio.

6 - *Vovó Lindaura* — Maria Lindaura Alves da Costa, desencarnada em 1974.

7 - *Carlos Alberto dos Santos Costa* — Desencarnado em 2/2/1977, com 24 anos de idade.



CAPÍTULO 12

PROVAÇÃO NO NORTE

D. Alice de Carvalho Costa, residente em São Paulo, perdeu um filho tragicamente na cidade de Bragança, próxima da capital paraense, em 10 de janeiro de 1978. Em fins de 1980, quando recebeu, dele mesmo, em Uberaba, elucidativa mensagem mediúnica, tivemos o prazer de conhecê-la. E, agora, em atenciosa carta, da qual reproduziremos os tópicos principais, assim expõe seu caso, esperando beneficiar outros corações em lutas semelhantes:

“Prezado amigo Sr. Hércio:

Fiquei muito feliz ao receber sua amável cartinha, pedindo esclarecimentos sobre a mensagem de meu querido filho Pedro Luiz.

Em primeiro lugar, quero explicar que, depois da partida de meu filho para uma nova vida, pensava nunca mais ter alegria. Porém, mesmo tendo grande dor por dentro, a mensagem de Pedrinho trouxe-me imensa alegria e forte emoção, só de saber que ele está vivo, já per-



Pedro Luiz de Carvalho Costa

dou e pede para que a gente perdoe. As suas palavras foram respostas ao meu desespero e ao meu sofrimento.

Quando Pedrinho partiu quase enlouquecemos, pois ele era um ídolo em casa. Meu marido foi ao Pará, lá permanecendo até março de 78, quando regressou a São Paulo para buscar-me, com a intenção de voltarmos juntos, só regressando em definitivo de Belém quando descobríssemos quem matou nosso filho. Mas, Deus escreve certo em linhas tortas, pois meu marido quebrou o fêmur numa queda, ficando seis meses sem andar. Eu dizia que não devíamos voltar ao Pará, pois existe a justiça de Deus. Depois passei a dizer que só concordaria em reabrir o Processo, após o recebimento de mensagem de meu filho. Somente na décima terceira viagem a Uberaba recebi a tão aguardada mensagem. Foi pequena, mas representou tudo para nós! E ninguém mais falou no Processo."

A MENSAGEM

"Estou vivo, vivo e trabalhando."

Querido papai Pedro e querida Mamãe, peço-lhes a bênção.

Venho rogar-lhes esquecimento do acontecido no hotel do norte. A provação terminou. Agradeço à nossa Hilda por me haver procurado em tempo certo, porque assim, tudo se esclareceu em hora exata.

Estou vivo, vivo e trabalhando. Pensem a meu respeito nessa base da realidade porque ninguém morre.

A vovó Maria Efigênia me amparou nas horas difíceis.

Não desejo reparações, pois não guardo ressenti-

mento contra ninguém. Aquilo que não fazemos para que outros sofram vem das leis de Deus, e não de nós. E, se passei pela provação que conhecemos, naturalmente era eu devedor necessitado de reajuste.

Tudo passou e envio lembranças ao Wladimir e às queridas irmãs, sem me esquecer de nossa Hilda.

E, para os pais queridos, um abraço do filho reconhecido,

Pedro Luiz de Carvalho Costa.

Notas e Identificações

1 - Psicografia de F.C. Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, Uberaba, MG, a 24/10/1980.

2 - *papai Pedro* — Pedro de Oliveira Costa.

3 - *hotel do norte* — Pedro Luiz foi assassinado num quarto de hotel, no norte do país.

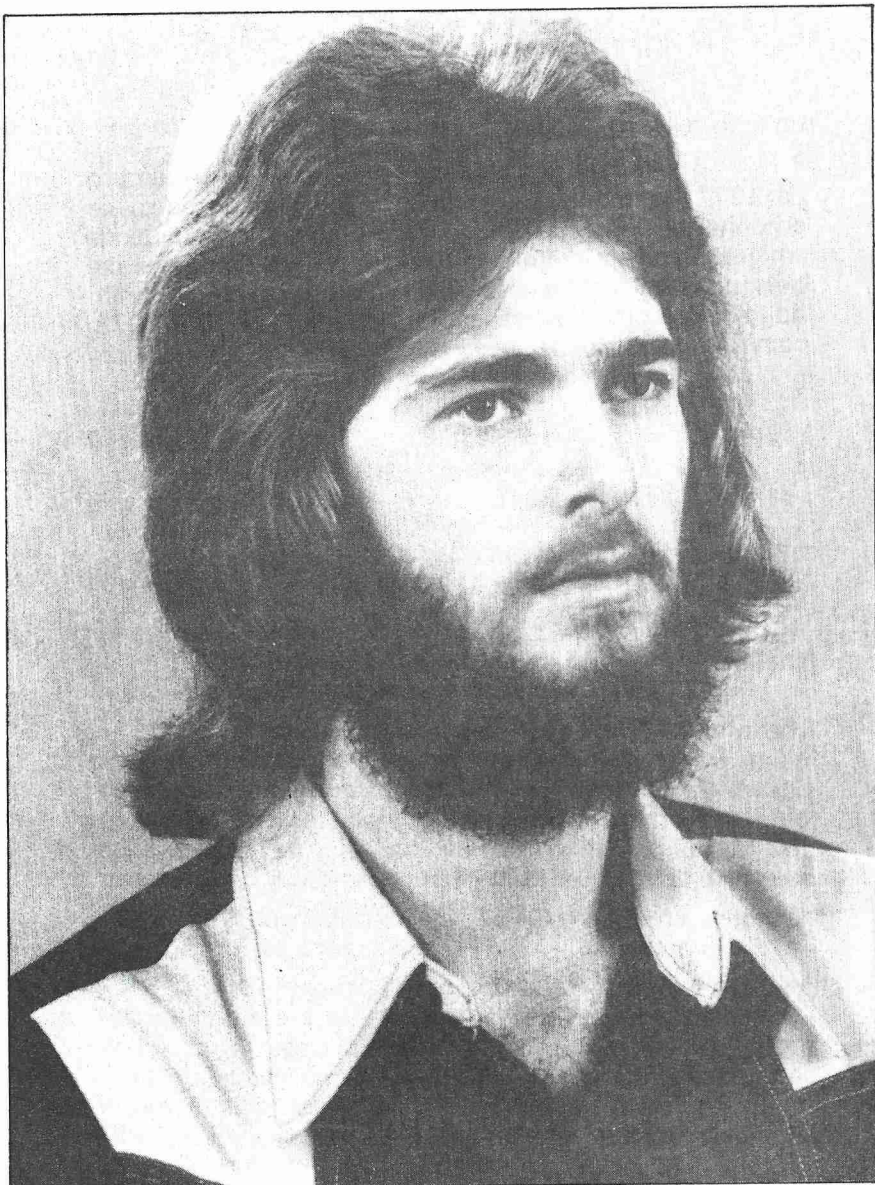
4 - *Agradeço à nossa Hilda por me haver procurado em tempo certo.* — Foi Hilda, sua noiva, quem conseguiu esclarecer o destino de Pedro Luiz, desaparecido há semanas, porém já sepultado com nome errado, após exame pericial no Instituto Médico-Legal. Daí, não ter sido anteriormente localizado pelos seus irmãos.

5 - *Vovó Maria Efigênia* — Avó paterna, desencarnada há muitos anos.

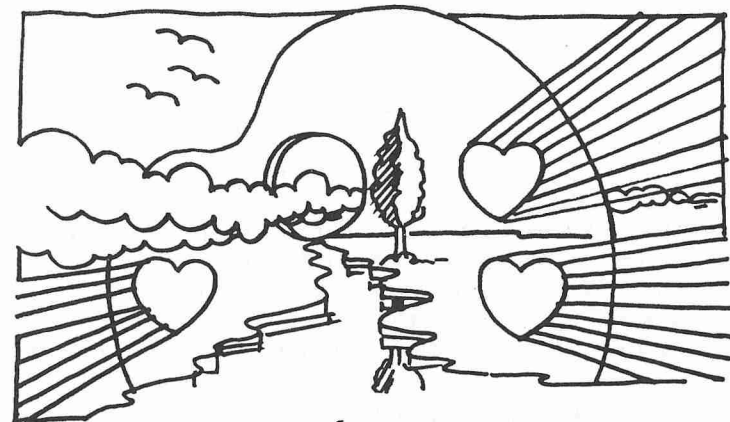
6 - *Se passei pela provação que conhecemos, naturalmente era eu devedor necessitado de reajuste.* — Pedro Luiz revela-se informado das Leis Divinas, justas e sábias, que, paralelamente ao livre arbítrio pessoal, regem nossos destinos. A Lei de Causa e Efeito, ou da Ação e Reação, presente no ciclo de nossas reencarnações, esclarece sua expiação.

7 - *Wladimir* — Irmão.

8 - *Pedro Luiz de Carvalho Costa* — Em setembro de 1977, já tendo abandonado o 3.º ano do curso de engenharia, foi a Belém do Pará atendendo convite de amigos, para abrir um cursinho em sociedade. Meses depois, no Natal, enviou à família sua última carta, mostrando-se feliz com suas realizações. Faleceu em 10/1/1978, com 24 anos de idade.



Ângelo Luizari Filho



CAPÍTULO 13

CLARIDADE NO CAMINHO

Ângelo Luizari Filho é um jovem que regressa da Vida Maior, cinco anos após um acidente automobilístico fatal, externando aos seus pais, residentes em Presidente Prudente, SP, o imenso carinho de sempre, afirmando: "O tempo corre, mas o coração em relação às horas é um órgão parado."

Além de muita paz e consolo, transmite notícias de sua família espiritual e aponta aos progenitores a regra áurea indispensável para que continue recebendo o amparo amoroso de seus corações: "Não permita que a tristeza lhes feche os olhos, e sigamos adiante, fazendo o bem, para que o bem se faça claridade no caminho que devo atravessar."

Eis a mensagem:

Querida Mamãe Hilda, meu Pai e querida Sílvia, estou aqui, a compartilhar-lhes das preces.

Penso no Papai Ângelo e nas lutas que vamos atra-

vessando. O tempo corre, mas o coração em relação às horas é um órgão parado.

Meu pai Ângelo está comigo em minhas lembranças e tudo daria de mim se pudesse voltar ao nosso recanto para não mais sair. A Família é um pedaço grande de nossa alma, e não posso me esquecer disso. Desejaria tanto exprimir-me com a emoção que me transborda do ser; no entanto, estou sem palavras com que lhes digo o meu amor e o meu reconhecimento de todos os dias.

Querida Mãezinha, a Vó Ignácia me adotou como sendo um filho dela própria, logo depois que me identifiquei na vida espiritual. Falar-lhes das transformações que senti é impossível. Eu precisaria de muitas expressões novas, a fim de classificar o que ando sentindo. A princípio muito choro e quase rebeldia, mas depois, a Vovó Ignácia e o meu Avô José conversaram comigo podando os meus pensamentos negativos; e venho procurando acomodar-me ao irreversível.

Peço às irmãs não me esquecerem nas preces. Estão todas elas dentro de mim. A nossa Maria Ângela, a nossa Eunice, a nossa Lucy e nossa Maria Sílvia, que estou vendo em companhia da nossa linda Carla.

Mãezinha, quanto possível, dê-me sua proteção, através dos outros. A Vovó Ignácia tem-me mostrado o valor daquilo que se entrega de coração para a felicidade dos outros e estou compreendendo que não somente as pessoas felizes, mas também as menos felizes, conseguem fazer felizes aqueles que varam noites e provas mais obscuras do que as nossas. Mãezinha, o seu carinho e a bondade do Papai Ângelo encontrarão muitos rapazes de minha idade necessitando de apoio, de mães e pais que procuramos de algum modo substituir. Não permita que a tristeza lhes feche os olhos, e sigamos adiante, fazendo o bem, para

que o bem se faça claridade no caminho que devo atravessar.

Peço à querida Família, Paz com todos, porque isso se fará precioso auxílio.

Mãezinha, tanto quanto puderem aceitar os desígnios de Deus e tanto quanto conseguirem auxiliar os menos favorecidos do que nós mesmos, mais apoio receberemos para preencher a viagem com as Bênçãos Divinas.

A Vovó Ignácia me pede para terminar, porque a minha parcela de tempo se esgotou, mas ainda lhes peço, ao seu carinho e à nossa Sílvia, distribuïrem as nossas lembranças com todos os nossos, e receba com o Papai Ângelo todo o amor e todo o reconhecimento de seu filho,

Ângelo Luizari Filho.

Notas e Identificações

1 - Psicografia de Francisco C. Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, Uberaba, MG, a 24/10/1980.

2 - *Mamãe Hilda e Papai Ângelo* — Casal Hilda Penteadó Luizari — Ângelo Luizari.

3 - *Sílvia* — Maria Sílvia, irmã.

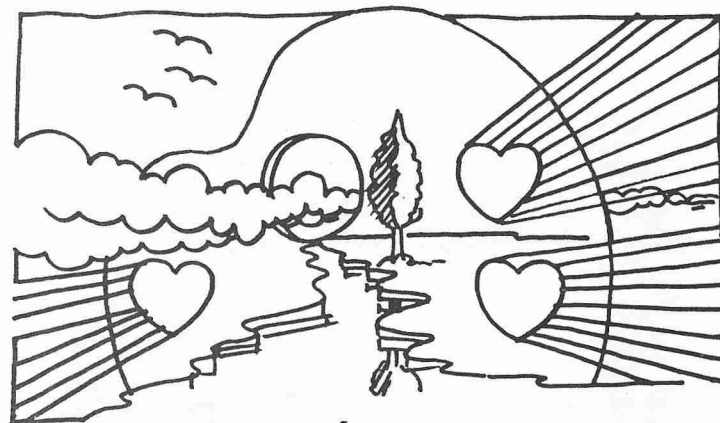
4 - *Vó Ignácia* — Ignácia dos Reis, bisavó materna, desencarnada em 1961.

5 - *Avô José* — José Estêvão dos Reis, bisavô materno, desencarnado em 1963.

6 - *Maria Ângela, Eunice, Lucy* — Irmãs.

7 - *Carla* — Sobrinha.

8 - *Ângelo Luizari Filho* — Desencarnou a 29/3/1975, com 19 anos, em acidente automobilístico entre as cidades paulistas Presidente Prudente e Pirapozinho, quando cursava o 1.º Colegial.



CAPÍTULO 14

DISSIPANDO DÚVIDA

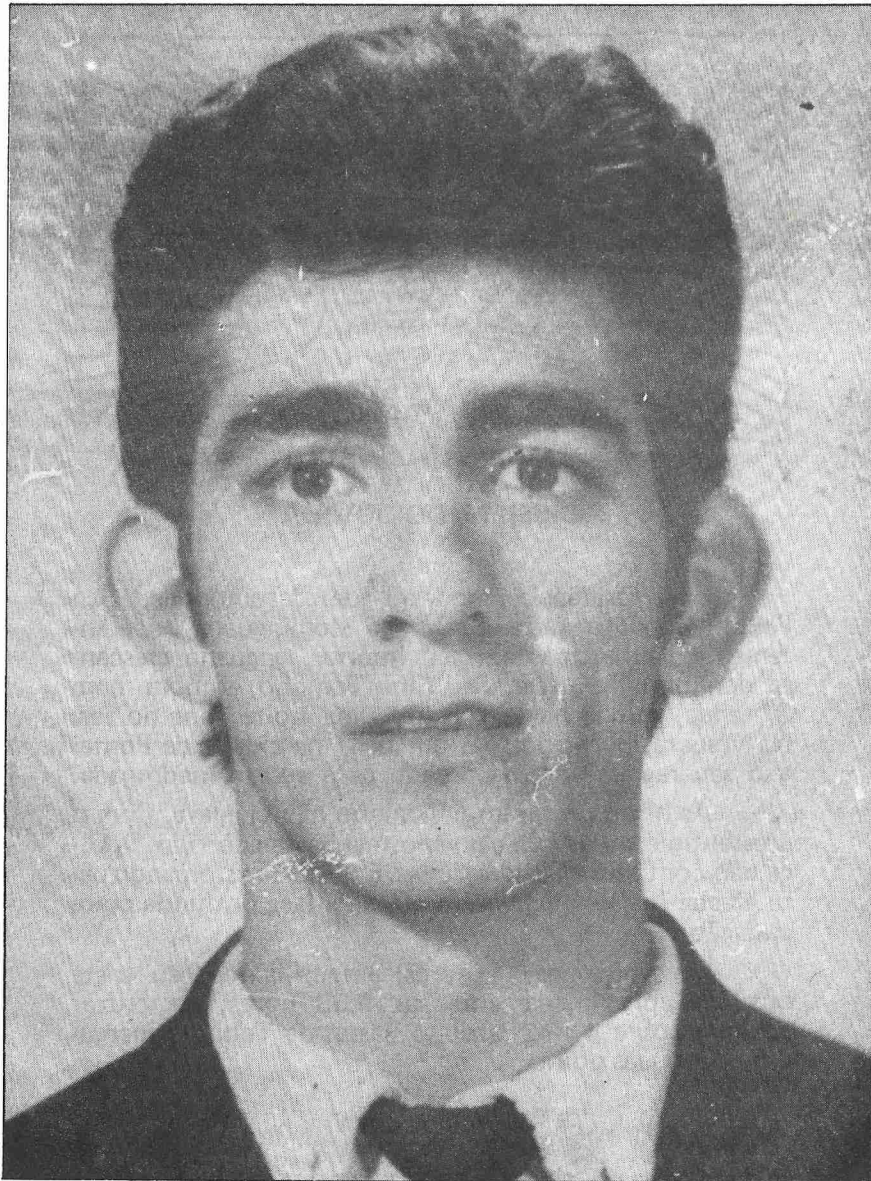
Em residência modesta de Jardinópolis, São Paulo, D. Olga fazia o almoço domingueiro, aparentemente calma, mas em seu interior, angústia crescente dominava-lhe o ser. Seu filho Toninho, embora com 27 anos, nunca havia passado uma noite fora do lar. Na véspera, participou de um baile na cidade de Pontal e o seu regresso era aguardado para aquela madrugada.

As horas passavam e Toninho não chegava. Com o pressentimento de que algo anormal havia ocorrido, D. Olga não continha mais as lágrimas. Embora se esforçando para afastar idéias negativas, revelava na face profunda preocupação.

Por volta das 11 horas, a família recebeu triste notícia: aproximadamente, às 6,30 horas, ao cruzar a ponte sobre o Rio Pardo, o Passat de Toninho mergulhou nas águas do rio.

*

Além do sofrimento da separação de um ente



Antônio Jabur Neto

muito amado, uma dúvida angustiante passou a ferir toda a família: teria havido homicídio? Isso porque, quando o corpo foi encontrado, faltava-lhe parte da roupa. Esta dúvida só pôde ser desfeita um ano depois, quando o próprio Toninho, em Espírito, pelo médium Chico Xavier, esclareceu: "Ninguém me agrediu em caminho. (. . .) Se peças de roupa me faltavam, qual me fazem perceber nas recordações que me apresentam, isso se deve decerto à movimentação das águas."

"Sempre que isso me faz possível corro aos seus braços, fazendo-me a sua criança de novo."

Querida mamãe Olga e meu pai, abençoem-me.

Se lágrimas de alegria servem por letras, é com elas que lhes escrevo esta carta, de modo a rogar-lhes paciência e resignação.

Vejo convosco a tia Nazira e o tio Rubens, e rogo a eles igualmente me abençoarem.

Mãezinha querida, não chore mais com tanta angústia, Deus é verdade e amor que nunca desaparecem, e temos Deus para abençoar como sendo nosso refúgio em nossas dores. A nossa fé, por aqui, quando a gente se reconhece despojado de tudo aquilo que supúnhamos nos pertencer, é muita bênção em forma de armadura invencível, por dentro da qual a nossa alma consegue resistir a qualquer espécie de sofrimento.

Se me lembro das alegrias de nossa casa! E como! Sempre que isso se me faz possível corro aos seus braços, fazendo-me a sua criança de novo ou me dirijo para a Visconde do Rio Branco, em nossa querida cidade de Jardinópolis, para me harmonizar com as preces da tia Nazira, a outra mãe que o seu carinho me ensinou a encontrar.

Mamãe, eu sei que muitas versões apareceram para justificar a minha liberação da vida física; entretanto, posso afiançar ao seu amor, tanto quanto em meu coração confirmo isso a meu pai, ninguém me agrediu em caminho. Acontece que eu trazia sem perceber, na sensibilidade que era muita, as coronárias doentes, e as coronárias não resistiram à emoção que me tomou de assalto, ao ver que o carro me arrastava para as águas do rio. O motor do peito silenciou de repente e, em meio da turvação de sentidos em que me vi, encontrei a presença da vovó Chamma que me pedia orar e repousar — duas atitudes que se me faziam impraticáveis. Ela, porém, deve ter atendido por mim a essas obrigações, porque um torpor estranho me acalmou de estalo e não mais me senti perdido nas águas de que não conseguira escapar pela impossibilidade total de assumir qualquer movimento contrário ao abatimento que me invadiu corpo e alma. . . . Acordar do sono a que me entreguei por influência da bondade de minha avó, foi uma surpresa que não conseguiria expor com palavras. Posso dizer apenas que a sua face estava colada à minha face e chorávamos juntos, em vista de uma separação que eu não entendia. Se lhes via o rosto no meu, como compreender qualquer minuto de distância?

Foi minha avó Chamma e meu avô Antônio os dois benfeitores, que me explicaram, aos poucos, o que sucedera: perdera o corpo físico de modo igual à perda do carro e devia conformar-me.

Creia, Mãezinha, que lutei muito contra a realidade, incapaz de aceitá-la, até que as suas próprias vozes dentro de mim como que me informavam, sem querer, que eu era um filho ausente, como acontecera ao nosso querido Júlio César. O pranto da tia Nazira foi outra alavanca da verdade a me impelir para o aceite do meu novo modo de ser e aqui estou para afirmar-lhes que me sinto melhor e mais forte.

A única sombra que ainda vagueava entre nós, à maneira de uma nuvem, era a dúvida quanto à realidade de minha despedida da veste física. Agora, peço-lhe para que não insista em pesquisas capazes de ferir a alguém. Se peças de roupa me faltavam, qual me fazem perceber nas recordações que me apresentam, isso se deve decerto à movimentação das águas, porque, em verdade, o carinho de vovó me arrebatou ao quadro final de minhas experiências. Creio que a roupa estragada, que eu deixara à mercê da corrente estreita do riacho, deve ter permanecido várias horas ao sabor das circunstâncias.

Aí na Terra, querida mãezinha, as criaturas raramente acreditam que os mais jovens trazem consigo as mesmas deficiências físicas dos mais idosos; e nisso a pessoa é apanhada de surpresa com o impacto da desencarnação que ninguém consegue imaginar esteja assim tão próxima. Aliás, o seu coração materno adivinhava que eu não conseguia adaptar-me à felicidade dos mais moços, porque dentro de mim estava a certeza de que o meu tempo na Terra seria curto. Perdoem-me se fui assim quase inadaptado, embora no fundo a confiança em Deus me fizesse viver num estado claro e belo de otimismo e de alegria.

Agora, com o nosso querido Júlio, posso trabalhar com mais segurança em auxílio de nossa casa e peço o seu carinho, tanto quanto rogo à tia Nazira nos apoiar com fé viva de que não houve e nem há separação no sentido de ausência.

Agradeço por todas as bênçãos que me enviaram de casa em forma de preces e lembranças. Aqui, espero crescer em conhecimento para ser mais útil.

Agradeço à irmã Stella Mellin, de cujas reuniões recebi muito amparo.

Lembrando quanto devo à dedicação de meu pai e de todos os nossos familiares queridos, peço, querida mãezinha Olga, para que sua alma querida me guarde o coração para sempre, este coração de filho que presentemente está aprendendo a consagrar-lhe um amor que é cada vez mais amor. Sempre seu filho

Toninho.
Antônio Jabur Neto.

Notas e Identificações

1 - Psicografia de F.C. Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, Uberaba, MG, 5/10/1979.

2 - *Mamãe Olga e meu pai* — Olga Corrêa Jabur e José Jabur.

3 - *Tia Nazira e tio Rubens* — Nazira Jabur Caleiro e Rubens Caleiro, tios paternos, presentes à reunião.

4 - *Vovó Chamma* — Chamma Jabur, avó paterna, desencarnada em 1976.

5 - *Avô Antônio* — Antônio Jabur, avô paterno, desencarnado em 1971.

6 - *Júlio César* — Júlio César Jabur, irmão desencarnado aos 17 anos, em 1976.

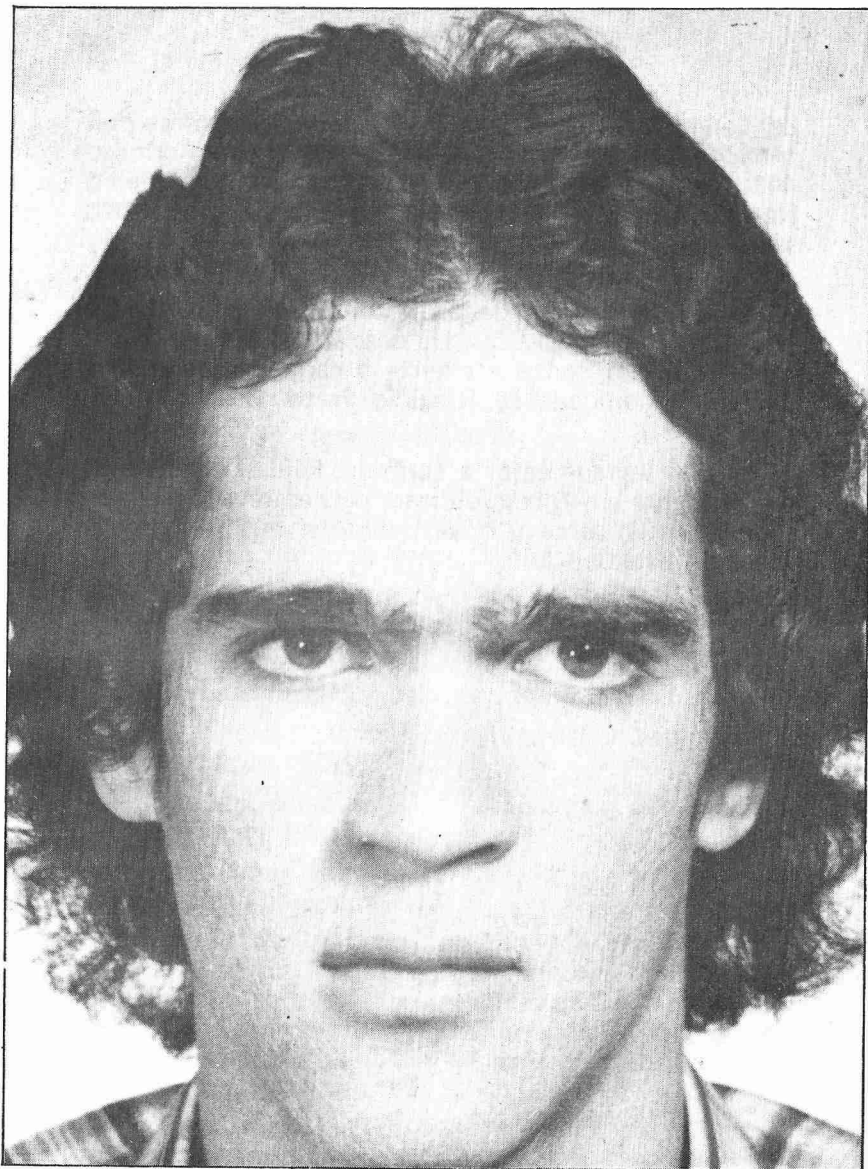
7 - *O seu coração materno adivinhava que eu não conseguia adaptar-me à felicidade dos mais moços, porque dentro de mim estava a certeza de que o meu tempo na Terra seria curto.* — D. Olga sempre insistia para que ele passeasse e se distraísse mais, pressentindo uma existência curta para seu filho.

8 - *Agradeço à irmã Stella Mellin, de cujas reuniões recebi muito amparo.* — Após a desencarnação

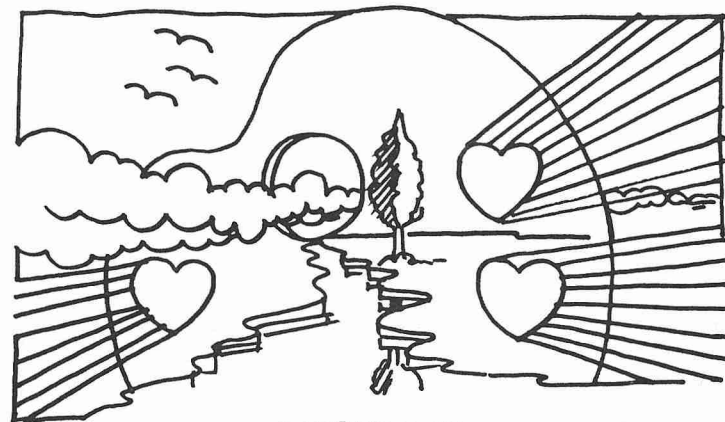
de Toninho, D. Olga passou a freqüentar reuniões doutrinárias do Lar Espírita Cristão, à Rua Rio Formoso, 411, em Ribeirão Preto, SP, dirigidas por Stella Mellin. Na época, foram feitas preces e reuniões especiais pelo seu filho.

9 - *Antônio Jabur Neto* — Era chamado Toninho, pelos íntimos. Além de professor primário, formou-se em inglês e artes plásticas. Na ocasião do acidente, lecionava inglês em Pontal e exercia o cargo de inspetor da Febem, na unidade de Ribeirão Preto. Desencarnou a 10/9/1978.

10 - Agradecemos à confeitira Hilda Fontoura Nami, residente em Ribeirão Preto, pela entrevista realizada com a família Jabur, a nosso pedido, o que nos permitiu organizar este Capítulo.



Júlio Fernando Leite de Sant'Anna



CAPÍTULO 15

TEMPO DE LÁGRIMAS, TEMPO DE COMPREENSÃO

Em conseqüência de lamentável acidente de moto, o jovem Júlio Fernando Leite de Sant'Anna, deixou o Plano Físico, aos 31 de agosto de 1976, com 18 anos de idade.

Filho do casal José Leite de Sant'Anna — Maria de Lourdes Leite de Sant'Anna, ele residia com sua família em Goiânia, GO, onde frequentava um Cursinho com vistas a um próximo Vestibular.

Mas, dois anos depois, auxiliando seus pais de forma marcante, a superarem o compreensível *tempo de lágrimas*, Júlio regressou da Vida Maior, através de confortadora carta, compartilhando suas "saudades no mesmo cálice de esperança", em busca de um feliz e produtivo *tempo de compreensão*.

Eis a sua primeira carta:

*"Deus, que nos reuniu uns aos outros,
nunca nos separaria para sempre."*

Querida mãezinha, abençoe-me.

Estas notícias serão curtas. Só um alô para dizer "presente".

Estou em companhia do Álvaro e juntos abraçamos nossas mães queridas, rogando a Deus nos proteja a todos. O Álvaro abraça com muito carinho ao mano Marcelo, e conosco estão minha avó Elvira e meu avô Durval, que especialmente me auxiliam.

Vovô Durval pede ao papai, a quem abraço com o respeitoso amor filial de todos os dias, para dizer aos tios João e Iracema que o Sérgio não está esquecido e, com outros amigos, estão sustentando o meu primo na renovação pela qual por aqui todos passamos.

Minha avó Elvira trouxe consigo duas amigas que me protegem e me servem aqui, na condição de protetoras, cuja dedicação é para mim um retrato da ternura da senhora e de meu pai, em nossa casa de Goiânia. São elas as irmãs Joaquina de Macedo e Maria de Sant'Ana Bastos, que meu avô Durval afirma serem antigas afeições de nossos familiares.

Mãezinha, peço-lhe muita coragem para vencermos a suposta separação, que gera tanta saudade no coração da gente. Estamos juntos, sem perceber isso, no *lado terrestre*, como permanecemos sempre aí protegidos pelos Mensageiros de Deus. Tanto quanto possível, auxilie-me com a sua paz e com sua fé no Poder Maior. Deus, que nos reuniu uns aos outros, nunca nos separaria para sempre.

A todos de casa, muitas lembranças. Não alinhio nomes para não esquecer de alguém. Escrevo às pressas sob auxílio de meu avô e não disponho de muito tempo

no pensamento para lembrar-me nominalmente de todos. Desejava unicamente dizer ao seu coração que seu filho é o mesmo de sempre, tentando melhorar para fazê-la um dia mais feliz.

Com muito carinho e gratidão, rogo à senhora aceitar tudo o que possa existir de bom em minha alma.

Com muitos beijos e abraços do seu filho, que pede a Deus nos proteja e abençoe,

Júlio Fernando Leite de Sant'Anna.

Notas e Identificações

1 - Psicografada por Francisco C. Xavier, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, Uberaba, a 19/5/1978.

2 - *Álvaro* — Álvaro da Silva Ferreira (1956-1976), filho de Maria José da Silva Ferreira, presente à reunião, e Alfredo da Costa Ferreira, residentes em Goiânia. Os pais de Álvaro e Júlio são amigos desde a infância.

3 - *Marcelo* — Marcelo da Silva Ferreira, irmão de Álvaro, presente à reunião.

4 - *Avó Elvira* — Elvira Alexandre Bó, avó materna, desencarnada em 1973.

5 - *Avô Durval* — Durval Leite de Sant'Anna, avô paterno, desencarnado em 1940.

6 - *Sérgio* — Sérgio Leite de Sant'Anna, filho de João Batista Leite de Sant'Anna e Iracema Lopes de Sant'Anna, faleceu em acidente aéreo, com 21 anos, em 1976.

7 - *Joaquina de Macedo* — Falecida em Goiás, GO, aos 12/01/1939, era muito amiga da família Sant'Anna.

8 - *Maria de Sant'Anna Bastos* — Falecida em Goiás, GO, era comadre do sr. Durval Leite de Sant'Anna.

SEGUNDA CARTA

"O meu tempo deveria ser curto e de qualquer maneira aquele dia, de minha volta, era o meu mesmo."

Querida mãezinha Lourdes, abençoe-me.

O vovô Durval e a vovó Elvira me acompanham e se fazem lembrados ao seu carinho.

A verdade é que se pode seguir na direção da Vida Espiritual, no dorso da moto voadora a que me afeiçoara. Presentemente devo ser mais comedido e regressar aos meus, com a prudência precisa.

Mãezinha Lourdes, muito obrigado por sua devoção incessante à memória de seu filho. Graças a Deus, o nosso tempo de lágrimas deu lugar aos dias de compreensão que hoje buscamos enfileirar.

Ouçõ as divagações do papai José e as referências dos irmãos, e eu mesmo me penitencio, afirmando de mim para comigo, embora sabendo que os desígnios de Deus devem prevalecer em todas as ocorrências da vida. Pergunto a mim próprio se não teria sido melhor acomodar-me sem o veículo, mas o vovô Durval, amigo dedicado de todos os dias, pondera, a fim de consolar-me, que os processos da desencarnação diferem de pessoa para pessoa, e que tanto se perde o corpo num acidente de moto, quanto é impelido o espírito à liberação do carro físico sob o impulso de uma embolia. Ele me esclarece que o meu tempo deveria ser curto e de qualquer maneira, aquele dia de minha volta, era o meu mesmo.

Isso me reconforta e me auxilia a tocar o barco pra frente, apesar da falta que sinto de casa e da família.

Mãezinha Lourdes, agradeço quanto me proporciona com suas preces e lembranças. Estou conformado. Muito agradecido. Tudo se vai renovando naturalmente para o meu coração de rapaz, hoje mais sereno.

Envio lembranças aos meus queridos José Eduardo, Lília, Maria Lysia, Luíza e Paulo Henrique, pois notei que os irmãos estranharam a ausência deles em minhas letras-fraternas. E não posso esquecer o pessoal miúdo que está chegando por aí. Um abraço de muito carinho ao Thiago e à Ana Carolina, que me trouxeram a sensação de tio feliz na Vida Espiritual.

Rogo ao papai ânimo e confiança em Deus. Tudo passa no rumo do melhor porque a Divina Providência nunca se empobrece de amor.

Agradeço as preces que o seu devotamento me endereçaram no aniversário de 4 anos de vida diferente em que me vejo agora.

Querida mãezinha, sabemos nós ambos que esta carta guarda a finalidade de renovarmos energias, de modo a trabalharmos com mais decisão. Quando o cansaço ameaçar ou amedrontar a senhora e o papai, lembrem-se de que não nos achamos separados. Terei muito reconforto em ser intimado pelos pais queridos a compartilhar nossas saudades no mesmo cálice de esperança.

Muita alegria e paz é o que desejo a todos os nossos queridos familiares.

O Álvaro veio em minha companhia e deixa-lhes, a todos, muito reconhecimento e carinho.

Querida mãezinha, em seu coração junto ao papai,
muitos beijos do seu filho, em preces a Jesus por nossa
felicidade,

Júlio Fernando Leite de Sant'Anna.

Notas e Identificações

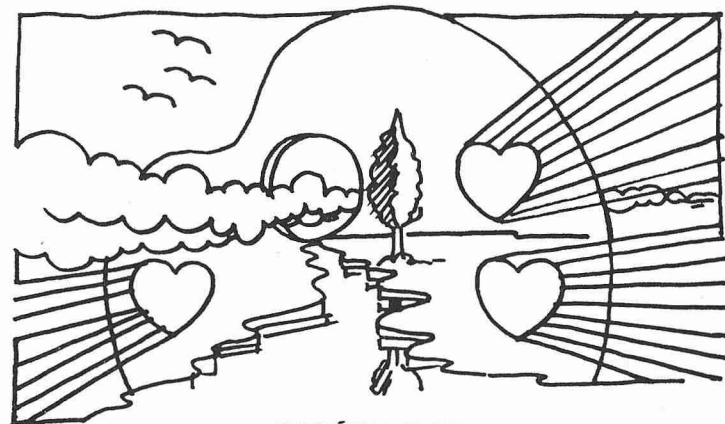
9 - Psicografia de Francisco C. Xavier, em reunião pública do GEP, Uberaba, 17/10/1980.

10 - *Mãezinha, muito obrigado por sua devoção incessante à memória de seu filho.* — Ela guarda, carinhosamente, vários pertences do filho inesquecível e, todos os domingos, visita seu túmulo.

11 - *Ouçõ as divagações do papai e as referências dos irmãos e eu mesmo me penitencio* — Refere-se ao abuso de velocidade quando dirigia sua possante moto.

12 - *José Eduardo, Lília, Maria Lysia, Luíza e Paulo Henrique* — Irmãos.

13 - *Thiago e Ana Carolina* — Sobrinhos nascidos 4 anos após à partida de Júlio; são filhos, respectivamente, de José Eduardo e Lília.



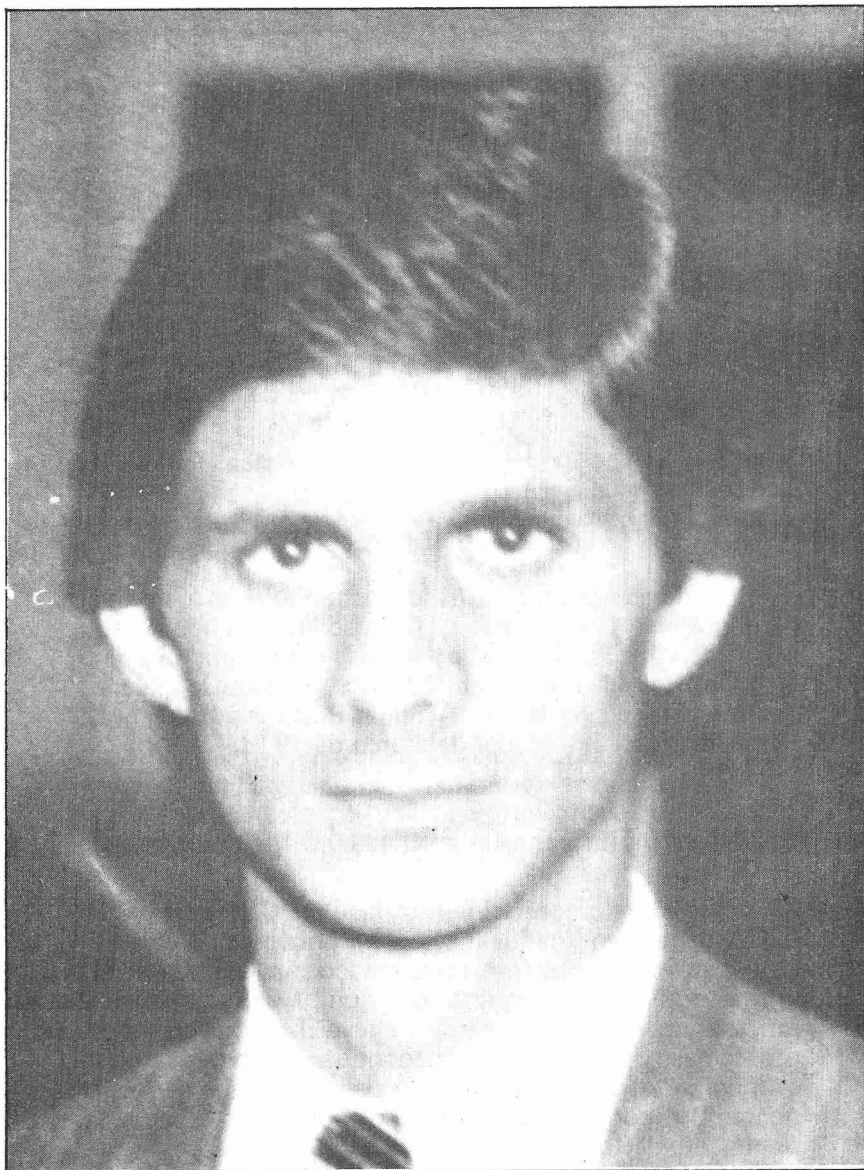
CAPÍTULO 16

**“ESTAMOS UNIDOS PELO CORAÇÃO
E PELO PENSAMENTO”**

Uma semana após nítido e estranho sonho, no qual perdeu a vida física em acidente — sonho que não causou maiores preocupações à sua família — o estudante Paulo Marcelo Reis Azevedo, de 19 anos, realmente, faleceu em acidente de moto, na Avenida Brasil, de sua cidade, Ribeirão Preto, SP, aos 24 de março de 1978.

Seis meses se passaram. . . E, pela mediunidade psicográfica, o jovem voltou a dialogar com seus pais, perdendo-lhes muita coragem e plena confiança na bondade de Deus.

Revelando conhecimento das Leis Cárnicas — que se fundamentam na Justiça e Misericórdia Divinas, e atuam no desenrolar das reencarnações sucessivas — ele afirmou: “Não me pergunte ‘por quê’, Mãe querida, pois um dia virá em que teremos a chave de todos os nossos problemas. (. . .) no entanto, conquanto em nada pudessemos inculpar a máquina, senti um desejo enorme de recuar no tempo, com a possibilidade de renunciar a ela. Mas, o que eu devia, certamente foi pago, ante o pesar que me tomou de improviso.”



Paulo Marcelo Reis Azevedo

Eis a primeira carta de Paulo Marcelo, Espírito:

Mãezinha Norma e meu pai, abençoem-me.

Acompanho a excursão. Partilho a esperança. E com a lâmpada acesa da fé em minha própria alma, venho pedir-lhes me auxiliem com a precisa conformação.

O que sofro pela distância inesperada de casa não sei contar ainda.

O choque a que fui arrojado foi uma pancada tão forte, a me repercutir na cabeça, que nada mais soube, senão que o mano me apanhava em seus próprios braços, a carregar-me para buscar socorro. Falar o que sentia não me era possível. Entendi, de pronto, que havia caído desamparadamente no chão, com poucas esperanças de me reerguer. Lembrava-me de todos os conselhos de casa, as palavras abençoadas nos conselhos de sempre; no entanto, conquanto em nada pudesse inculpar a máquina, senti um desejo enorme de recuar no tempo, com a possibilidade de renunciar a ela. Mas, o que eu devia, certamente foi pago, ante o pesar que me tomou de improviso. Queria comunicar ao irmão querido, que me guardava nos seus próprios braços, tudo quanto experimentava, mas debalde. A voz não articulava palavras naqueles momentos duros.

Agora, que posso escrever-lhes, sob a proteção de nossa querida Vó Luzia, peço perdão pelos aborrecimentos que causei. Hoje creio que a moto teria sido o instrumento para a minha retirada do corpo, de vez que reconheço que todos os que viajam na Terra encontram um dia para a mudança de caminho.

Mãe, peço-lhe com todo o meu coração nas palavras: não chore mais de solidão e desconsolo, porque Deus não morreu.

Estamos unidos pelo coração e pelo pensamento.

Quando estiver comigo, pela imagem, conversando com seu filho, através dos retratos, reconforte-me com sua coragem.

Não me pergunte "por quê", Mãe querida; pois um dia virá em que teremos a chave de todos os nossos problemas. Compreendo que as lágrimas têm sido quase inestancáveis, mas Deus saberá enxugá-las, transformando-as em esperança fiel a Deus.

Estou satisfeito, acompanhando-a em nossas tarefas de auxílio aos irmãos em dificuldades maiores do que as nossas. Agradeço à irmã Laurinha o bem que nos faz, auxiliando-a a procurar nesse reservatório de bênção o verdadeiro caminho da vitória sobre nós mesmos. Sempre ouvira meu pai discorrer sobre os frutos do bem nas experiências da vida, e seguia-lhe a existência de bondade e renúncia em nosso favor, mas, apenas aqui estou compreendendo exatamente o que significa servir aos semelhantes.

Se pudesse, queria ver o nosso querido Sebastião e o nosso querido Sérgio nesse mesmo serviço, que é o mais importante esporte da vida, porque isso criará nelas uma nova mentalidade perante a vida.

Nosso Ricardo! Estimaria que ele igualmente conseguisse captar as riquezas da experiência bendita do serviço ao próximo, mas não posso violentar-lhe o livre arbítrio.

O que sei é que no momento em que me vi nas faixas de inesperança, que nos conduzem à morte do corpo, foi justamente na beneficência daqui que encontrei o socorro de que estava necessitado.

O Padre Euclides e o Dr. Camilo de Mattos, agora juntos na mesma obra de amor fraterno, me ampararam no instante crucial da prova e, com a nossa Vovó Luzia,

me reconfortaram e socorreram, auxiliando-me a ganhar novas energias para consolidar a minha paz.

Venho, por isso, dizer-lhe para estarem tranqüilos a meu respeito. Saudade é sombra, tanto aí quanto aqui. Sombra pesada que intenta paralisar-nos as mãos no trabalho e esquecer as obrigações que nos vinculam uns aos outros.

Curemos as nossas feridas espirituais, aliviando as provas dos outros, e estaremos em rumo certo.

Não me transformei de repente. O rapaz alegre e forte que fui, sou ainda na vida espiritual; no entanto, seria incrível não lhes falar da falta que sinto de tudo a que nos habituamos em nosso convívio doméstico. Ainda assim, rogo à Mãezinha e a meu pai, tanto quanto aos irmãos queridos, a que me auxiliem a prosseguir fortalecido e animado em meus passos de recuperação, de modo a que não sofra recaídas de angústia.

Fiquem todos felizes e estarei mais tranqüilo.

Confiem na bondade de Deus e marcarei confiança em todos os meus movimentos nas arenas da vida espiritual, em que a luta pelo aperfeiçoamento de nós mesmos é quase sem tréguas, de modo a nos elevarmos em luz e conhecimento, paz e amor, a fim de esperarmos aqui os que amamos.

Ficaria contente se pudesse transmitir-lhes as emoções que sinto, mas consigo declarar-lhes que este é um momento de grande significação para mim. Rogo à Mamãe me mantenha firme e robusto na fé, porquanto estou ainda profundamente ligado a ela e ao meu pai, nesse terreno de lembranças e indagações.

Os amigos daqui me dizem que o trabalho nos proporcionará novos conhecimentos e novas medidas para a continuação de nossas tarefas em paz.

Por isso mesmo é que lhes rogo apoio, a fim de que eu possa ser útil, tanto quanto devo servir ou aprender a servir, como sendo minha obrigação maior.

Mãezinha, querido pai e querido irmão, não consigo escrever por mais tempo; entretanto, estaremos juntos em todos os dias, prosseguindo em nosso intercâmbio, pensamento a pensamento.

Perdoem-me se considerarem, talvez, tenha sido eu estouvado ou imprudente, mas a realidade é que tudo fiz para permanecer aí com a família querida; o meu tempo, porém, havia terminado e só me restava seguir os desígnios superiores que governam a vida.

Por hoje não posso ampliar-me.

No entanto, estou satisfeito ao falar-lhes que vou melhor.

Deus nos proteja e nos abençoe. Recebam, Mãezinha e meu Pai, com o mano presente, muitos abraços de amor e reconhecimento do filho e irmão que ainda se encontra menos mal, e não tão bem para escrever-lhes como deseja, mas que, de qualquer modo, deseja repetir-lhes que os ama a todos com todo o coração.

Confiemos em Deus e continuemos fazendo o melhor ao nosso alcance para sermos cada vez mais felizes nas bênçãos de Jesus: é o que deseja o filho reconhecido e irmão de sempre,

Paulo Marcelo Reis Azevedo.

Notas e Identificações

1 - Psicografia de Francisco C. Xavier, em reunião pública do GEP, Uberaba, 16/9/1978.

2 - *Mãezinha Norma e meu pai* — Norma Reis Azevedo e Sebastião Aguiar Azevedo, residentes em Ribeirão Preto.

3 - *Queria comunicar ao irmão querido, que me guardava nos seus próprios braços, tudo quanto experimentava, mas debalde.* — Ele desencarnou nos braços de seu irmão Sebastião A. Azevedo Júnior.

4 - *Vó Luzia* — Luzia Palhares Reis, avó materna, desencarnada em 1970.

5 - *Quando estiver comigo, pela imagem, conversando com seu filho, através dos retratos* — Habitualmente, ela conversa mentalmente com ele, olhando seus retratos.

6 - *nas nossas tarefas de auxílio* — Refere-se a um trabalho assistencial na Vila Carvalho.

7 - *Irmã Laurinha* — Laura Mazzetto Oliveira, espírita atuante, é amiga da família e estava presente à reunião.

8 - *Sebastião, Sérgio e Ricardo* — Irmãos.

9 - *Padre Euclides* — Padre Euclides Gomes Carneiro fundou, em Rib. Preto, um asilo para velhinhos, hoje chamado "Padre Euclides". Deixou a vida material em 26/1/1945.

10 - *Dr. Camilo de Mattos* — Identificado no Cap. 1, Nota 6.

11 - *Paulo Marcelo Reis Azevedo* — Nasceu e desencarnou em Rib. Preto, respectivamente em 25/5/1958 e 24/3/1978. Cursava o 2.º ano da Faculdade de Engenharia de Barretos, SP.

SEGUNDA CARTA

“Desejo comunicar-lhes que venho freqüentando uma nova Escola.”

Querida mãezinha Norma e querido papai Sebastião, reunidos na prece, roguemos a Deus nos abençoe e ampare sempre.

Venho ao encontro dos pais queridos, unicamente com o objetivo de lhes dizer da minha nova alegria ante o natalício de meu pai, tentando comunicar a ele nossos agradecimentos por todas as bênçãos de paz e tolerância com que vai seguindo à frente das obrigações que o Alto lhe conferiu.

Pai amigo, não se aflija se a minha influência pesou tanto na sua decisão de vir até aqui, acompanhando a mãezinha Norma e o nosso querido Sebastião. . .

Caminhemos, estou confortado observando que o Sebastião e o Sérgio vão avançando para diante nos compromissos com o bem do próximo.

O nosso querido Sebastião possui dotes mediúnicos dos melhores e será, para nós todos, um privilégio considerar o nosso irmão, ao nosso lado, na Terra mesmo, filtrando em benefício de muitos o socorro que os Benfeitores Espirituais conseguem produzir. Esperamos que todos os problemas naturais da vida se ajustem para que ele consiga abraçar, com serenidade, as tarefas para as quais está sendo convocado.

O Sérgio, naturalmente, precisa de nós e temos a certeza de que os nossos amigos emprestarão a ele os valores do apoio espiritual que lhe garanta as melhoras.

Sigamos para a frente buscando realizar, com os ideais que nos reúnem, o melhor ao nosso alcance.

A vovó Anália e a outra vovó, a vovó Luzia, vieram conosco a fim de transmitir-lhes, com as nossas palavras, os sentimentos de amor com que recordamos o natalício do papai: desejando-lhe saúde, paz e felicidade extensivamente a todos os nossos corações queridos do clima familiar.

Desejo comunicar-lhes, aos entes queridos aos quais me vinculo no plano físico, que venho freqüentando uma nova Escola. Nova para mim, que é dirigida por diversos Mentores que se afirmam representantes da cultura e da bondade do nosso amigo Dr. Rodrigues Guião, benfeitor da juventude nas realizações espirituais que marcam a nossa vizinhança com Ribeirão Preto. Desse modo, sinto-me feliz a fim de conseguir recursos para ser mais útil aos corações que amo tanto.

Com a bênção de Jesus, o tempo já vai apagando as feridas que remanesceram do acidente que me separou da família, e espero que a aceitação dos desígnios do Senhor continue assinalando o nosso modo de viver.

Querida Mãezinha Norma, rogo-lhe paciência e coragem. Isso é muito importante para nós todos, porque o coração materno é a fonte que assegura estabilidade e equilíbrio na vida.

Estamos amparados pela bênção de Jesus, e isso é tudo para a nossa renovação espiritual que demandamos a fim de que estejamos todos habilitados a assimilar os ensinamentos da vida superior.

O bisavô Azevedo veio em nossa companhia e deixa ao querido papai um grande abraço.

Tudo está melhorando em nosso favor.

Papai querido, receba nesta carta de filho saudoso

todo o nosso amor, nas preces de gratidão que endereçamos a Deus por sua felicidade.

E, reunindo o seu coração amado, com a Mãezinha e os irmãos, por dentro de minha própria alma, num beijo de respeitoso amor, na frente da Mãezinha sempre querida, sou o filho reconhecido de todos os instantes,

Paulo Marcelo Reis de Azevedo.

Notas e Identificações

12 - Psicografia de Francisco C. Xavier, GEP, Uberaba, em 8 de março de 1980.

13 - *natalício de meu pai* — Dia 6 de março.

14 - *a minha influência pesou tanto na sua decisão de vir, até aqui* — Seu pai e Sebastiãozinho confirmam esta influência, pois a viagem a Uberaba não estava programada, tendo sido decorrente de um desejo súbito, em ambos, no dia da reunião.

15 - *Vovó Anália* — Anália Palhares, bisavó materna, desencarnada em Rib. Preto, em 1967.

16 - *Dr. Rodrigues Guião* — Dr. João Rodrigues Guião (1865-1957) foi advogado, professor, jornalista, literato, Deputado pela Constituinte, vereador e Presidente da Câmara Municipal de Rib. Preto.

17 - *Bisavô Azevedo* — Antônio de Azevedo Souza, bisavô paterno, falecido em 1920.

TERCEIRA CARTA

“O mundo de agora está aumentando os testes de espiritualidade para quantos aí se encontram.”

Querida mãezinha Norma e papai Sebastião.

Continuamos na mesma associação de forças. Sentindo-me abençoado no lar, prossigo corajoso para diante, buscando o melhor para nós.

Muitas vezes, reconheço-me convidado a comparecer em casa e creiam que, com a permissão de nossos Mentores, de imediato me faço presente, a fim de cooperar na solução dos desafios que vão surgindo nas trilhas do tempo.

Não me esqueço de nossos queridos companheiros Sebastião e Sérgio.

Do ponto de vista terrestre, são filhos e irmãos em nossa casa, mas nos fundamentos da vida, são realmente nossos companheiros queridos na conquista do progresso.

As barreiras que encontram nos pertencem, tanto quanto nos pertencem as alegrias dos dois.

Compreendo que as receitas de conduta são sempre aqueles ingredientes certos para o remédio de que se necessita no mundo; no entanto, temos os poderes da vontade própria que as Leis de Deus nos conferem a cada um. Por vezes, os filhos sofrem; contudo, é preciso saibamos vê-los não na condição de companheiros difíceis, mas na posição de amigos em experiência, a requisitar-nos carinho e compreensão.

Por aqui encontrei notáveis educadores que me retificam atitudes e podam aspirações, e com isso vou surpreendendo fontes íntimas de alegria que antes da moto,

que me arremessou para cá, desconhecia de minha parte quase que totalmente.

Os nossos professores Dr. Rodrigues Guião e Dr. Péricles Ramos nos apontam caminhos certos, e agradeço a Deus as facilidades que encontro nas situações, que aí no plano físico seriam para mim dificuldades e tropeços a me entravarem, talvez, a marcha.

Os irmãos queridos vão se guiando muito bem, e se algo necessitam é sobretudo de mais entendimento nos diálogos caseiros, em que consigam abrir o coração e recolher dos pais queridos o bálsamo do estímulo à vivência, em meio aos obstáculos com que qualquer rapaz é defrontado na Terra.

O vovô Antônio Azevedo, que está em minha companhia, endossa o que digo.

Nossos caros Sebastião e Sérgio são felizes e serão sempre mais felizes com as bênçãos de Deus.

Rogo, assim, ao nosso lar, harmonia e esperança, união e confiança mútua.

O mundo de agora está aumentando os testes de espiritualidade para quantos aí se encontram.

Unamo-nos cada vez mais para sermos força.

Não permitam que aflição ou desalento nos invadam o recanto doméstico.

Alegria sempre, alegria de haveremos sido chamados a viver juntos, alegria de agir aprendendo a crescer para o Mais Alto, usando a fé e cultivando a compreensão.

Não sou portador de avisos ou advertências, mas sim a visita fraterna e carinhosa do filho e irmão reconhecido.

Querida mãezinha, agradeço tudo o que faz por mim, no capítulo das memórias. Flores e preces, lem-

branças e bênçãos que recebo de seu devotamento são tesouros que me proporcionam felicidades sempre maiores.

Tranqüilize-se, é o que rogo igualmente ao papai Sebastião. Convençamo-nos de que tudo está melhorando, para que a renovação espiritual encontre em nós as portas abertas para o trabalho de elevação.

Com a vovó Luzia e tantos outros corações amigos, estamos atuando a benefício de todos aqueles que se nos ligam ao espírito e permaneço confiante.

A todos os que nos compartilham o cotidiano, os meus votos de tranqüilidade e alegria. E para os queridos pais, constantemente associados comigo nas tarefas e aprendizados em que me vejo, ficam muitos beijos do filho reconhecido,

Paulo.

Paulo Marcelo Reis Azevedo.

Nota e Identificação

18 - Psicografia de Francisco C. Xavier, GEP, Uberaba, 28/6/80.

19 - Dr. Péricles Ramos — Identificado no Cap. 1, Nota 9.

08297-5

298

Cheque N.º
YH 212296

Banco
341

Cr\$

310,00=

Pague por este
cheque a quantia de

Pedro e dos Cruzes

A

ou à s/ordem

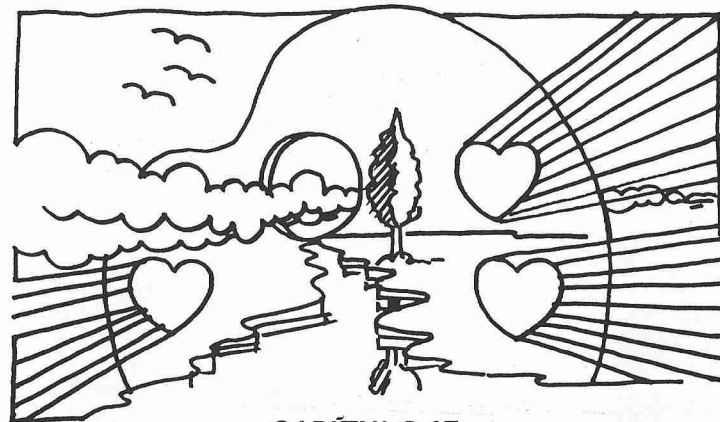


em 22 de janeiro de 1978
Paulo Marcelo dos Anjos

88212296 0313442980 000298082975 000000021000

minutos
do Filho
de conhecido
Paulo
Paulo Marcelo dos Anjos

A assinatura de Paulo Marcelo em dois momentos: num cheque, datado de 22/1/1978, e na carta mediúnica de 28/6/1980.



CAPÍTULO 17

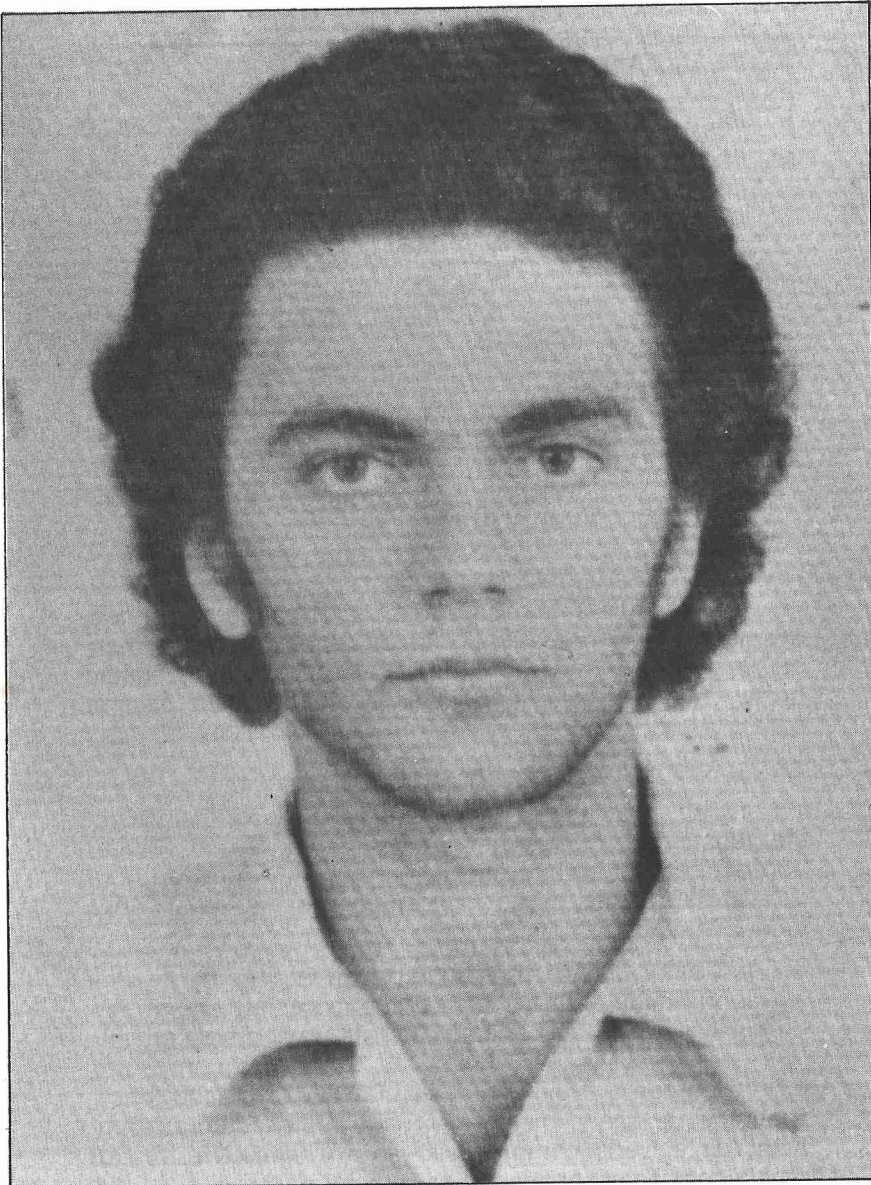
VIOLÊNCIA E PERDÃO

Enquanto a família Jorge, de Ribeirão Preto, SP, ultimava os preparativos para a *festa da passagem* de 1979 para 80, ninguém poderia esperar que, naquela noite de tanta alegria, o jovem José Eduardo partiria para o Além, vítima da agressão de assaltantes.

Ano Novo, nova vida. . .

Sim, três meses após o infausto acontecimento, ele regressou, através da psicografia de Chico Xavier, confortando e esclarecendo sua família, mostrando-se refeito da desencarnação inesperada e tranqüilo em nova vida, a Vida Espiritual.

Ao ler sua mensagem, conclui-se facilmente que a tranqüilidade manifesta é o reflexo perfeito do entendimento e aceitação das Leis Divinas, quando ele afirma: "Se passei pela provação que me retirou do corpo, isso é sinal de que a Providência Divina me concedeu a oportunidade de sanar meus débitos"; e conseqüente, também, da elevada compreensão ante a agressividade dos seus algozes, perdando-os incondicionalmente, ao dizer:



José Eduardo Jorge

“Deus há de amparar os irmãos que me impuseram a perda do corpo, tanto quanto vem amparando a nós todos.”

A seguir, a primeira carta de José Eduardo:

Querida Mãezinha Lourdes, reúno o seu coração querido com o Papai Nagib, neste instante em que lhes dirijo esta carta ligeira.

Peço-lhes me auxiliarem a esquecer o que me aconteceu. Somos cristãos e pessoas de fé em Deus. Se passei pela provação que me retirou do corpo, isso é sinal de que a Providência Divina me concedeu a oportunidade de sanar os meus débitos referentes ao caso em que me vi envolvido.

Quando deixei o Nagib a me esperar, enquanto conduzia a jovem que me dissera estar em dificuldade para socorrer a mamãe, supostamente hospitalizada, longe estava de imaginar que eu não a conduzia, e sim era conduzido à prova e que, pela influência de irmãos infelizes, perdi o corpo no assalto que não desejo recordar.

Creia, Mamãe, que eu estava pensando em Ano Novo e no bem que se deve fazer aos que lutam mais do que nós mesmos. Essas idéias foram, para mim, iguais a preces que me livraram do medo e da angústia. Não senti qualquer dor. Sei apenas que despertei no colo da Vovó Rosa, que me falava em Jesus. De começo, tive o impulso de me queixar. Ela, porém, me pedia recordar Jesus Cristo. O que teria feito Ele, Nosso Senhor, para ser assaltado publicamente, apedrejado e levado à cruz? Essas generosas recordações me fizeram lembrar os seus próprios ensinamentos, quando a Senhora nos auxiliava a pronunciar, de joelhos, o nome de Deus. Ao invés de amargura e revolta, compadeci-me dos irmãos que, certamente, eram tangidos pela necessidade de atacar seus semelhantes, e agradei a Deus haver nascido numa casa em que a

nossa mesa sempre foi farta e na qual o carinho dos pais queridos era transformado, constantemente, em utilidades e benefícios em nosso favor.

Pediria ao Papai Nagib pensar desse modo, a fim de que a paz se faça com todos. Tenho os irmãos aguardando o futuro e não desejo que eles venham a recordar a minha ausência com qualquer selo de crueldade de nossa parte. Deus há de amparar os irmãos que me impuseram a perda do corpo, tanto quanto vem amparando a nós todos. Roguemos, Mamãe, ao Céu para que não haja crime no mundo em nome de necessidades que não deviam existir.

Graças a Deus estou tranqüilo, e peço aos Mensageiros do Bem socorrerem aos companheiros que estavam fora de si mesmo, quando não conseguiram poupar-me a existência. Tudo obedece às Leis de Deus e as leis de Deus nos pedem amor e auxílio de uns para com os outros.

Queridos Pais, abençoem-me e guardem, com os meus irmãos, o coração reconhecido do filho, que tanto lhes deve e nunca os esquecerá,

José Eduardo Jorge.

Notas e Identificações

1 - Psicografia de Francisco C. Xavier, em reunião pública do GEP, Uberaba, 5/4/1980.

2 - *Mãezinha e Papai* — Maria de Lourdes Benetti Jorge e Nagib Jorge.

3 - *deixei o Nagib* — Refere-se ao irmão Nagib Jorge Filho.

4 - *Vovó Rosa* — Rosa Zapparoli Benetti, avó materna, desencarnada na cidade de Brodósqui, SP, em 1934.

5 - *José Eduardo Jorge* — (Ribeirão Preto, 1957-1979) Sempre foi alegre e comunicativo. Dedicado estudante, havia sido aprovado na 3a. série da Faculdade de Engenharia de Barretos, SP.

SEGUNDA CARTA

"Estou satisfeito. A tristeza passaria a morar conosco, se fôssemos nós aqueles companheiros credores de nossas preces."

Querida mamãe, estou a reuni-la, com o papai em pensamento, para um abraço com o meu pedido de bênção.

Mãezinha Lourdes, o que restou da aventura do Ano Novo é a nossa consciência tranqüila para com Deus. Estamos quites. Se fui a vítima de irmãos infelizes, que me sitiaram a revólveres, e se a própria menina a quem cedi carona no carro, acreditando ofertar-lhe uma alegria de véspera de Ano Novo, me liquidou o corpo, após descer e reunir-se ao grupo dos irmãos que a esperavam, isso quer dizer que a minha dívida terá sido perante alguma irmã nossa, no passado, a respeito do qual ainda não tenho memória para vasculhar.

Estou satisfeito. A tristeza passaria a morar conosco, se fôssemos nós aqueles companheiros credores de nossas preces. A propósito, agradeço as suas orações em favor dos irmãos para quem, de meu lado, peço igualmente a proteção de Jesus. Estamos contentes.

Vimos — a vovó Azora, a vovó Rosa e o tio

Bocha — numa caravana de paz, aprendendo com os nossos Benfeitores o que se deve fazer para que venhamos a fazer o bem e, por isso, não há motivo para lágrimas.

Peço dizer ao Nagib, à Heloísa Helena e ao Antônio Francisco que não os esqueço, e que formulo votos pela felicidade e paz de todos.

Mãezinha Lourdes, informo à nossa querida Ivone que o tio Crispim veio também conosco e deixa-lhe uma braçada muito grande de saudades.

Tudo segue bem, porque, com a bondade de Deus, queremos unicamente o bem.

Querida mãe Lourdes, com meu pai e com todos de casa, peço-lhe receber o coração reconhecido de seu filho, sempre mais seu diante de Deus,

José Eduardo Jorge.

Notas e Identificações

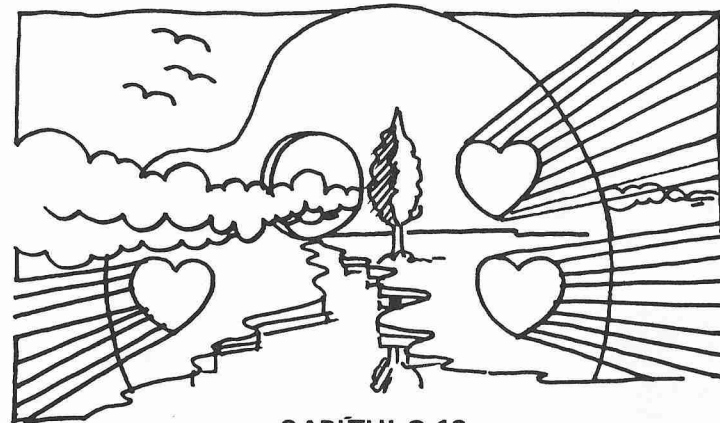
6 - Psicografia de Francisco C. Xavier, GEP, Uberaba, 24/10/1980.

7 - *Vovó Azora* — Azora Jorge, avó paterna, falecida há 19 anos.

8 - *tio Bocha* — Miguel Jorge, tio paterno, falecido há 8 anos.

9 - *Heloísa Helena e Antônio Francisco* — Irmãos.

10 - *Ivone* — Ivone Benetti Tavares, tia materna, casada com João Crispim Tavares, falecido há mais de 10 anos.



CAPÍTULO 18

PEQUENA GRANDE MENSAGEM EM NOVA MADRUGADA

Desde a idade de 4 anos, a graciosa Mônica — filha do casal Acácio Martins de Lima - Ivony Bizarro Martins, residente em Leopoldo de Bulhões, Goiás — passou a apresentar sério problema de saúde, sendo então diagnosticado um defeito valvular congênito, no coração.

A partir dessa época, submeteu-se a tratamento médico intensivo, contudo, sem resultado satisfatório, vindo a necessitar, dentro de poucos meses, de cirurgia especializada, feita com bom resultado em 1979.

Porém, quando Mônica Martins Bizarro se aproximava dos seus 7 aninhos, já freqüentando um curso pré-primário com ótimo aproveitamento, lendo e escrevendo quase tudo, seu quadro clínico voltou a piorar consideravelmente, e teve de submeter-se a nova cirurgia cardíaca. Houve sucesso na operação, mas complicações pós-operatórias ocasionaram seu regresso ao Mundo Maior, na madrugada de 26 de junho de 1981, em Goiânia, GO.

“Com o falecimento de nossa filha” — contá-nos seu pai, em entrevista epistolar —, “apesar de conhecermos



Mônica Martins Bizarro

algumas obras espíritas, ficamos chocados, pois, em face de uma moléstia grave e prolongada, dedicamos todos os nossos esforços para curá-la, apegando-nos muito a ela."

Mas uma nova madrugada, agora de consolo e esperança, os aguardava. . .

O sr. Acácio continua: "Aproveitando minhas férias de fim de ano, seis meses após a partida de Mônica, eu e minha esposa fomos a Uberaba, e, graças a Deus, às 2 da madrugada de 12 de dezembro de 1981, em reunião pública do Grupo Espírita da Prece, tivemos a felicidade de receber, pela psicografia do querido Chico, a cartinha que envio anexa."

Dando-nos um belo exemplo de fé raciocinada e mostrando-nos que a pequena mensagem, na verdade, era muito grande em conteúdo para a sua família, assim concluiu seu depoimento:

"Com a caridade dessa mensagem, despertamo-nos do desespero. Partimos para o estudo da Doutrina Espírita e iniciamos o culto cristão em nosso lar, que nos tem ajudado bastante. Criamos uma pequena campanha do agasalho para crianças de 5 a 8 anos, em nome de Mônica. E hoje aceitamos perfeitamente a Justiça Divina, entendendo a nova situação de nossa filha, bem melhor com nossos familiares no Mundo Espiritual, do que com a enfermidade que muito a prejudicava aqui conosco."

Eis a cartinha de sua filha:

Querido papai Acácio e querida mamãe Ivony, estou melhor.

Sinto falta de casa, da Virgínia e do Eduardo, do papai e da mãezinha Ivony, mas estou com a vovó Gertrudes e com o vovô José Bizarro.

Peço para ninguém chorar.

Muitas vezes sinto muito frio. Diz a vovó Gertrudes que isso é quando choram.

Hoje não escrevo mais porque fiquei cansada.

Abraços aos meus irmãos, e para o papai Acácio e para a mãezinha Ivony todo o amor, com muitas saudades, da filhinha, que lhes pede a bênção,

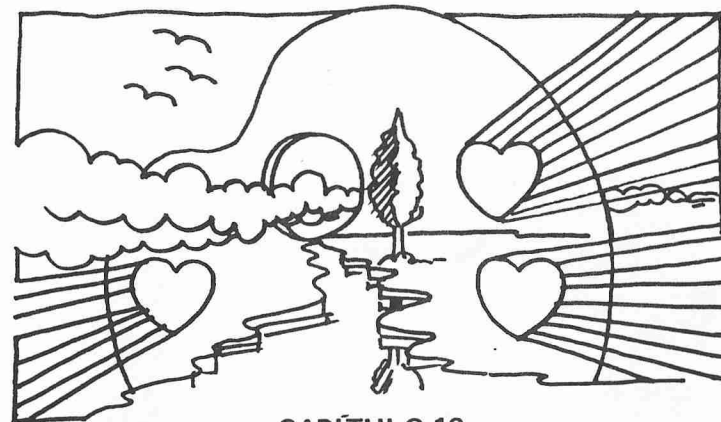
Mônica.

Identificações

1 - *Virgínia e Eduardo* — Irmã e irmão, respectivamente, com 10 e 4 anos de idade.

2 - *Vovó Gertrudes* — Avó paterna, desencarnada em 1975.

3 - *Vovô José Bizarro* — Avô materno, desencarnado em 1968.



CAPÍTULO 19

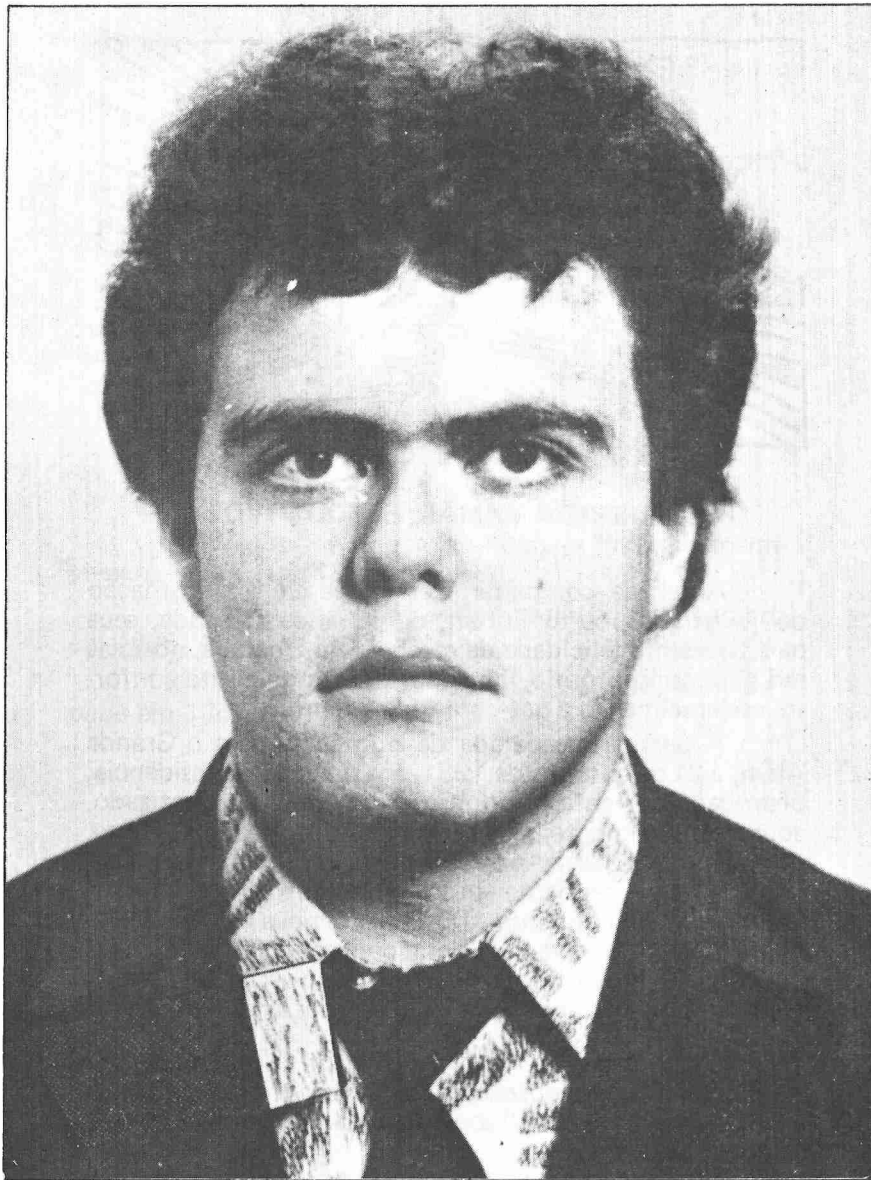
“QUERIDA MAMÃE, ESTOU VIVO”

Antes de completar três meses de desencarnação do jovem Humberto Furlan, de 16 anos de idade, seus pais tiveram a felicidade de receber, em Uberaba, notícias redigidas pelo próprio filho, portadoras de muito conforto, esclarecimento e paz para toda a família.

A partida inesperada de Humberto para o Grande Além, a 21 de outubro de 1981, em sua própria residência, provocada por enfarte do miocárdio, havia traumatizado, compreensivelmente, seus carinhosos progenitores. Agora, porém, o casal Maria Aparecida Faggion Furlan e Hermenegildo Furlan — residente em Ribeirão Preto, SP, no Jardim Mosteiro, à Rua Miranda, 100 — “sente nova motivação para a vida”, passando a freqüentar com assiduidade reuniões doutrinárias, encontrando no Espiritismo uma fonte de luz, a sustentá-los, sob as bênçãos de Jesus, nas lutas planetárias.

*“Deus nos dará outras esperanças e outras alegrias.
Aguardemos, trabalhando para o bem.”*

Querida Mãezinha Cida, querido Papai Herme-



Humberto Furlan

negildo e querido Antônio Marcos.

Sou trazido até aqui pela vovó Maria Bortoleto para oferecer-lhes algumas notícias. E começo no conselho da vovó, pedindo a Jesus nos proteja a todos.

Estou surpreendido com tanta gente na sala para a qual me compete escrever na janela que estou ocupando. É um momento difícil, mas entendo que sou conduzido até aqui a fim de pedir-lhes que me auxiliem.

De outubro para cá tenho partilhado as lágrimas de casa com muita vontade de me sentir forte, para enfrentar a minha situação. Querida mamãe Aparecida, estou vivo. Sou eu mesmo quem escreve, seu filho. Eu queria ser um lenço mágico que lhe enxugasse os olhos e lhe reanimasse o coração, mas como fazer isso, se as lágrimas de minha querida mãe, de meu pai e de meus irmãos provocam as minhas, transformando-me o íntimo numa nuvem que não cessa de se desfazer em gotas de pranto, com que todos vamos marcando o caminho da saudade que Deus nos deu a trilhar?

Ajudem-me. Aceitem o acontecido. Desde muito tempo, eu sentia o coração à maneira de um relógio que estivesse a se desprejar da parede interna de meus sentimentos aprisionados no corpo. . . Seria imprudência comentar as dúvidas que me assaltavam. Tudo por dentro de mim afirmava que o meu tempo seria curto; no entanto, por que haveria eu de ser o dono da verdade para desarranjar a vida das pessoas que mais amo? Agüentei com firmeza aquelas batidas precipitadas na cavidade do peito e rezava. Procurei ler páginas que me preparassem para qualquer eventualidade, conversava com amigos, referindo-me aos assuntos da morte, como se não fosse eu mesmo o interessado em aprender o que se passava no mais além da rotina terrestre. . . Muitas vezes, quando estudando sozinho, fitava o ambiente querido e feliz

de nossa casa e me observava possuído pela secreta intuição de que eu era alguém a despedir-me. . .

Mãezinha Aparecida, digo tudo isso para recomfortá-los. Quando notei que a música do coração estava articulando a nota final, o que me aconteceu quando a sós, entreguei-me à oração que não pude terminar, porque a parada no motor como que me apagava os raciocínios na cabeça. Era um sono compulsivo a que não consegui desobedecer. Nada mais vi, embora sonhasse que a família me abençoava com preces e lágrimas, flores e votos de paz com Deus. Depois tive a idéia de que me despenquei daquele repouso de limiar, para um compartimento mais profundo de mim mesmo e não tive qualquer impressão que me afetasse a memória.

Quando despertei, me achava cercado pela bondade de duas senhoras que me pareceram duas mães que eu não conhecia. Na suposição de que me achava em tratamento de recuperação, guardando ainda muitas falhas na lembrança, por isso perguntei pelos meus. Foi a vovó Maria quem me respondeu se não a reconhecia, pois nos amava tanto. . . Deu-se-me a conhecer ao ânimo combalido e me disse o seu nome querido, Maria Bortoleto Faggion, informando-me que a companheira era a minha outra avó, a vovó Luíza, e então, compreendendo tudo o que me queriam dizer com a delicadeza de quem não quer incomodar, reconheci que o corpo juvenil havia ficado a distância. Posso dizer-lhes que chorei, porque, embora alguma compreensão me beneficiasse, eu me sentia na condição de uma planta arrancada ao chão que era meu. . .

Talvez porque a emoção me arrastasse a sentimentos profundos, sem que eu percebesse o processo de minhas novas observações a distância, vi a mãezinha chorando, o papai Hermenegildo acabrunhado, o irmão pensativo e a tristeza da nossa Luíza Aparecida, do-

minada pelo sofrimento que em mim passou a ser um martírio sem tamanho.

Não preciso alongar-me nestes apontamentos; já sabem que estamos aceitando os desígnios de Deus, com o auxílio do tempo. A vovó Maria me recomenda pedir-lhes a todos que me auxiliem. Preciso refazer-me na própria segurança. Agradeço à querida mamãe todas as preces e votos por minha paz, e desejo a toda a nossa querida família essas mesmas bênçãos.

Não desapareci. Isso seria impossível. Se a semente não morre e sim se transforma, se a lâmpada apagada em vista de algum estrago pode ser substituída para que a luz reapareça, por que motivo a chamada desencarnação haveria de ser o fim da pessoa criada por Deus?

Peço aos queridos pais e aos irmãos queridos que nos consolemos. Deus nos dará outras esperanças e outras alegrias. Aguardemos, trabalhando para o bem.

Não posso estender-me neste comunicado assim longo. Quero, porém, comunicar à mãezinha que o Mon-senhor Siqueira tem me auxiliado muito e que as orações dos meus por mim têm me trazido muitas bênçãos.

Querido papai Hermenegildo, querida mamãe e querido irmão, desculpem-me se aqui termino. Muitas lembranças à querida irmã Luíza Aparecida, e que os pais sempre lembrados e o irmão sempre amigo guardem a certeza de que continuam vivendo em meu coração.

Que Deus nos abençoe.

Humberto Furlan.

Notas e Identificações

1 - Psicografia de Francisco C. Xavier, em reunião pública do GEP, Uberaba, 8/1/1982.

2 - *Antônio Marcos* — Irmão, presente à reunião.

3 - *Vovó Maria Bortoleto* — Maria Bortoleto Faggion, bisavó materna, falecida em Rib. Preto, a 8/2/1980.

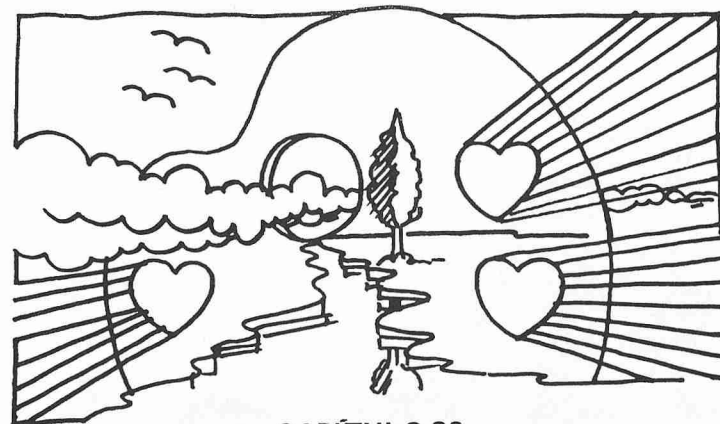
4 - *Procurei ler páginas que me preparasse para qualquer eventualidade* — Seus pais confirmam este interesse do filho por livros espíritas, embora a família fosse católica.

5 - *Vovó Luíza* — Luíza Fachin Furlan, avó paterna, falecida em Rib. Preto, a 8/12/1952.

6 - *Luíza Aparecida* — Irmã.

7 - *Monsenhor Siqueira* — Identificado no Cap. 1, Nota 7.

8 - *Humberto Furlan* — Nasceu em Rib. Preto, aos 26/4/1965. Cursava, com bom aproveitamento, a 2a. série colegial.

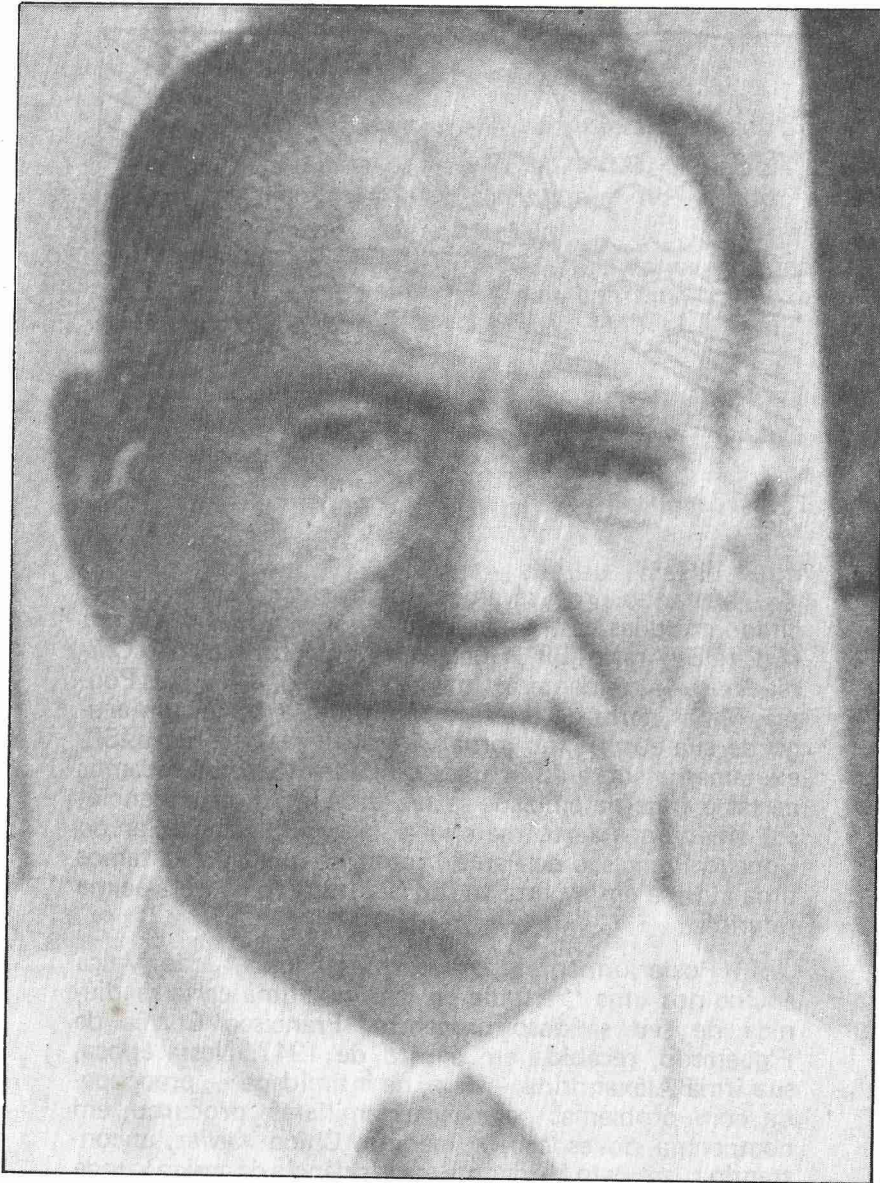


CAPÍTULO 20

CARINHO PATERNAL

Quando procurávamos identificar o Padre Victor, citado em duas cartas mediúnicas do livro *Eles Voltaram* (Ed. IDE, Araras, SP), localizamos o confrade João Corrêa Veiga — residente à Rua 14 de Julho, 140, Três Pontas, Minas, terra do referido sacerdote —, ao ler um artigo de sua autoria, no jornal *A Nova Era*, de Franca, SP, exatamente sobre as virtudes do Padre Victor. Trocamos cartas e fraterna amizade se fez entre nós. Muito atencioso, enviou-nos farto material sobre a vida apostolar do Cônego Francisco de Paula Victor, do qual apresentamos uma síntese em a Nota 14, do Capítulo 16 da obra acima referida.

Posteriormente, para surpresa nossa, João Veiga enviou-nos uma "reliquia de família": uma carta mediúnica de seu saudoso progenitor Francisco Corrêa de Figueiredo, recebida em agosto de 1947. Nesta época, sua irmã Alexandrina — Neta, na intimidade —, preocupada com problemas pessoais e familiares, procurou, em companhia do esposo, o médium Chico Xavier, encontrando-o em Belo Horizonte, na residência de amigos, onde



Francisco Corrêa de Figueiredo

ele psicografou a seguinte mensagem, escritório de muito carinho paternal e profundos ensinamentos evangélicos:

“Falo-lhes com a experiência de um homem que foi obrigado a reaprender na morte o que não pôde entender nos trabalhos da vida humana. (. . .) Nenhuma mensagem de nosso plano pode ultrapassar a grandeza do Evangelho Redentor.”

Meu filhos, meus amigos. Deus nos abençoe.

Sinto a prece pronunciada por nossa irmã qual escada de luz, por onde me reúno feliz ao lado de vocês. Estou contente, minha boa Neta, em face desta hora de espiritualidade que nos reaproxima. Como expressar em palavras as vibrações do reconhecimento infinito? Poderíamos, acaso, condicionar no dedal minúsculo da mente as ondas divinas do Oceano da Vida Eterna?

Oh! filha querida, meu espírito desperta mais intensamente para a verdade. A morte me arrebatou às sombras da existência humana para conduzir-me o ser às praias sublimes do conhecimento superior. Logo depois de minha vinda, concedeu-me o Senhor a dádiva de cooperar com vocês em espírito no trabalho santo da fraternidade cristã. Mas, a Bondade Ilimitada do Supremo Pai convocou-me a outras fontes, a mananciais mais altos da Revelação para ser mais útil. Não me encontro ausente do círculo querido, onde comecei a abençoada luta. Renovo pensamentos e sentimentos em esfera mais elevada, recebendo aquele “acréscimo de misericórdia”, para cujo resgate, perante o Céu, conto com a valiosa cooperação de vocês.

Digam ao nosso João que eu estou de pé, amando mais e sentindo mais intensamente as bênçãos que o Mestre Divino nos confia.

Eu sei que vocês estão lutando dificilmente por reajustar a tranqüilidade espiritual em nosso meio e compreendo, em particular, minha filha, os trabalhos que o seu lar vem experimentando. O sofrimento, porém, é o nosso testemunho de salvação. A dor é sempre renovadora, sempre benéfica. A tempestade que ameaça e ruge entre nuvens sombrias acaba por lavar o horizonte. O fogo que dilacera costuma purificar. Não recuemos diante dos espinhos que a senda nos oferece. Todos aqueles que perseveraram na disputa de alegrias transitórias, muitas vezes utilizando a própria oração, nada mais fazem que procurar a fuga da oportunidade de redenção. As pedras no mundo constituem base às construções mais sólidas. Fugam, pois, das areias da fantasia.

Falo-lhes com a experiência de um homem que foi obrigado a reaprender na morte o que não pôde entender nos trabalhos da vida humana. Afinal, vocês todos permanecem aí no mundo de passagem para cá. Ninguém escapará ao sol da verdade espiritual. Urge, pois, entregar ao Senhor as nossas aflições, a fim de que haja suficiente serenidade em nosso espírito para atender às justas obrigações. Deus faz sempre a maior e a melhor parte de nosso ministério na Terra, quando sabemos cumprir os nossos deveres pequeninos de criaturas falíveis.

Eu não tive a felicidade de penetrar tão extensamente no templo do Evangelho como vocês, enquanto carreguei o peso do corpo material. Vocês, contudo, guardam a glória do conhecimento cristão. Oh! jamais permitam que semelhante mensagem do Mestre se demore estagnada nos lábios. Trabalhem, movimentem-se, sirvam Àquele que nos ama desde o princípio. Às vezes é necessário morrer na carne qual me aconteceu, para que nossa consciência desperte efetivamente para a realidade imortal. Aí no mundo, nem sempre as circunstâncias fa-

vorecem. Um dilúvio de obstáculos mergulham-nos os pés em perturbações aparentemente insignificantes. Não há arca de proteção que nos salve de semelhante sufocação, quando olvidamos a prece e a vigilância.

Entretanto, filha querida, a experiência na Terra é uma escola bendita. Tudo o que constitui impedimento para a vitória da alma é lição que devemos aproveitar, superando as próprias fraquezas. Aqui onde vivo agora não somos conhecidos pela abundância das graças, pelo primor dos dons, pela dilatação dos dias que recebemos da Bondade de Deus na tarefa do corpo carnal. Somos identificados pela nossa utilização dos talentos e possibilidades colocados em nossas mãos. Não é a existência que interessa na apreciação de nossos Benfeitores. É a substância da existência que fala por nós no caminho. Aceitar a revelação de Jesus envolve compromisso grave do coração. Não bastará que sejamos curados por Ele. É indispensável erguer o espírito das fantasias que nos adormeceram o coração e segui-Lo, adiante, caminho afora, abandonando os velhos sentimentos que nos caracterizam, a fim de ressurgirmos n'Ele, nosso Mestre e Senhor.

Espero que vocês me entenderão as palavras. São filhas do meu paternal coração que deseja vê-los cada vez mais ativos na materialização da fé renovadora que abraçamos.

Somos de parecer que as suas atividades mediúnicas prossigam interrompidas. Esperamos o ensejo de cooperar com mais eficiência na construção dos nossos ideais. Mas, continuem todos atentos à verdadeira e legítima comunhão com Jesus, nos atos, palavras e pensamentos de cada dia.

Aqui estão comigo o Clóvis e a irmã Elisa, e todos nós permanecemos em serviço de auxílio.

O nosso infatigável padre Victor, ainda e sempre, é o silencioso herói que em nome de Jesus espalha bênçãos e dádivas às mãos cheias. Correspondamos à renúncia e ao devotamento que nos dispensa invariavelmente. Aquele abençoado céu de Três Pontas está cheio de irradiações salvadoras desse gênio tutelar.

Filhos, meu filhos, façamos o bem para esquecer os nossos próprios males. Os braços que se ocupam na sementeira da luz nunca serão imobilizados pelas trevas. A mente que se enche de contemplação sublime para iluminar a atividade cristã na Terra jamais se embeberá no vinagre das desilusões; e o coração que deixa correr em seu santuário interior a fonte da água viva, nunca sofrerá a passagem dos detritos do mundo.

Lembrem-se de Jesus e sigamos para a frente. Nenhuma mensagem de nosso plano pode ultrapassar a grandeza do Evangelho Redentor. Cuidamos de todos os interesses de vocês, tanto quanto nos é possível, inclusive as menores questões alusivas à vida material; todavia, para que nossa missão tenha êxito é indispensável que vocês estejam vigilantes no cultivo da iluminação interior a benefício dos seus interesses eternos. Recordem que tudo passa no campo das formas e caminhem valorosos na vanguarda dos que não somente aceitam o Cristo e veneram-n'Ó, mas também lhe consagram suas energias e suas aspirações, acompanhando-Lhe os passos divinos para a Eternidade Gloriosa.

Perdoem-me se não pude ser portador de comunicado diferente. A mão escreve sempre aquilo de que o vaso do coração está cheio. E o meu coração está repleto agora de ânsias de salvação, de ardente desejo de acordá-los mais fortemente para a grandeza indefinível da vida cristã, a fim de que nos reunamos, mais tarde, no Lar de Divina Comunhão com a Luz dos Séculos.

Que Deus abençoe a vocês todos e nos ajude a

alcançar os objetivos de nossas dores na peregrinação para o Alto, são os votos do papai muito amigo de sempre,

Francisco.

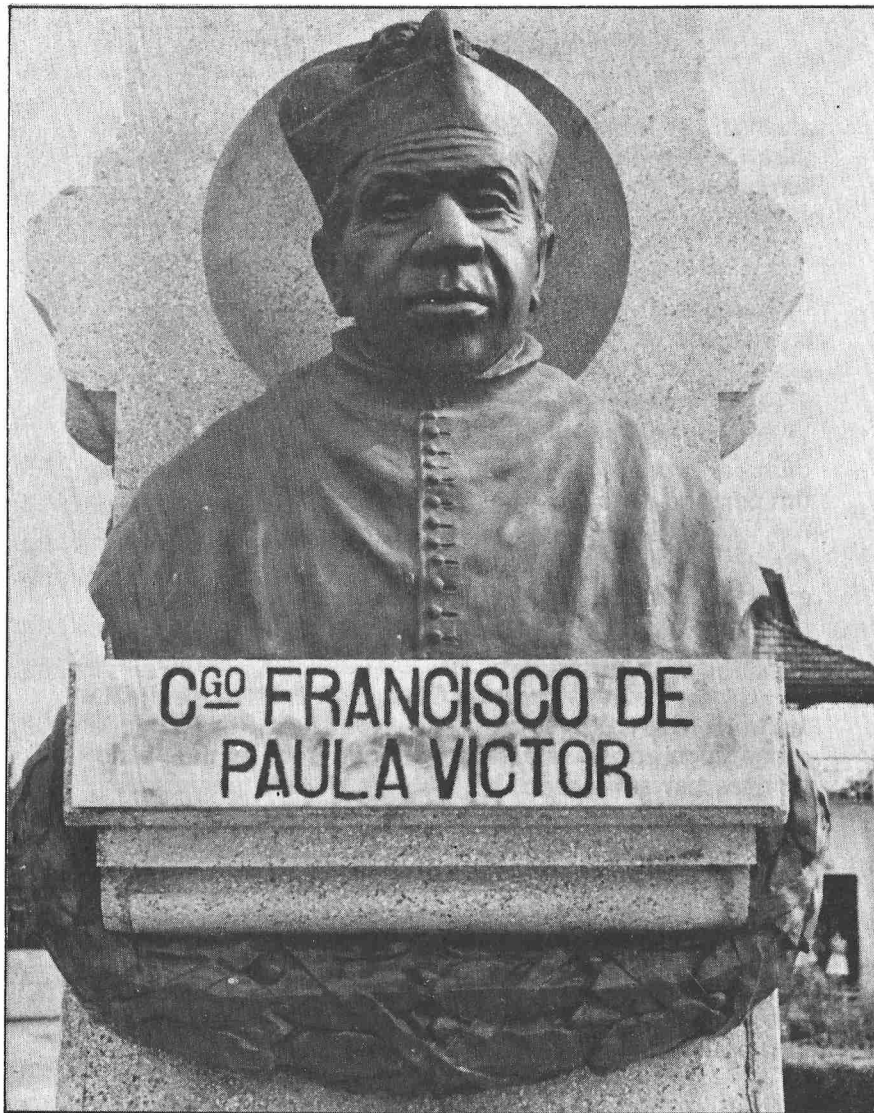
Notas e Identificações

1 - *João* — Seu filho, João Corrêa Veiga.

2 - *Somos de parecer que as suas atividades mediúnicas prossigam interrompidas* — Sua filha atravessava um período difícil, com a saúde abalada.

3 - *Aqui estão comigo o Clóvis e a irmã Elisa* — Clóvis Corrêa de Figueiredo, seu irmão, desencarnado em 1912, com 15 anos. Elisa Reis Veiga Lima, desencarnada em 1935, foi a primeira esposa do Dr. Veiga Lima, marido de Alexandrina.

4 - *Padre Victor* — Cônego Francisco de Paula Victor (1827-1905). "Ele veio para Três Pontas ainda moço, logo após sua ordenação. Dois trespontanos beneméritos haviam legado, para a obra de assistência social, a enorme área que ocupava todo um quarteirão, com frente para a praça da Matriz, ostentando nessa frente o casarão imenso. (. . .) ficou aquele prédio destinado a estabelecimento de ensino, a antiga Escola Normal, por ele dirigida. (. . .) A mansão de Padre Victor transformara-se numa espécie de santuário, de templo de saber, da educação de jovens, de moços e moças. Ali, a pessoa venerada e veneranda daquele que atualmente é considerado o santo de Três Pontas, passou toda a sua longa existência terrena, desdobrando-se não somente nos setores de sua missão de sacerdote, como ainda de professor, de educador, de assistente dos lares, das famílias, das pessoas ricas e pobres, como era habitual entre



"O nosso infatigável padre Victor, ainda e sempre, é o silencioso herói que em nome de Jesus espalha bênçãos e dádivas às mãos cheias." (Herma erguida na principal praça de Três Pontas, MG — Praça Cônego Victor —, defronte à Matriz, com a legenda: "Sua vida foi um Evangelho. Sua memória, a sagração eterna de um exemplo vivo. Homenagem ao valor e à virtude. 1929.")

os cristãos dos primeiros séculos." (Tópicos de um artigo de João Corrêa Veiga para a *Revista Comemorativa* do 121.º Aniversário de Três Pontas, 1978.) Padre Victor é co-autor espiritual do livro *Praça da Amizade*, recentemente psicografado por Chico Xavier. (Ed. CEU, São Paulo, SP, 1982, p. 39.)

5 - *Francisco* — Francisco Corrêa de Figueiredo (1880-1944), agricultor, sempre viveu em Três Pontas, casando-se com D. Clara, que lhe deu 10 filhos. Normalista pela antiga Escola Normal, dirigida pelo Pe. Victor, sempre foi estudioso, interessado em conhecimentos gerais, sem demonstrar inclinação pelas questões religiosas, daí afirmar-se que "foi um homem obrigado a reaprender na morte. . ." Poucos anos antes de sua desencarnação, presenteou seu filho João com o livro *Crônicas de Além-Túmulo*, do Espírito Humberto de Campos (F.C. Xavier, FEB, Rio), adquirido numa viagem a Lins, SP, e que é guardado carinhosamente.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1 - René Oliva Strang	14
2 - Página psicografada de uma carta de Renezinho	30
3 - Certidão de Nascimento do filho de Renezinho.	47
4 - Sandra Regina Muniz	50
5 - Dr. José Murillo Netto	56
6 - Gerard Patrick Castelnaud	64
7 - Rui Vagner Garcia	72
8 - Roberto de Salas (Garibaldi)	80
9 - Alberto Davoli	86
10 - Reginaldo Ramalho	92
11 - Carlos César Pereira Basílio	96
12 - Fernanda Coghi Cruañes	104
13 - Início e final da carta de Fernanda	108
14 - Carlos Alberto dos Santos Costa	112
15 - Pedro Luiz de Carvalho Costa	118
16 - Ângelo Luizari Filho	122
17 - Antônio Jabur Neto	128
18 - Júlio Fernando Leite de Sant'Anna	134
19 - Paulo Marcelo Reis Azevedo	142
20 - Assinatura de Paulo Marcelo em dois momentos	154
21 - José Eduardo Jorge	156
22 - Mônica Martins Bizarro	162
23 - Humberto Furlan	166
24 - Francisco Corrêa de Figueiredo	172
25 - Cônego Francisco de Paula Victor	178

Composto e Impresso pelo INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Rua Emílio Ferreira, 123 - 13.600 - Araras - Estado de São Paulo
C.G.C. n.º 44.220.101/0001-43 - Inscrição Estadual 182.010.405
em Março de 1983.

